



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE

@KWÊ-XERENTE:
A RESSIGNIFICAÇÃO DAS TRADIÇÕES CULTURAIS E
O PROTAGONISMO INDÍGENA NO FACEBOOK

Palmas (TO), setembro de 2018.

ELVIO JUANITO MARQUES DE OLIVEIRA JÚNIOR

@KWÊ-XERENTE:
A RESSIGNIFICAÇÃO DAS TRADIÇÕES CULTURAIS E
O PROTAGONISMO INDÍGENA NO FACEBOOK

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. André Demarchi

Palmas (TO), setembro de 2018.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

O48@ Oliveira Júnior, Elvio Juanito Marques de .
@KWÊ-XERENTE: A RESSIGNIFICAÇÃO DAS TRADIÇÕES
CULTURAIS E O PROTAGONISMO INDÍGENA NO FACEBOOK . / Elvio
Juanito Marques de Oliveira Júnior. – Palmas, TO, 2018.
130 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em
Comunicação e Sociedade, 2018.

Orientador: André Demarchi

1. Comunicação. 2. Sociedade. 3. Indígenas. 4. Redes Sociais. I. Título

CDD 302.2

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

ELVIO JUANITO MARQUES DE OLIVEIRA JÚNIOR

@Kwe-Xerente: A resignificação das tradições culturais e o protagonismo indígena no Facebook

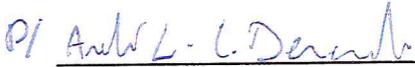
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 18/09/2018

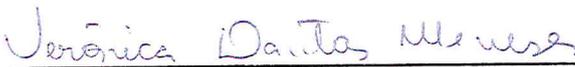
Banca Examinadora:



Dr. André Demarchi
Universidade Federal do Tocantins
Orientador



Dra. Eliete da Silva Pereira
Universidade Estadual de Minas Gerais
Primeiro avaliador



Dra. Verônica Dantas Menezes
Universidade Federal do Tocantins
Segundo avaliador

Palmas, 18 de setembro de 2018.

Aos Akwê-Xerente e ao mestre André, pelo sim e por esta pesquisa. Ao meu avô Manoel Pankararu (in memoriam), em nome de toda minha comunidade Pankararu do Tocantins por não desistirem de lutar. Aos meus pais, Elvio e Arlete, irmãos, sobrinhas, avó Ana e demais parentes. Aos amigos pela compreensão e motivação, em especial Taianne, Rose, Vanildo, Diana, Alessandra Leite, Yulli e Diego.

*Viva aceso, olhando e conhecendo o mundo que o rodeia, aprendendo como um índio (...)
seja uma índio na sabedoria (Darcy Ribeiro).*

AGRADECIMENTOS

Aos Akwê-Xerente, em nome do ancião Sonzé Xerente: pelas histórias e por me transformarem em um ser mais humano. Obrigado pelo sim.

Ao meu orientador André: por cada conselho, paciência, orientação, ensino, críticas (extremamente construtivas) e por acreditar neste sonho, nesta pesquisa, nos meus ideais e não desistir. Obrigado, me tornei melhor a cada orientação!

Ao meu avô Manoel Pankararu (in memoriam) e Genildo Pankararu, em nome de toda minha comunidade indígena Pankararu do Tocantins. Meu avô me ensinou o que é respeito não apenas pelas tradições culturais indígenas, mas com todos. Por seus ideais, a luta pela terra continua. Obrigado!

À minha avó Ana Belforte, aos meus pais, Elvio e Arlete, meus irmãos, Mariana e Luan, sobrinhas Maria Júlia e Luiza, em nome de todos os familiares. Obrigado por acreditarem na pessoa que sou.

Aos amigos do mestrado e para a vida Taianne, Rose e Vanildo: vocês não só me ensinaram, mas me fortaleceram nesta caminhada.

À professora Adriana Tigre: pela motivação na pesquisa indígena ainda na graduação de Comunicação Social - Jornalismo.

Aos amigos da jornada da vida Yulli e Alessandra Leite, além de Diego e família, em nome de todos os outros: ter a força, motivação, ajuda e compreensão pelas horas difíceis só me fortalece a continuar. Obrigado!

Caminhar e semear, já dizia Cora Coralina.

OLIVEIRA JÚNIOR, Elvio Juanito Marques de Oliveira Júnior. *@kwẽ-Xerente*: a resignificação das tradições culturais e o protagonismo de indígenas de Tocantínia-TO no Facebook. 2018. 130f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade), Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2018.

RESUMO

Discute-se aqui os povos Akwẽ-Xerente, habitantes do cerrado brasileiro, e suas relações com as redes sociais digitais. Analisa-se a apropriação das tecnologias de comunicação e informação por esta população indígena, especialmente nas aldeias Salto e Porteira, e as consequências culturais e sociais desse processo. A pesquisa utilizou-se dos métodos da etnografia e da ramificação conhecida por etnografia digital ou “netnografia”, o que possibilitou o aprofundamento em torno da historicidade sociocultural e das tecnologias na Área Indígena Xerente. Além disso, é compreensível que os Akwẽ, ao estarem no “ciberespaço”, especialmente no *Facebook*, estão diante da “indigenização da modernidade”, em que resignificam suas tradições com a presença do universo digital, paralelo à manutenção de seus elementos culturais próprios, como o ritual Dasipe. Assim, o ciberativismo indígena se faz presente, enfatizando o protagonismo e o empoderamento Akwẽ. Os Xerente são também digitais, aqui nomeados de *@kwẽ-Xerente*. O presente trabalho comprova por fim que não há substituição de traços culturais por tecnologias, pelo contrário, há um nítido processo de complementação em que a cultura akwẽ é potencializada pelas redes sociais digitais

Palavras-Chave: Akwẽ-Xerente – Facebook – Resignificação – Cultura – Redes sociais digitais

OLIVEIRA JÚNIOR, Elvio Juanito Marques de Oliveira Júnior. @kwẽ-Xerente: the resignification of cultural traditions and the role of indigenous people of Tocantínia-to Facebook. 2018. 130f. Master Dissertation (Graduate Program in Communication and Society), Federal University of Tocantins, Palmas, 2018.

ABSTRACT

The interaction between Akwẽ-Xerente people and digital social networks is discussed in this work. It analyzes the appropriation of communication and information technologies by this indigenous population, especially in the tribes Salto and Porteira, as well as the cultural and social consequences of this process. The research used the methods of ethnography and branching, known as digital ethnography or netnography, which allowed the deepening around the socio-cultural historicity and technologies in the Xerente Indigenous area. In addition, it is understandable that the Akwẽ, being in the "cyberspace", especially on Facebook, are facing the "indigenization of modernity", in which they resignify their traditions with the presence of the digital universe, parallel to the maintenance of their own cultural elements, as the Dasipe. Thus, indigenous cyber-activism is present, to the point where they emphasize the empowerment of Akwẽ-Xerente. Therefore, the Xerente are also digital, here named Akwẽ-Xerente, and also prove that there is no substitution of pluricultural traits for technologies, on the contrary, there is a clear process of complementation in which culture is enhanced by digital social networks

Keywords: Akwẽ-Xerente - Facebook – Resignification - Culture - Digital social networks

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1. Akwê-Xerente no Centro de Memória Xerente, em Tocantínia-TO - 2012..... | 20 |
| Figura 2. Caciques, anciãos e a presença da língua akwê, durante reunião no Centro de Memória Xerente em 2012 | 26 |
| Figura 3. Pintura Akwê-Xerente durante o Dasîpe na aldeia Salto, em 2017..... | 28 |
| Figura 4. Pintura durante o ritual Dasîpe na aldeia Salto em 2017..... | 29 |
| Figura 5. Pinturas dos clãs kuzâ, kbazi e kritó que compõem a metade Doí..... | 30 |
| Figura 6. Pinturas dos clãs wahire, krozaké e krêprêhi que compõem a metade wahire..... | 31 |
| Figura 7. Dasîpe - Nomeação de crianças na aldeia Salto em 2017..... | 32 |
| Figura 8. Mapa do Tocantins com as Áreas Indígenas demarcadas..... | 36 |
| Figura 9. Área Indígena Xerente, aldeia Funil..... | 37 |
| Figura 20. Vacas e casas do PROCAMBIX na aldeia Porteira em 2017..... | 38 |
| Figura 11. Sucatas do PROCAMBIX no Centro de Memória Xerente - Tocantínia..... | 41 |
| Figura 12. Criança Akwê no século XXI: Centro de Memória Xerente, em 2012..... | 41 |
| Figura 13. Escola da aldeia Porteira em 2017..... | 46 |
| Figura 14. Valci Xerente - cacique e atual vereador de Tocantínia..... | 52 |
| Figura 15. Xerente conectado na aldeia Salto, em 2017..... | 53 |
| Figura 16. Casa do ancião Valdeciano Xerente e as tecnologias: aldeia Salto..... | 54 |
| Figura 17. Sala de informática da Escola Estadual Indígena Srêmtowe, aldeia Porteira..... | 60 |
| Figura 18. Cliques Xerente: tecnologias nas aldeias..... | 70 |
| Figura 19. Venda de artesanato no Facebook..... | 73 |
| Figura 20. Divulgação de CD Xerente..... | 74 |
| Figura 21. Post na língua nativa Akwê..... | 75 |
| Figura 22. Bate papo..... | 78 |
| Figura 23. Akwê utilizam tecnologias no pátio da escola..... | 79 |
| Figura 24. Denúncia de buracos nas estradas Xerente..... | 87 |
| Figura 25. Xerente se manifesta online e off-line..... | 88 |
| Figura 26. Srewe Xerente, produtor de conteúdo da fan page Nação Xerente..... | 91 |
| Figura 27. Página Nação Xerente - Tocantínia-TO..... | 92 |

| | |
|--|-----|
| Figura 28. Jogos de futebol Xerente como publicação..... | 97 |
| Figura 29 e 30. Notícia e reivindicação..... | 97 |
| Figura 31 - Publicação sobre o MATOPIBA..... | 98 |
| Figura 32. Publicação sobre o ATL..... | 99 |
| Figura 33. Imagem aérea da aldeia Salto..... | 101 |
| Figura 34. Edvaldo Xerente, o produtor de conteúdo..... | 102 |
| Figura 35. Web aldeias Xerente..... | 102 |
| Figura 36. Divulgação de artesanato..... | 105 |
| Figura 37 e 38. Cultura e tradição Xerente no Facebook..... | 107 |
| Figuras 39,40, 41 e 42. Ativismo digital Xerente..... | 108 |
| Figura 43. Dasípe com presença das tecnologias na aldeia Salto, em julho de 2017..... | 110 |
| Figura 44. O warã tecnológico na aldeia Salto, em julho de 2017..... | 111 |
| Figura 45. No centro o warã e o meio de comunicação interna da aldeia Salto, em julho de 2017..... | 112 |
| Figura 46. Homens no mato se preparam para o Dasípe e registram..... | 113 |
| Figura 47. Dasípe registrado e guardado..... | 114 |
| Figura 48. Registrando e guardando o Dasípe..... | 114 |
| Figura 49 e 50. No Facebook, o Dasípe..... | 116 |
| Figura 51. Digitalnativo durante o Dasípe, em 2017 na aldeia Salto..... | 118 |

LISTA DE TABELAS E QUADROS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1. População Xerente..... | 43 |
| Tabela 2. Números de aldeias Akwê-Xerente..... | 43 |
| Quadro 1. Aldeias Akwê com acesso à internet..... | 65 |
| Quadro 2. Elementos culturais Akwê e após a apropriação das tecnologias..... | 75 |
| Quadro 3. <i>Fan pages</i> /Comunidades/Perfis sobre os indígenas do Tocantins..... | 89 |
| Quadro 4. Tradições Xerente sendo retratadas na <i>fan page</i> Nação Xerente - Tocantínia-TO..... | 92 |
| Quadro 5. Assuntos identificados no perfil de Edvaldo Xerente..... | 106 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|---|
| PPGCom | Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade |
| UFT | Universidade Federal do Tocantins |
| CEP | Comitê de Ética em Pesquisa |
| CONEP | Comitê Nacional de Ética em Pesquisa |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| CNPq | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico |
| T.I. | Terra Indígena |
| FUNAI | Fundação Nacional do Índio |
| DSEI-TO | Distrito Sanitário Especial Indígena do Tocantins |
| CEMIX | Centro de Ensino Médio Indígena Xerente - Warã |
| TIC | Tecnologias de Informação e Comunicação |
| PHBC | Projeto Harvard Brasil Central |
| TV | Televisão |
| PCH | Pequena Central Hidrelétrica |
| PNAD | Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios |
| CNA | Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil |
| NEAI | Núcleo de Estudos e Assuntos Indígenas |
| EJA | Educação de Jovens e Adultos |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 15 |
| PARTE I – A HISTÓRIA AKWÊ..... | 20 |
| 2. AKWÊ, DAS MARGENS DOS RIOS TOCANTINS E SONO, UMA VIAGEM PELA HISTÓRIA..... | 20 |
| 2.1. Akwê kutabi: o começo..... | 21 |
| 2.2. Séculos XIX e XX: desafios, penúria e costumes no aldeamento Tereza Christina..... | 24 |
| 2.3. Akwê, da gente à língua: uma pausa sobre cultura..... | 25 |
| 2.3.1. Do traço ao círculo, o povo Akwê e seus clãs..... | 27 |
| 2.3.2. Do Dasípe à carne moqueada: Tradições seculares..... | 31 |
| 2.4. Nas terras Akwê, eis os novos desafios do século XX..... | 35 |
| 2.4.1. Akwê com terra: ainda no século XX..... | 38 |
| 2.5. Novos Akwê, novas aldeias e um novo tempo: virada de século (XX –XXI)..... | 41 |
| 2.5.1. Desafios do ensino Akwê: dos costumes a educação bilíngue | 44 |
| 2.6. Na cidade de Tocantínia: “esses índios”, “esses Xerente”..... | 49 |
| 3. @NAÇÃOXERENTE: DA TECNOLOGIA NA ALDEIA AO AKWÊ DIGITAL..... | 53 |
| 3.1. Os guardiões da memória Akwê diante das tecnologias..... | 54 |
| 3.2. Surge à luz e depois as tecnologias..... | 57 |
| 3.3. Waikamase e Srêmtowe: o surgimento da internet e escolas conectadas..... | 60 |
| 3.4. Akwê conectados no ciberespaço: os dias atuais..... | 66 |
| PARTE II - @KWÊ-XERENTE..... | 70 |
| 4. O CIBERESPAÇO E AS RESSIGNIFICAÇÕES DAS TRADIÇÕES..... | 72 |
| 4.1. Do warã ao ciberespaço, a reterritorialização..... | 79 |
| 4.2. Cultura e “Cultura” e os Akwê-Xerente | 83 |
| 5. O CIBERATIVISMO AKWE..... | 87 |
| 5.1. A “Nação Xerente” construindo um Ciberativismo: por Srewe Xerente..... | 90 |
| 5.2. Web Xerente, a produção de conteúdo de um ativista digital..... | 101 |
| 6. DASÍPE: TE NOMEIO E TE NAVEGO @KWÊ..... | 110 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 119 |
| REFERÊNCIAS..... | 122 |
| ANEXOS..... | 131 |

1 INTRODUÇÃO

Na margem direita do Rio Tocantins e à esquerda do Rio Sono, entre a serra de Lajeado, em meio ao esplêndido e rico cerrado tocantinense, com árvores medianas como pequi ou palmeiras como o buriti, além de uma imensa diversidade de fauna local, no município de Tocantínia, encontrei os Akwê-Xerente. Percebi nos diálogos travados com eles que poderia desenvolver análises importantes a serem discutidas e apresentadas, especialmente sobre o protagonismo indígena na internet.

Com uma população aproximada de 4 mil indígenas, “(...) junto com os Xavante e Xakriabá, são classificados como Jê Centrais” (SCHROEDER, 2010, p. 67). Além deles, no território do Estado do Tocantins vivem os Karajá, Javaé, Karajá/Xambioá, Krahô, Apinajé e Krahô/Kanela, formando os povos indígenas¹ do estado do Tocantins, além dos Pankararu, Avá-Canoeiro e Kanela do Tocantins, estes últimos originários de outros estados brasileiros, mas que vivem, há vários anos, nas terras tocantinenses e ainda lutam pela demarcação territorial.

A população indígena brasileira, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Censo de 2010, somam 896.917 pessoas, sendo que 324.834 vivem em cidades e 572.083 em áreas rurais, o que corresponde aproximadamente a 0,47% da população total do país, sendo 305 etnias indígenas, com 274 línguas diferentes. Dessa forma, cada um destes povos possuem seus traços próprios, suas culturas, suas línguas e modos de viver, o que contribui para desmistificar a ideia equivocada do “índio genérico” (FREIRE, 2000), como se todos os indígenas fossem iguais, como compreende (erroneamente) grande parte da sociedade brasileira.

A presente pesquisa surge a partir de um interesse pessoal de dar voz aos povos indígenas brasileiros, dos quais faço parte, visto que sou Pankararu, grupo indígena originário do Estado de Pernambuco, que há mais de 70 anos reside também no Tocantins, nas cidades de Gurupi, Figueirópolis e atualmente em Palmas. Desde 2001, lutamos pela demarcação da Terra ou Reserva Indígena Pankararu do Tocantins, porém burocracias do sistema governamental e o constante descaso com as populações nativas dificultam esse processo. Um direito dos povos indígenas que não é garantido na prática.

¹ As informações são do Núcleo de Estudos e Assuntos Indígenas (NEAI) da UFT, disponível em: <http://www.uft.edu.br/neai/?page_id=28>. Acesso em: 14 abr 2017. No Tocantins, segundo os dados do IBGE de 2010, são 14.118 indígenas, divididos em 14 terras indígenas demarcadas, um total de 2.597.578,00 hectares.

Além disso, essa dissertação surge ainda após o meu primeiro contato e pesquisa com estes povos. Lembro-me como se fosse hoje. Os meus olhos se emocionaram ao ver a organização das casas, a maneira de viver, os costumes, a pintura corporal e a aparente simplicidade de uma vida na aldeia. Algo que não vivenciei pela ausência da terra indígena demarcada do meu povo Pankararu.

O ano era 2012, estava ainda na graduação de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Tocantins - UFT, quando os visitei pela primeira vez e comecei a realizar uma Pesquisa de Iniciação Científica, por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Foram apenas 3 (três) visitas à aldeia Porteira. O objetivo era identificar os meios de comunicação utilizados por esta comunidade, sob orientação da professora Dr^a. Adriana Tigre Lacerda Nilo, juntamente com o acadêmico Claudio Chaves Paixão.

O tempo passou. De lá pra cá, o meu interesse aumentou gradativamente e alavancou os meus objetivos de refletir sobre a temática das populações indígenas diante dos meios de comunicação. E, com isso, retomei minha pesquisa, graças ao mestrado em Comunicação e Sociedade da UFT. Em uma das etapas da pesquisa e como contrapartida ao povo Akwê, resolvi realizar uma oficina destinada à população Akwê-Xerente na Câmara Municipal de Vereadores de Tocantínia, no centro da cidade, com o tema “Redes Sociais: o que precisamos saber?”. Na ocasião, apresentei a história, as principais redes sociais digitais existentes e o funcionamento de tais ferramentas. Cerca de duas dezenas de Xerente participaram. Assim, foi uma forma de manter um maior contato e apresentar a proposta da pesquisa. Neste mesmo dia, consegui a autorização dos caciques das aldeias Salto e Porteira para adentrar nas Terra Indígena (T.I.) Xerente e realizar a pesquisa.

Com as mudanças provocadas pelo tempo e pelos processos de modernização social, os povos indígenas, através das tecnologias de comunicação e informação, puderam redimensionar e ressignificar suas formas de interação, comunicação, informação e seus modos de viver, indianizando esses elementos centrais do mundo moderno (SAHLINS, 1997), processo denominado pelo autor de “indigenização da modernidade”.

Entre os meios de comunicação que fortaleceram as novas relações socioculturais dessas populações estão os meios digitais, no chamado ciberespaço² (LÉVY, 1999).

² “O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o

Senti ainda uma enorme necessidade de aprofundar e exemplificar melhor a presença indígena no ciberespaço e as implicações disto. E vi nos Akwẽ-Xerente essa oportunidade, pela constante apropriação das tecnologias de comunicação e informação, especialmente das redes sociais digitais. Seria muito cômodo analisar a minha própria comunidade, por isso acabei escolhendo uma outra comunidade indígena. Assim, optei por desenvolver a pesquisa de campo em duas aldeias, das 69 existentes na Área Indígena Xerente, sendo elas Porteira-Nrozawi e Salto-Kripré. Além de serem as aldeias com maior número de moradores, foram as primeiras a terem acesso à energia elétrica e a possuírem internet disponibilizada pelas escolas (*wi-fi*) e antenas de operadoras de telefonia e internet.

Parti da seguinte problemática: Como ocorrem as formas de apropriação das redes sociais digitais pelos Akwẽ-Xerente? E diante disto, quais transformações essas apropriações operam na cultura e na vida social deste povo? Já que os Akwẽ-Xerente, ao se apropriarem³ das redes sociais digitais, estão criando novas formas de se relacionar, de comunicar e se informar no ambiente de suas aldeias.

Foram 10 meses, entre idas e vindas no cerrado de Tocantínia, na terra Akwẽ. Durante os meses de junho a setembro de 2017, passei a realizar o trabalho de campo para a produção da primeira parte desta pesquisa, que diz respeito à historicidade. E entre os meses de dezembro a maio, passei a construir a segunda parte, ou seja, o *corpus* desta pesquisa, intercalado entre a vivência de campo nas aldeias citadas e a análise no ambiente virtual de membros da população Xerente. Em meio à pesquisa, realizei duas oficinas sobre a história das redes sociais, sendo a primeira antes da coleta de dados com o objetivo de apresentar a importância da pesquisa e a segunda ao fim da coleta de dados, proporcionando um retorno para a comunidade analisada. Vale lembrar que neste período realizei os processos de aprovação da pesquisa junto ao CEP/CONEP da UFT e ainda a autorização da FUNAI para ingresso na terra indígena Xerente, que estão nos anexos desta pesquisa.

Para o trabalho de campo, utilizei os métodos da etnografia e ainda da etnografia digital, visto que esta primeira "(...) é a compreensão do ponto de vista do outro, sua relação com a vida,

universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo" (LÉVY, 1999, p.17).

³ "O que é enfatizado é um processo de partilha e apropriação em perspectivas multidirecionais. Uma perspectiva do contato que busca entender o que se designa por dimensões interativas e improvisadas dos encontros culturais" (GONÇALVES, 2010, p.87).

bem como a sua visão do mundo" (MALINOWSKI, 1976, p.36), e parte da vivência e coleta de dados, com entrevistas “centradas no contexto” (FLICK, 1995), em que o próprio indivíduo analisado narra sua história e constatações. Segundo Malinowski:

[...] em primeiro lugar, como é óbvio, o investigador deve guiar-se por objectivos verdadeiramente científicos, e conhecer as normas e critérios da etnografia moderna; em segundo lugar, deve providenciar boas condições para o seu trabalho, o que significa, em termos gerais, viver efectivamente entre os nativos, longe de outros homens brancos; finalmente, deve recorrer a um certo número de métodos especiais de recolha, manipulando e registrando as suas provas (MALINOWSKI, 1976, p.18)

O segundo método é a etnografia digital, netnografia, etnografia virtual, webnografia ou etnografia online, como são comumente chamadas. Essa metodologia é relevante para a realização de pesquisas envolvendo o ciberespaço, “já que é possível acessar registros independentemente do momento em que ele foi feito, cabendo ao pesquisador a contextualização desses dados para inferir sua análise” (BITENCOURT, 2014, p.93).

Com a etnografia no ambiente virtual acentua-se a percepção de como as tecnologias da comunicação online “são capazes de reelaborar e reestruturar os atores sociais e a produção de cultura no ciberespaço” (FERRAZ e ALVES, 2017, p.14). Segundo os mesmos autores, entre os procedimentos comuns de coletas de dados na prática etnográfica digital estão: a coleta de dados, realizada através do *Facebook*; a observação online, a partir de publicações, fotos, textos, vídeos em perfis ou comunidades virtuais e as conhecidas páginas de fãs (*fan pages*), além das entrevistas online. Todos esses procedimentos foram utilizados na análise com os povos Akwẽ. Entre as dificuldades encontradas para aplicação deste método estão: a identificação de perfis e páginas no *Facebook* com manutenção constante de conteúdos, produtores de conteúdo das comunidades analisadas e respostas das entrevistas via ambiente online.

O presente trabalho está dividido em duas partes. Na Parte I, apresentam-se a trajetória histórica do povo Akwẽ e o surgimento da eletricidade e das tecnologias nas aldeias, tendo como referência as narrativas contadas dos anciões e outros membros das aldeias Salto e Porteira.

Já a Parte II traz análises do uso de tecnologias e das redes sociais digitais, especialmente do *Facebook*. Trago ainda discussões teóricas sobre a nova forma de “habitar” por meio da internet (DI FELICE, 2005), chamado também de “local digital” (PEREIRA, 2013), que modifica o território e a memória histórica, que “transcende as formas de comunicar, altera as noções de espaço e de tempo [do real ao virtual]” (DI FELICE e PEREIRA, [200-?], p.10). Por fim, analiso páginas e perfis

produzidos pelos próprios Xerente, em que dão publicidade aos seus anseios e, com isso, se enquadram como ativistas digitais, por terem em suas publicações características do ciberativismo ou net ativismo indígena. No último capítulo, reforço a ressignificação das tradições a partir da apropriação das tecnologias digitais. Analiso, assim, o Dasipe, o maior evento ritualístico dessa população indígena.

Diante desse cenário introdutório, a pesquisa com povos indígenas no âmbito da comunicação, especialmente no universo digital, são recentes e contrariam os diversos equívocos existentes, porque para muitos “índio na Internet’ significaria o contrário de ‘índio’ (DI FELICE e PEREIRA, [200-?], p.10). Além disso, a etnografia e etnografia digital tem importância acadêmica porque são poucos os estudos sobre os indígenas diante das redes sociais digitais. No Tocantins, por exemplo, pesquisas com este enfoque não foram identificadas. E ao traçar um percurso histórico das apropriações que os Akwẽ fazem das tecnologias, penso que estou colaborando com o registro da memória Akwẽ.

É apenas um caminho sendo traçado. Apenas um deles. Chamo aqui de caminho digital dos Akwẽ. São as vozes dessa população indígena a partir das minhas percepções.

PARTE I - A HISTÓRIA AKWÊ

2 AKWĒ, DAS MARGENS DOS RIOS TOCANTINS E SONO, UMA VIAGEM PELA HISTÓRIA

Figura 1. Akwê-Xerente no Centro de Memória Xerente, em Tocantínia-TO - 2012



Foto: Elvio Marques

Entre uma e outra casa, nas aldeias Porteira-Nrozawi e Salto-Kripré, eu me deparei com diversas histórias e fatos, tecendo um universo chamado por eles de “Nação Xerente”. Escolhi iniciar essa história por meio das narrativas de anciões⁴ dessas aldeias, reconhecidos como “guardiões da memória”.

Ao longo desse percurso conheci outros membros dessas comunidades e tantas outras histórias foram reveladas. Fatos estes que não poderiam ficar de fora e o serão descritos a seguir. É

⁴ Anciões é uma categoria de organização social das aldeias Akwê. Estes são definidos pelo conhecimento das tradições e históricos do povo indígena, sendo aqueles com idade superior aos outros membros da comunidade. Há um entendimento entre eles de que quanto mais velho for a pessoa, mais conhecimento do seu povo o ancião ou anciã terá. O que difere do cacique, que é escolhido entre os clãs para liderar seu povo, e do Pajé, que é aquele que tem conhecimento medicinal e/ou espiritual.

um longo caminho, mas fundamental, especialmente para compreensão das particularidades desses povos ou de seus elementos simbólicos próprios.

2.1. Akwẽ kutabi: o começo

*A história é para ser contada.
É para ser lembrada.
(Valdeciano Kasumã Xerente).*

Nas visitas à aldeia Porteira, conheci o ancião Sonzé Xerente, 81 anos, que com seu jeito acolhedor, passava tardes nas sombras das mangueiras, contando histórias do que vivenciou e aprendeu com os seus pais, anciãos e outros membros da comunidade. Junto com suas histórias, estava nitidamente presente os mitos e a cosmologia, contados ao tom suave de sua simpatia e simplicidade. Paralelo às visitas à aldeia Porteira, me dirigia também à aldeia Salto, sempre uma após a outra. Em uma destas ocasiões conheci o ancião Valdeciano Kasumã Xerente, 79 anos, atencioso, sorridente e paciente para relatar as histórias desse povo e explicar os seus modos de viver e se organizar. Ambos me trouxeram dados valiosos sobre os Akwẽ-Xerente. É com ajuda deles que inicio essa narrativa histórica.

*No Brasil, o índio já existia, como os Akwẽ... encostado no Pau Brasil, nas matas... daí saiu andando⁵ pelas matas, rios e espalhou pelo país todo e se dividiu. Akwẽ quer dizer gente. Esse nome Xerente foi depois que o homem branco nos deu.
Sonzé Xerente.*

*No começo, bem no começo, vivíamos tudo junto, Xerente, Xavante e Xakriabá, principalmente perto dos rios Sono e Tocantins, e a nossa terra ia até lá perto do Maranhão...pra lá, passava perto de Araguaína... por lá...assim...Era tudo junto numa única aldeia...não tinha separação. **Valdeciano Kasumã Xerente.***

Como ressaltado por Sonzé, estes povos nativos se autodenominam Akwẽ (gente, pessoa, indivíduo, humano). Xerente é o nome que foi lhes atribuído por não indígenas, como bem ressalva Rodrigo Mesquita (2009, p. 19), “objetivando sua diferenciação dos demais grupos indígenas, principalmente do Xavante”.

Historicamente, os primeiros contatos dos Akwẽ-Xerente com a população não indígena,

⁵ “A história aponta que esse povo deslocava-se de um território para outro adotando uma mobilidade diretamente ligada à cosmologia do grupo, uma vez que compreendiam que a terra “precisava descansar” para depois ser novamente ocupada” (SILVA e SOUZA, 2015, p. 111).

assim como os Xavante⁶, datam do século XVIII. Ao se intensificarem as bandeiras em busca de jazidas de ouro na região do Tocantins e do Araguaia, surgem “as primeiras referências documentais acerca dos grupos Xerente e Xavante” (SCHROEDER, 2010, p.68). Nesse mesmo trajeto histórico, Darcy Ribeiro (1996, apud LIMA, 2016, p.122) confirma que por volta de 1785, as relações dos indígenas eram “pacíficas com o governo da capitania de Goiás”, especialmente na região onde atualmente está localizado o município de Tocantínia.

Assim, nos primeiros contatos com a sociedade envolvente (não indígenas) ou “brancos”, como eles costumam se referir, era notável uma relação conflituosa, visto que os conflitos na região são constantes, “até a segunda metade do século XX, quando acontece a demarcação das Terras Indígenas ocupadas pelo Xerente atualmente” (MELO, 2016), que será narrado nos próximos capítulos. É o que me relata o ancião Sonzé Xerente, intercalando suas falas por meio de mitos, contos e espiritualidade.

O índio foi caçar, a pedido de Deus [Waptokwá], daí encontrou um homem branco. E Deus mostrou o gado pra eles, o gado era pra ser criado por índio, mas foi o homem branco que ficou cuidando depois, porque o índio não quis, era ruim pra cuidar. O índio preferiu também a flecha. E o branco a espingarda, o tiro, depois foi o carro... e assim foi. Tinha branco matando índio aí direito. Aí depois começou a viver com o branco... até hoje.

Ainda no século XVIII, os não indígenas, especialmente os colonizadores e missionários religiosos da Igreja Católica adentraram também as terras onde habitavam os Akwê-Xerente, que teriam, notavelmente, outros objetivos, como aldeamentos e uma busca constante para tentar converter ou catequizar os indígenas para outras religiões, especialmente o cristianismo (SCHROEDER, 2010).

Ao adentrar o século XIX é possível notar, nas histórias dos anciãos e nos dados bibliográficos, que os Xerente têm novos contatos com os não indígenas, dessa vez por meio de conflitos com garimpeiros e fazendeiros vindos do sul do Brasil (FARIAS, 1990, apud MESQUITA, 2009). “Eles queriam nossa terra, mas nós também brigamos por ela, alguns morreram..”, me conta Sonzé Xerente. Isso ocasionou a invasão e retirada de forma indevida desses nativos de seus locais de origem, reduzindo o território e, conseqüentemente, provocaram

⁶ “Os Xerente, junto com os Xavante e Xakriabá, são classificados como Jê Centrais.” (SCHROEDER,2010, p. 67). Os Xavante estão localizados nos estados de Goiás e Mato Grosso. Já os Kakriabá vivem no Estado de Minas Gerais.

interferências impositivas nas formas de viver dos Akwê, além de terem relações conflituosas uns com os outros.

Ocupavam [os Akwê] um extenso território que ia desde a bacia do Rio Tocantins, no sul do Estado de Goiás até o Estado do Maranhão, mas que foi drasticamente reduzido pelas expedições colonizadoras. Os Akwê-Xerente enfrentaram a ambição dos criadores de gado que cercavam o território de norte ao sul impactando diretamente a sobrevivência do grupo, tendo em vista que o gado afugentava a caça. Enfrentaram também as bandeiras e os garimpeiros que adentravam o território em busca de ouro e diamantes, além de terem sido submetidos à política indigenista fundada na lógica positivista de integração dos povos indígenas à sociedade nacional (SILVA e SOUZA, 2015, p.110- 111).

Para tanto, nesse mesmo século, sendo mais específico em 1851, nas margens do rio Tocantins, o capuchinho italiano Frei Rafael de Taggia fundou o aldeamento Teresa Christina⁷ (depois Piabanha; hoje Tocantínia) e ali reuniu 2.139 Xerente e Xavante, já que sua missão era aldear os indígenas (SCHROEDER, 2010, p. 69). A relação com a Igreja católica e a construção do aldeamento Teresa Christina, hoje Tocantínia, é reafirmado pelo ancião Sonzé Xerente.

Foram nos empurrando...empurrando pra lá. E fomos levados a morar no aldeamento [Tereza Christina]. Aí começaram a vir gente de outros lugares pra morar aí em Tocantínia... tinha gente que não era índio por lá...depois vieram os padres... e foram os índios que ajudaram os padres... aí os índios ajudaram a construir a Igreja e depois as casas. É foi o Xerente que ajudou a crescer Tocantínia. Tem branco que não gosta de índio, mas a gente gosta de todo mundo.

Assim, devido às imposições da sociedade envolvente, os Xavante foram mais resistentes e se recusaram a ter outras relações (SCHROEDER, 2010) e começaram a se distanciar dos demais. Dessa forma, ficaram na região onde hoje é Tocantínia apenas os Akwê-Xerente.

(...) Assim, aqueles que se recusavam ao contato se refugiaram ao norte da província e em direção ao rio Araguaia, até transpô-lo. Estes foram chamados de Xavante, descritos como ferozes e bárbaros. Os outros que se mantiveram em seu território, favoráveis ao convívio e desejosos do contato com os civilizados, foram

⁷ O primeiro nome da atual Tocantínia foi Tereza Christina (nome do aldeamento), em homenagem a então Imperatriz do Brasil. Depois em virtude da proximidade com o Ribeirão Piabanha, passou a se chamar Piabanha. Anos depois, em 1936 adotou o nome de Tocantínia, sendo elevada a categoria de município em 1953. A Igreja de São Sebastião foi construída inicialmente em adobe pelos Xerente e depois, com o tempo, passou por outras restaurações, desta vez feita pelos moradores.

chamados de Xerente (RAVAGNANI, 1991, p. 64-67, apud SCHROEDER, 2010, p.69).

Além de não quererem um contato com os não indígenas, os Xavante viviam ainda uma relação conflituosa com os Xerente, como me contam os anciões Sonzé e Valdeciano Xerente:

*Os Xavante não aceitavam o contato com o homem branco e ainda brigavam com a gente... e aí foram embora daqui...foram lá pras terras de Goiás... ficou só os Xerente aqui. E o Xakriabá foi se acabando e outros foram se embora... Aí tinha Xerente aqui desse lado [direito] do rio Tocantins, aqui em Tocantínia, e também do outro lado do rio [esquerdo], onde é Miracema e Miranorte. **Sonzé Xerente.***

*Outra coisa é que Xavante e Xerente brigavam demais. Eles mudaram pra Goiás...pra lá... a gente ficou aqui...Com um pouco foi chegando os brancos... a gente ia deixando...eu não gostava muito...mas viramos amigos...porque muitos brancos nos respeitavam. Hoje tá tudo misturado índio com branco e assim vai...Eu sou limpo, porque não me casei com branco. Mas tivemos muitos contatos com os brancos, até hoje. **Valdeciano Kasumã Xerente.***

Curt Nimuendaju foi um dos primeiros estudiosos que descreveu consistentemente os povos Xerente no século XX e os chamou de “*akwe kutabi*” (1929, apud, SCHROEDER, 2010, p. 69) “expressão que usam atualmente para enfatizar que alguém é Xerente puro ou verdadeiro”.

2.2. Séculos XIX e XX: desafios, penúria e costumes no aldeamento Tereza Christina

No final do século XIX e início do século XX, o povo Akwẽ-Xerente continuava buscando sua sobrevivência, em meio às imposições e contatos, principalmente de posseiros e fazendeiros que continuavam ocupando as terras indígenas (MESQUITA, 2009). Nessa época, portanto, as notícias sobre esse povo retratavam “um estado de penúria, de perda de seus territórios e de falta de assistência [...]” (SCHROEDER, 2006, p. 32-33). Como me contou o ancião Valdeciano Xerente, sem o sorriso que costumava estampar no rosto.

Teve briga com os fazendeiros, eles tinham armas, balas, teve Xerente que morreu...lembro de dois Xerente que foram muito massacrados. Tudo porque queriam terra de Xerente... criar gado...e a gente só queria nossa terra...nosso lugar...que é nosso.

Esse contato desordenado e as imposições provocadas pelos não indígenas trouxeram problemas relacionados também ao crescimento populacional. Prova disso é que a população Akwẽ, em 1874, era de mais de 4000 índios, já em 1957 eram apenas 350 pessoas (SILVA e SOUZA,

2015). A retomada do crescimento populacional só acontece após a demarcação das terras na década de 1970, como relatarei posteriormente. Assim, “(...) os últimos dois séculos foram marcados pelo desgaste da sociedade indígena Xerente, que viveu e vive sob a pressão do contato com os não índios (...)” (MESQUITA, 2009, p.26).

Neste mesmo período histórico, sendo mais específico em 1958, quando viviam situações de calamidade, os Akwẽ-Xerente passaram a conviver com novos missionários religiosos, desta vez, evangelizadores da Igreja Batista. Este momento passa a ser outro marco histórico para as comunidades indígenas e até mesmo para a comunidade do aldeamento Tereza Christina, atualmente Tocantínia. As lembranças da imersão dos missionários são enfatizadas nas falas de Valdeciano Xerente, ao reforçar que os religiosos trouxeram interferências na língua e até mesmo na religiosidade. Algo que prevalece até os dias atuais.

Quando os pastores aqui chegaram, eles pensaram que iam acabar com nossa cultura...ensinando tudo deles, do homem branco. Era o Deus do jeito deles. A língua deles... tudo era deles. Essas músicas deles, essas orações só servem pra eles...não serve pra nós. Nós fomos resistentes a muita coisa, mas outras não. Eu mesmo estudei um pouco. Eles até conseguiram traduzir nossa língua... mas ensinaram outra. Mas, e a nossa? Cadê a nossa? Quem vai lembrar...quem vai nos ajudar? Temos que ensinar... Eu falo assim, depois de tanta coisa do homem branco, nossa cultura pode acabar, mas vamos tentar... tentar pra não acabar.
Valdeciano Xerente.

Notavelmente, os Akwẽ-Xerente estariam, ao se relacionarem com os não indígenas, modificando e redimensionando seus modos de viver. Entre essas apropriações estão a religião e a comunicação, que pontuarei melhor em capítulos posteriores. Mas vale a reflexão de que, embora possuem atos de se comunicar, a religião é um meio de comunicação com o divino [dentro da percepção do cristianismo] e a segunda são atos de comunicação com humanos, sejam os membros de sua própria comunidade ou de outros ambientes socioculturais.

2.3. Akwẽ, da gente à língua: uma pausa sobre cultura

Figura 2. Caciques, anciãos e a presença da língua akwẽ, durante reunião no Centro de Memória Xerente em 2012.



Foto: Elvio Marques

Akwẽ, além de ser uma palavra que os Xerente usam para se autodenominarem, refere-se à língua que falam, que é passada de geração em geração, como me contam os anciões Sonzé e Valdeciano Xerente, ressaltando a busca incansável pelo uso contínuo da língua desses povos.

*Deus [Waptokwá] que deu essa língua, a akwẽ, desde que nos criou. Nós não esquecemos nossa língua. A gente vai um ensinando o outro... fomos andando, falando e ensinando a língua akwẽ e assim surgiu. **Sonzé Xerente.***

*Sempre existiu nossa língua, desde quando Xerente é Xerente...desde o começo. A gente aprendeu igual vocês aprenderam o português...um vai ensinando pro outro. Nós anciões ensinamos pros nossos filhos, que vai ensinando pro outro...e assim vai...mãe e pai ensinando filho. E a cultura, pintura, costumes, lendas, cânticos na língua akwẽ...quem sabe é o ancião...Ele deveria ensinar. **Valdeciano Xerente.***

A língua akwẽ pertence ao tronco Macro-jê⁸ e à família linguística Jê⁹, que abarca grupos que possuem línguas e tradições culturais próximas umas das outras.

Os povos Jê, da região central do Brasil, são considerados como os habitantes tradicionais dos campos cerrados, embora atualmente alguns grupos vivam na floresta, para onde foram empurrados pelas pressões da expansão da fronteira nacional, já há mais de um século. Além dos Akwẽ (Xerente e Xavante) também os Timbira (Canela, Apinayé, Krahó, Gavião e Krikati) e os Kayapó (Gorotire, Txukahamãe, Kuben-kran-kegn, Kuben-kragnotire, Diore e Xikrin) são considerados Jê, entre outros (NIMUENDAJÚ, 1942 apud MESQUITA, 2009, p.25).

Os Akwẽ-Xerente se comunicavam apenas por meio da língua akwẽ, porém com a chegada dos missionários e outros não indígenas foi inevitável a inclusão da “língua do homem branco”, como eles costumam se referir. É o que me conta o ancião Sonzé Xerente:

A gente só falava Akwẽ, daí chegou o homem branco e começamos a aprender língua de homem branco. E aos poucos foram tirando nossa língua. A gente teve que aprender pra sobreviver com eles... e porque eles queriam nos ensinar. Agora a gente sabe os dois... Eu só sei falar a língua do branco, mas não sei escrever. Tem muita gente aí que sabe os dois, principalmente os mais novos. Mas, a língua boa e verdadeira é a nossa... Tem índio aí indo embora da aldeia e esquecendo... aprendendo a língua de homem branco e esquecendo a nossa.

Os Akwẽ-Xerente, portanto, falam e compreendem também o Português. Outros escrevem e leem, e visto que houve intermédio do ensino nas aldeias e na cidade, tornaram-se indígenas bilíngues, como aprofundaremos posteriormente. Porém, antes de adentrar ao ensino indígena Akwẽ e outras modificações culturais, precisamos compreender ainda alguns elementos culturais que resistem ao tempo e as interferências da sociedade envolvente.

2.3.1 Do traço ao círculo, o povo Akwẽ e seus clãs

⁸ “Além dos Jê Centrais, há ainda os Jê setentrionais, que habitam diferentes territórios localizados entre Tocantins, sul do Maranhão, e sudeste do Pará. São eles: os timbira orientais (Krahô; Krikati, Canela- Ramkokamekra, Apaniekra e Gaviões – Parakateyê, Pukobyê-); timbira ocidentais (Apinajé); Kayapó Mebengokre (Xikrin e Gorotire); Suyá e Panará. E os Jê Meridionais, que habitam territórios descontínuos na região sul do Brasil. Esse grupo é composto pelos Kaingang e Xokleng” (MELO, 2010, p. 36 e 37).

⁹ Os Jê eram tidos como povos de cultura marginal, até a década de 40, segundo Melo (2010, p. 37): “Essa classificação englobava todas as sociedades ameríndias caracterizadas por um suposto primitivismo que estaria expresso pelo desconhecimento da agricultura, pelo nomadismo, pela precariedade das habitações e pela ausência de cerâmica”.

Figura 3. Pintura Akwê-Xerente durante o Dasïpe na aldeia Salto, em 2017



Foto: Elvio Marques

A despeito da existência de novos modos de viver e adaptação de seus costumes, as pinturas corporais dos Akwê-Xerente, juntamente com a língua akwê e seus rituais como o Dasïpe (que será analisado posteriormente), são exemplos de elementos simbólicos ou sinais diacríticos (BARTH, 1995) seculares, que os diferem de outros povos nativos e criam, assim, fronteiras étnicas (BARTH, 1995) com outras identidades culturais.

Nas pinturas corporais, os Akwê-Xerente trazem traços próprios que são utilizados para diferenciar os clãs entre si. Numa manhã, enquanto os Xerente se preparavam para o Dasïpe na aldeia Salto, o ancião Valdeciano Xerente me explicou cada traço e contou a história do surgimento dessas pinturas, que têm as mesmas formas para homens e mulheres, sendo pintada nos braços, peito e barriga, além das pernas.

Tudo começou quando Deus [Waptokwá] pediu pra desenhar no chão uns traços e bolas... aí o Xerente desenhou e depois começou a pintar um no outro. E fomos passando e ensinando de geração em geração. No início a pintura era feita com carvão e água... essa é a verdadeira. Depois que veio o jenipapo. O carvão é mais rápido pra sair, daí descobriram esse tal de jenipapo, demora mais. Aí assim... a pintura é igual pra homem e pra mulher, criança e idoso não fecha a linha de

cima, perto do pescoço. Eu não fecho mais porque sou idoso e voltei a ser criança. Cada pintura é um clã e uma metade... E tem outras pinturas que são especiais, igual os dos seguranças, policiais das festas aqui na aldeia, que são duas bolas e um traço, um fazendo a segurança pro outro... e tem aquela no rosto, pros homens...durante o Dasîpe.

Figura 4. Pintura durante o ritual Dasîpe na aldeia Salto em 2017



Foto: Elvio Marques

Como visto o traço e o círculo marcam e diferem metades e clãs, a partir de uma organização social chamada de “dualismo estrutural, que tem como base a divisão sociocsmológica nas metades Doí e Wahirê, associadas respectivamente ao sol e a lua. Essas metades são patrilineares e idealmente exogâmicas. Cada uma delas é composta por três clãs” (MELO e GIRALDIN, 2012, p. 178). Como me explicam os anciãos:

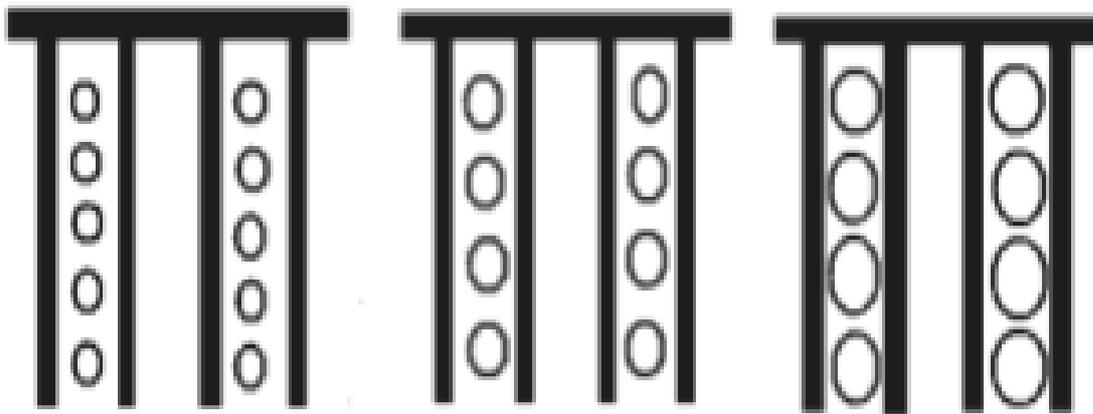
*São seis pinturas diferentes, são seis clãs. Primeiro veio o risco [traços]... e depois veio a bola [círculo], imitando uma semente redonda e ainda os tracinhos dentro dos riscos. Tudo era pra tornar diferente cada clã. Depois cada Xerente foi aprendendo o seu e assim vai...O Xerente se pinta quando quer, vai lá na mata pega jenipapo, traz e se pinta. Mas, a gente gosta de se pintar apenas nos rituais e festas. **Sonzé Xerente.***

Os clãs são uma forma de respeito nosso, um pelo o outro...e para dividir melhor. O Xerente é um único povo, mas cada um tem seu clã... eu tenho o meu clã, a

minha organização...assim fica mais organizado. É tipo pra mostrar que aqui dentro existe uma organização...os brancos também não tem a deles? Pois é, nós temos a nossa. Valdeciano Xerente.

Para melhor entendimento dessas pinturas e divisões de metades e clãs, nota-se as figuras abaixo:

Figura 5. Pinturas dos clãs kuzâ, kbazi e kritó que compõem a metade Doí



Fonte: MELO, 2010.

Figura 6. Pinturas dos clãs wahire, krozaké e krêprêhi que compõem a metade wahire



Fonte: MELO, 2010.

Círculos pequenos, médios e grandes designam respectivamente os membros dos clãs kuzâ, kbazi e kritó que compõem a metade Doí. Já o traço, é motivo pictórico distintivo da metade Wahire. A distinção dos clãs da metade wahire é feita pela disposição dos traços, que podem ser horizontais (no caso dos krozaké) e verticais (wahire e krêprêhi) (MELO, 2016, p. 12).

Melo (2010) complementa ainda que essas diferenciações de pinturas¹⁰ estão relacionadas com as noções básicas de sociabilidade Xerente, entre clãs e metades¹¹, e até mesmo para diferenciar os dois times de corrida de tora: Steromkwã e Htamhã, na terminologia de parentesco wanõri (nós, consaguíneos)/ wasimpkoze (eles, afins), nos times esportivos e durante a realização de rituais.

Os Akwẽ, segundo Melo (2016, p. 12), “não se pintam cotidianamente, apenas em ocasiões rituais”, pois muitas vezes são nestes momentos em que há a participação de não indígenas ou são ocasiões em que eles mesmos registram suas tradições, sendo, por vezes, a forma como querem ser vistos pela sociedade envolvente.

Lembro-me da minha primeira pintura Akwẽ, no dia 19 de abril de 2017, no dia do Índio, realizado pelo Grupo Pet Indígena “Conectando Conhecimentos” na UFT, campus de Porto Nacional. Os traços nos meus braços foram realizados por um Xerente, que pintou apenas os traços maiores (externos), visto que os não Akwẽ não podem ter os traços ou círculos (internos) que diferem um clã de outro. A metade e o clã são estipulados somente após a participação no Dasĩpe (que contarei melhor no próximo subcapítulo).

Entre outras coisas, veremos também que a pintura corporal, a língua e rituais são tradições seculares que garantem sinais diacríticos em meio às transformações que são apresentadas e fazem parte da realidade desses indígenas. As novas mudanças, especialmente as tecnológicas, serão discutidas na parte II dessa pesquisa.

2.3.2. Do Dasĩpe à carne moqueada: Tradições seculares

¹⁰ A pintura corporal, que difere cada clã, é feita com o jenipapo (tinha preta) e pedaço de madeira, há ainda para outras pinturas a presença do urucum (tinta vermelha), ambos são encontrados no cerrado e preservados pelos nativos. Vale lembrar que aquelas pintadas de jenipapo tem uma durabilidade de cerca de 10 dias.

¹¹ Essas divisões ou metades levaram Maybury-Lewis (1979, apud MELO, 2010, p. 38 - 39) a tratar os Jê como sociedades dialéticas, ou seja, “sociedades que se estruturam através de uma multiplicidade de metades que ora se opõem ora se complementam”.

Figura 7. Dasïpe - Nomeação de crianças na aldeia Salto em 2017.



Foto: Elvio Marques

Era verão tocantinense, no mês de julho de 2017, quando cheguei para participar do Dasïpe, realizado durante uma semana na aldeia Salto. Quem sempre me guiava com as devidas explicações e histórias era o ancião Valdeciano Xerente.

Dasïpe é a nomeação, tipo um batizado com os nomes akwẽ. É uma semana de preparação. É assim: no primeiro dia a gente se pinta, se prepara, quem quiser pode vir participar (não indígenas). Aí os homens vão fazendo o warã¹², casa no centro da aldeia, pega os pau e as palhas... onde vão ficar os pajés, caciques e homens...mulher não pode...fica em casa. A gente passa nas casas cantando e convidando o povo pra dar os nomes pra ser nomeado. O pai que vai trazer pra nós o nome de cada criança. Primeiro é a nomeação das meninas... crianças

¹² “A palavra Warã significa, simultaneamente, a casa dos homens que ficava no centro da aldeia e o próprio espaço do centro da aldeia onde as lideranças e anciãos se reuniam para decisões importantes” (SILVA e SOUZA, 2015, p. 111).

meninas...Daí a noite tem corrida de tora...torinha também...brincadeiras com as crianças e assim vai. Nos últimos dias tem nomeação dos meninos... é ponto mais forte do ritual. A gente vai cedo pro mato... só os homens...as mulheres ficam em casa fazendo a comida... a gente passa o dia lá, cantando, dançando, rezando...depois, lá pelas quatro horas da tarde, a gente começa as nomeações, tem dança e canto. Os mensageiros, já pintados e preparados vão falando os nomes akwê das crianças cantando e nomeando. Daí a criança passa a ter o nome akwê. Os visitantes também podem ser nomeados, uma forma de dizer que eles são parte do nosso povo.

O Dasîpe é o mais conhecido ritual pela sociedade envolvente e mais importante para os Xerente, que acontece frequentemente entre os meses de julho e agosto, no qual as crianças recebem seus nomes na língua akwê. “Para cada criança um nome, um canto e uma dança” (BARROSO, 2016, p.80). No passado ele ocorria em intervalos de aproximadamente oito anos, sendo que atualmente pode ocorrer em intervalos menores. “Cada aldeia organiza a sua. Tem outros índios [de etnias diferentes] que também fazem a nomeação, mas não é o Dasîpe, cada povo coloca seu nome, na sua língua”, me pontua Valdeciano.

É durante o Dasîpe que se observa o uso constante de aparelhos tecnológicos, como celulares, como forma de registro e comunicação por imagens. Em síntese, os indígenas utilizam tecnologias de comunicação e informação para o registro e realização de determinadas ações no ritual de nomeação, mas que só foi introduzida no presente século XXI. E que aprofundaremos em capítulo posterior.

É importante ressaltar que a cosmologia Akwê, segundo Melo (2010), compreende tudo que está na natureza tem vida, tem uma alma, chamada *da hiemba*:

O cosmos está dividido em três níveis, a terra (tka), que foi criada e transformada pelo sol, é onde vive o homem e alguns animais; o céu (hêwa), que é sustentado por uma grande árvore, é onde vivem as estrelas e um outro povo, e o mundo subterrâneo (tka kamô) que é onde vivem animais ferozes como o porco queixada, um grande espírito xamânico. (...) Partindo desse pressuposto, as matas e os rios são concebidos como povoados por uma infinidade de espíritos. (...) As “entidades”, tidas como donos-controladores, interferem diretamente no fornecimento da caça, dos peixes, na produtividade das roças e, através do feitiço, controlam as ações predatórias dos homens (MELO, 2010, p. 65-66)

Outro traço cultural importante são as comidas típicas, como a *carne moqueada e ainda a*

*massa de mandioca assada*¹³, que normalmente são preparados durante as festas de casamento, nomeação (Dasipe) e após a corrida de tora.

São duas comidas que mais gosto. Tem aquela feita com massa de mandioca, é assim: coloca fogo na madeira...no chão mesmo...espalha a massa da mandioca, deixa assar ali umas duras horas... daí vai tirando a terra, rapa a sujeira e fica a massa assada. E tem a carne moqueada... que é só abrir um buraco...coloca pedra...pau..fogo... pega a carne de caça e coloca em cima das pedras ...tampa com palha de buriti e terra...deixa assar...sem tempero...até ficar pronta.
Valdeciano Xerente.

Os rituais dos Akwê, portanto, trazem além de traços próprios, uma relação com elementos cosmológicos e simbólicos. Outros rituais são mantidos pelos Akwê, tal como os rituais fúnebres e os casamentos. “O ritual funerário (Kupré) e os casamentos também constituem eventos marcantes da cultura akwê que podem ser observados nos dias atuais” (MELO e GIRALDIN, 2012, p. 181). E não apenas os rituais que são preservados, mas a relação subjetiva com o meio ambiente.

Os Xerente, assim como os Krahô, acreditam que tudo o que compõe o meio ambiente tem alma. Os relatos sempre ressaltam o caráter independente que permite a uma alma tomar a aparência de diferentes seres e se aventurar através das experiências oníricas. Assim, **de acordo com a cosmologia Xerente a essência comum, não só faz vivos todos os seres (animados ou inanimados), como também possibilita a existência de diferentes realidades cósmicas e a interação entre os seres que as habitam** (MELO, 2010, p.60, grifo nosso).

Vale destacar, a partir dessa citação de Melo (2010), que os Xerente possuem uma relação subjetiva com a natureza, sendo sujeito e não apenas um mero objeto, como é para a sociedade não indígena. Assim, é notável que a cada história contada sempre há no meio deles um alimento, um artefato, um animal do cerrado ali presente. Assim, os Xerente vivem numa relação de proximidade com o meio ambiente, visto que extraem do cerrado a sua sobrevivência, ritos e costumes, tais como seus alimentos, remédios, sementes e frutos para pintura corporal, além de matéria prima para confecção das casas e do artesanato, como a palha de buriti, a semente de *tirica* e o capim dourado. “A gente luta pra não acabar, mas o branco quer acabar, mas a gente vai lutar”, reforça o ancião Valdeciano Xerente.

¹³ Essa massa de mandioca assada é chamada de paparuto pela autora Barroso (2016, p.83).

A luta pela preservação de suas terras e sua cultura continuam no século XX e prevalecem até o presente momento, como veremos a seguir. A partir desse período histórico terão ainda que conviverem em meio às transformações provocadas pelo tempo.

2.4 Nas terras Akwê, eis os novos desafios do século XX

É durante o processo de demarcação das terras indígenas que surgem novas conquistas e desafios para os Akwê. Em 1972, após anos de espera, foi demarcado o primeiro território dessa população indígena, com 167.542 hectares, denominada Terra Indígena Xerente. Mais de 10 anos depois, em 1988, a segunda área foi demarcada, “denominada Terra Indígena Funil, com 15.703 hectares” (MESQUITA, 2009, p.26), formando assim a Área Indígena (A.I) Xerente. Mesquita (2009) reforça que a demarcação também fortaleceu e motivou os Xerente, que viviam resignados com a ideia de que a extinção do grupo era inevitável. Como bem explica os anciões Sonzé e Valdeciano Xerente, que retratam os benefícios da terra indígena demarcada:

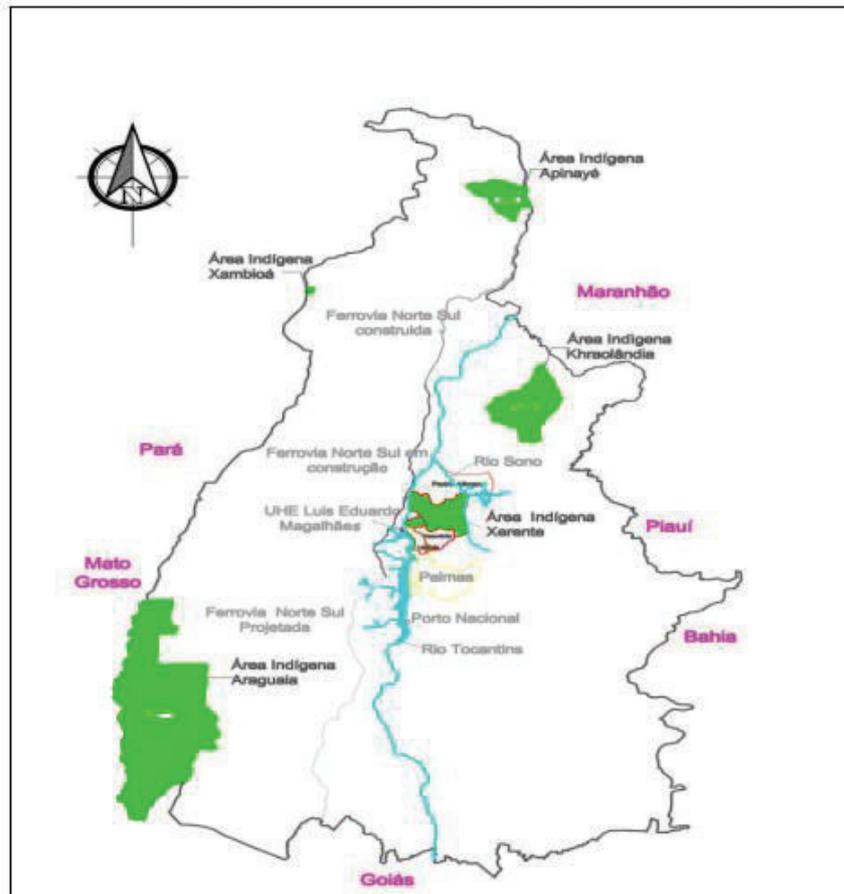
*Só em 1972 começam a demarcar nossa terra... daí todos os Xerente se reuniram aqui...tem uns por aí espalhado...mas, a maioria tá aqui. E depois que demarcou, aqui ficou mais tranquilo... é algo nosso...não vem ladrão aqui, não tem criminoso. Aqui é ancião que manda, junto com o cacique. **Sonzé Xerente.***

*Com a demarcação tudo ficou melhor, porque ficou mais sossegado. O branco sempre quis nossa terra, os peixes, a caça e a madeira...que são nossos. Até hoje querem...mas aqui é nosso agora. **Valdeciano Xerente.***

Vale ressaltar que já houve um território maior¹⁴, como foi mencionado, mas devido aos fazendeiros, o crescimento das cidades, os interesses do Estado e a demarcação de terras resultaram no território atual, que vai de parte do município de Tocantínia até Pedro Afonso, sendo um território contínuo, como bem é delineado na figura 3.

¹⁴ Em 1812, século XIX, o padre Luiz Antônio da Silva e Souza anotou que os Xerente era uma nação indígena que existiu acima da cachoeira de Lajeado – Tocantins e se estende até os sertões do Duro, entre o Rio Preto e o Maranhão (SCHROEDER, 2010).

Figura 8. Mapa do Tocantins com as Áreas Indígenas demarcadas.



Fonte: MELO, 2010

A partir da demarcação, a população Akwẽ viu a necessidade de criação de novas aldeias. A organização política das aldeias Akwẽ segue um padrão tendo como lideranças os caciques, anciãos e pajés, como conta o cacique da aldeia Salto, Valci Sinã Xerente.

Quem é o responsável pela aldeia é o cacique, juntamente com os anciãos. O cacique fica até quando a comunidade decidir, se for bom continua, se não escolhem uma outra pessoa... e assim vai. O ancião é quem sabe as histórias, lendas...guardam a memória. Os pajés são os entendidos de curas, rituais, rezas...

Estruturalmente, as aldeias passaram a possuir, com a demarcação e com o passar dos anos, escolas, postos de saúde e campos de futebol, bem próximas as casas (algumas de adobe e telhado de palha, outras de cimento e telhas de barro), organizadas uma ao lado ou atrás da outra. Vale lembrar que essa estrutura foi verificada nesta pesquisa, nas aldeias Porteira e Salto, e ainda na aldeia Funil, visitada em junho de 2017.

Figura 9. Área Indígena Xerente, aldeia Funil



Foto: Elvio Marques

A demarcação das terras garantiu também o surgimento de outras aldeias, além de um crescimento populacional expressivo. O Censo¹⁵ do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado em 1999 comprova tal crescimento populacional nas terras indígenas Akwê. Essa população passou a ter 1.850 indivíduos, distribuídos em 34 aldeias, além daqueles que residiam nas cidades de Tocantínia e Miracema do Tocantins, que no século XX passou a ser algo comum entre os Xerente. Aprofundaremos melhor em breve, ainda nesta primeira parte.

O território devidamente demarcado, portanto, trouxe outros benefícios como o fortalecimento de práticas culturais, visto que “para eles território é um espaço onde habitam seres visíveis e invisíveis, universo dos ancestrais e articulador da cosmologia e sociabilidade do grupo” (SILVA e SOUZA, 2015, p.111). Isto é, a terra tem uma importância muito mais simbólica e cosmológica do que territorial.

¹⁵ Diagnóstico etnoambiental das terras indígenas Xerente e Funil, realizado pela Opan e Gera/UFMT. Era uma das exigências dos órgãos licenciadores da hidrelétrica de Lajeado, no Tocantins.

No entanto, ao adentrar em novos tempos, sendo mais específico na virada do século XX para o XXI, surgem outros desafios na constante relação problemática com os já conhecidos “homens brancos”.

2.4.1 Akwẽ com terra: ainda no século XX

Figura 30. Vacas e casas do PROCAMBIX na aldeia Porteira em 2017



Foto: Elvio Marques

Mesmo com a demarcação das terras indígenas, a falta de assistência passou a prevalecer nas comunidades indígenas Akwẽ. Os Akwẽ justificam que isto acontece porque a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) “pouco ou nada ajuda a garantir os direitos dos indígenas”, como me ressalta o ancião Sonzé. Um discurso de cobrança que também ouvi de outros anciões, assim como pelos caciques Valci Xerente e Tiago Xerente, das aldeias Salto e Porteira, respectivamente, que me relataram entre uma e outra conversa:

A FUNAI ajudou no começo... mas só foi na demarcação, depois não ajudou mais e nem está ajudando agora. Ela vem demarca e pouco ajuda. Deveria era fazer valer os nossos direitos...mas cadê? Valdeciano Xerente.

*Tô vendo a FUNAI fazendo é nada...ajudou com a demarcação da terra...no arado da terra...Mas, hoje se a gente precisa...ninguém vem aqui nos ver...quando chama não aparece...eles são pra dar direitos pro nosso povo, mas não ajudam não...melhor contar com outras ajudas. **Sonzé Xerente.***

*A FUNAI ela te dá o acesso, mas te limita. Eles não estão interessados nos direitos indígenas...não escutam os índios. Por exemplo, temos carros aqui que eles nos deram, mas eles querem dizer qual a melhor maneira de usar... nem sabem do que realmente precisamos. Querem que tudo seja pra benefício deles e não nosso. **Valcy Xerente.***

*A FUNAI não contribui com nada. Até a fiscalização de quem entra e sai daqui, eles não fazem. Ou seja, o básico eles não fazem...imagina o complexo. Estamos sozinhos, temos que buscar outros meios para sobreviver. **Tiago Xerente.***

Vale ressaltar que os Akwê não querem o fim da Fundação, mas um órgão mais ativo frente às problemáticas dos nativos indígenas.

No final do século XX, além da falta de assistência, os Akwê-Xerente passaram a conviver com outro imenso desafio: os problemas gerados pela construção, entre 1998 e 2002, da Usina Hidrelétrica (UHE) Luis Eduardo Magalhães em Lajeado, proximidades das terras indígenas Funil e Xerente.

Mesmo depois da demarcação a pressão de grandes projetos, como a Usina Hidrelétrica de Lajeado no Rio Tocantins no ano 2000 e a própria construção da capital do estado, Palmas, em 1992, a menos de 100 km da área, continuam impactando a sociedade Akwê, que do ponto de vista econômico vive a escassez de peixes e caça, alimentos tradicionalmente consumidos (SILVA e SOUZA, 2015, p. 111).

Silva et al (2015) complementam que os Akwê estavam e estão cada vez mais pressionados, pois suas terras encontram-se exatamente no caminho da expansão do Estado do Tocantins, a partir da criação da capital, Palmas, em 1992 e da implantação da UEH, que interfere, negativamente, nos seus modos de viver. É o que também me conta Sonzé Xerente:

Essa usina só trouxe prejuízo. Acabou com a vazante, deixou barro e barro, matou peixes. Antes tudo dava certo com o rio, agora a terra é dura e só tem mato. A gente planta, mas só dá mato. Foi bom pra eles, pra nós não. Eles têm dinheiro...nós ficamos sem nada.

Com a construção da UHE Luis Eduardo Magalhães surgiu o Programa de Compensação Ambiental Xerente (PROCAMBIX), firmado em 2001 (MELO, 2010, p.51-52). Com um orçamento de R\$ 10 milhões, o PROCAMBIX era voltado para programas que garantissem a sustentabilidade

do povo Akwẽ, administrado pelos próprios nativos e pela FUNAI e que de alguma forma tentava minimizar os impactos gerados na construção da usina.

A moradora da aldeia Porteira, Elizabete Xerente, 39 anos, me conta, na sombra de uma mangueira, os motivos pelos os quais que o PROCAMBIX não minimizou os impactos gerados pela Usina Hidrelétrica e nem mesmo trouxe benefícios para as aldeias.

O PROCAMBIX era pra trazer benefícios para as aldeias. Mas, foi mal administrado por culpa da FUNAI. Nos deram o programa, mas não nos ensinaram [os Xerente] como realizar e executar o programa para que pudéssemos garantir que ele desse certo. Ficaram algumas casas construídas... algumas vacas que tão aí sem ninguém cuidar. E o dinheiro foi mal administrado...já que nossa relação com o dinheiro é diferente do homem branco. E ninguém veio aqui nos ajudar, nos ensinar como administrar o dinheiro. E o dinheiro não deu pra nada. E o que sobrou? Máquinas paradas...o rio secando...sem peixes...a terra é ruim...não dá pra plantar...Agora a gente tem que se virar como pode...com o que tem.

O PROCAMBIX finalizou em 2009. Nas aldeias é possível perceber vestígios do programa como tratores, placas e outros instrumentos de trabalho que foram abandonados pelo caminho.

*O PROCAMBIX trouxe impacto e lembranças. E o impacto não foi apenas ambiental, mas também impacto pessoal...na vida de cada índio...no dia a dia das aldeias...já que trouxe ainda mais individualismo...vivíamos em comunhão... em comunidade... agora cada um pensa mais em si...igual o branco...quer dinheiro e benefícios para si... **Valci Xerente.***

Figura 11. Sucatas do PROCAMBIX no Centro de Memória Xerente - Tocantínia



Foto: Elvio Marques

Problemáticas estas que permanecem até o presente momento. Por outro lado, a demarcação das T.I. Xerente e Funil proporcionam aumento no número de indivíduos e de aldeias, como dito. Preparei um gráfico no próximo subitem para melhor visualizar a afirmativa.

2.5 Novos Akwẽ, novas aldeias e um novo tempo: virada de século (XX –XXI)

Figura 12. Criança Akwẽ no século XXI: Centro de Memória Xerente, em 2012



Foto: Elvio Marques

A partir dos relatos dos e das constatações históricas, bibliográficas e a partir de informações do Distrito Sanitário Especial Indígena do Tocantins (DSEI-TO), me deparei com dados que me chamaram atenção para inclusão deste subcapítulo. Nos anos 2000, já no presente século XXI, este povo indígena passou a ter um crescimento populacional expressivo, e com isso, consequentemente, surgiram novas aldeias. Este crescimento é uma nítida modificação de novas formas de se relacionar e viver. Vejamos antes, os dados da população e das aldeias.

Na década de 30, “quando Nimuendajú esteve entre os Xerente observara sete aldeias, número que se manteve quando Maybury-Lewis esteve lá por volta de 1965 e que se alterou para 9

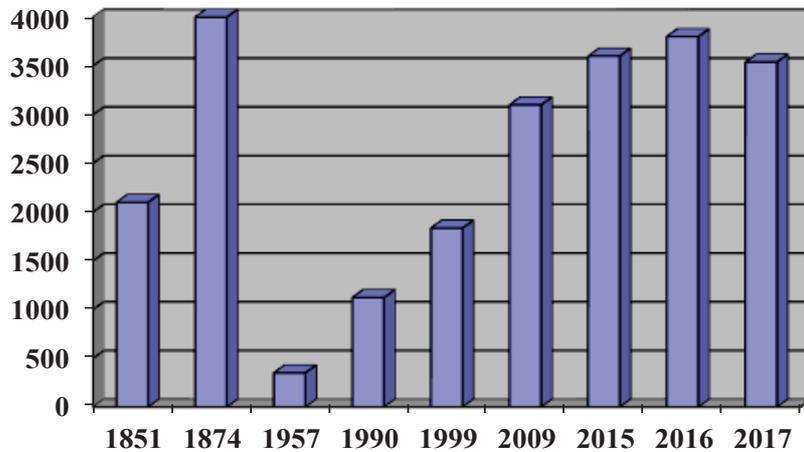
aldeias segundo relatos de Agenor Farias em 1987” (RODRIGUES, 2014, p. 36). Já 1999¹⁶, a população total não chegava a 2000 Akwẽ e pouco mais de 20 aldeias. No entanto, em 2009, segundo Mesquita (2009), esse número cresce, visto que eram 56 aldeias existentes com uma população aproximada de 3100 pessoas, além daqueles que residiam em Tocantínia, que somavam em torno de 50 famílias distribuídas em aproximadamente 30 casas.

Posteriormente, em 2010, Valéria Melo, em sua dissertação, afirma que eram 59 aldeias com aproximadamente 3017 pessoas. No ano de 2013, havia 3008 indígenas, em 62 aldeias, segundo o DSEI-TO. Em 2015, Silva et al (2015, p. 1007) diz que os Akwẽ-Xerente formavam “uma população indígena com aproximadamente 3.600 pessoas, que vivem em 64 aldeias (ou grupos familiares)”. A última pesquisa que identifiquei é da autora Lídia Barroso (2016) que, por sua vez, traz dados de que a população Akwẽ-Xerente é de cerca de 3800 pessoas, distribuídos em 64 aldeias. Recentemente, em setembro de 2017, após contato com o DSEI-TO, foi me informado que há nas terras Xerente e Funil, 3539¹⁷ indígenas distribuídos em 69 aldeias. Vejamos nos gráficos abaixo esta proliferação de aldeias e o crescimento populacional.

¹⁶ Em 1999, de acordo Schroeder (2010, p. 67), “as maiores aldeias eram a Porteira (167), Salto (158), Funil (186), Rio do Sono (104) e Brejo Comprido (80)”.

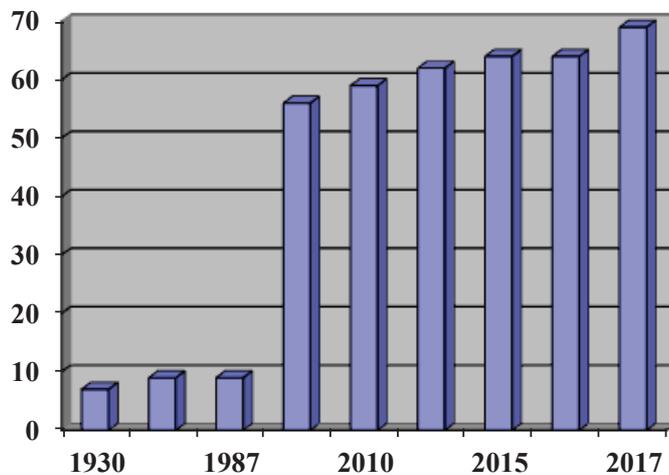
¹⁷ Os dados informados pelos DSEI-TO sobre a população total, em 2017, não levaram em consideração os Akwẽ que residem nas cidades. Isto é, os 3539 informados pelo DSEI-TO referem-se apenas aos indígenas residentes nas 69 aldeias. Até a finalização desta pesquisa não foram informados a população total dos Akwẽ, incluindo aqueles que moram nas cidades e nas aldeias. No entanto, segundo relatos dos próprios nativos indígenas, esse número já chega a mais de 4000 pessoas.

Tabela 3. População Xerente



Fonte: Dados do DSEI-TO e organizados pelo autor

Tabela 4. Números de aldeias Akwẽ-Xerente



Fonte: Dados organizados pelo autor

O crescimento populacional pode estar relacionado com alto índice de natalidade infantil e o baixo índice de mortalidade, já que, após a demarcação das terras, as aldeias passaram a garantir mais postos de saúde, tanto quanto a qualidade de vida nas aldeias que se via sem conflitos com os não indígenas, como aconteceu nos séculos anteriores. Agora nas aldeias prevalece o “sossego”, como me afirmaram muitos Akwẽ.

Já a proliferação de aldeias se deu por outros fatores. Entre esses, as decisões pessoais ou motivadas por conflitos internos, intra e interclânicas (formas socioculturais dos grupos Akwê), como me contou Sonzé Xerente:

A primeira aldeia foi a Porteira. Ai depois da demarcação da terra as famílias começaram a querer ter sua própria aldeia, outros índios não aceitavam algumas coisas dessa ou daquela aldeia e queriam ter sua organização... ai foram morar longe daqui [da aldeia Porteira], e formaram outras aldeias...e assim foi, hoje são mais de 60, tem umas muito longe daqui...E somos mais de quatro mil Xerente, se não mais por aí...

Para o cacique da aldeia Salto, Valci Xerente, há um fator primordial que contribuiu para o aumento do número de aldeias, que são os interesses pessoais e familiares, que incluem também as facções dentro das aldeias.

A grande questão da multiplicação das aldeias são os interesses próprios, pessoais e familiares. Uma família está brigada com outra família, ai querem morar longe uma da outra...ai vai morar e montam outra aldeia. Outra coisa que é levado em consideração, é que se você montar uma aldeia virão mais benefícios como escola e posto de saúde. Ai, algumas famílias se juntam...se organizam e assim criam as facções...as facções aqui na aldeia são aquelas organizadas internamente com interesses pessoais, inclusive de ser cacique...

É o que afirma De Paula (2000, p.181 apud MELO, 2016, p. 27), ao ressaltar que os agrupamentos das aldeias surgem a partir das facções e não a partir dos clãs. “(...) é importante levar em consideração também as articulações de suas facções com os atores não indígenas, envolvidos com elas, no campo político das esferas local e regional”. Os autores Melo e Giraldin (2012, p.178) seguem esta mesma afirmativa, que “o número de aldeias Xerente oscila muito devido ao caráter faccionalista dessa sociedade”.

2.5.1 Desafios do ensino Akwê: dos costumes à educação bilíngue

Consequentemente com a expansão das aldeias e o crescimento populacional na Área Indígena Xerente, surgem ainda novas escolas e a proposta do ensino bilíngue na virada do século XX para o XXI, intensificado nas últimas décadas.

A primeira aula em uma escola Akwê de que participei foi na Escola Estadual Indígena Waikamase, na aldeia Salto, com ensino infantil (crianças com 1 a 5 anos de idade), educação fundamental (crianças de 6 a 11 anos) e educação de jovens e adultos (acima de 18 anos). Era noite

quando conheci o diretor Davi Xerente, 39 anos, que após tocar o sino da escola, deu uma pausa no seu trabalho diário e me contou:

A Escola funciona de segunda a sexta, manhã, tarde e noite...como uma escola normal [não indígena]. Temos 165 alunos e atendemos outras sete aldeias. Temos quatro salas de aula, além da sala de informática, diretoria, secretária, depósito, cantina, banheiros e pátio. Aqui todos os professores são Akwẽ. Todos são capacitados e preparados para sala de aula e ainda conhecem a cultura e a nossa língua.

O retrato dessa escola indígena é o mesmo de outras unidades escolares nas aldeias. Melo (2010) afirma que existiam até a primeira década desse século, 40 escolas nas aldeias para atender os moradores, na área indígena Xerente, sendo escolas com as mais variadas estruturas, desde um pequeno cômodo cercado e coberto por palha até construções que se assemelham às das escolas das cidades. Isso ficou bem notável nas visitas às unidades escolares que fiz, tanto na Escola Estadual Indígena Waikamase, na aldeia Salto, como na Escola Estadual Indígena Srêmtowe, na aldeia Porteira. Ambas tem uma estrutura semelhante à das escolas dos centros urbanos. Estas unidades educacionais funcionam apenas para alunos de ensino fundamental e educação de jovens e adultos, conhecida como EJA. Posteriormente, os alunos são destinados à educação de ensino médio e se direcionam para outras escolas, caso haja interesse por parte dos pais.

Na comunidade entendemos que a educação é obrigatória até o ensino fundamental. Depois disso os pais e os alunos vão decidir juntos se querem continuar estudando. A gente costuma reforçar e mostrar a importância de continuar estudando... e a grande maioria vai pra Tocantínia continuar os estudos.
Tiago Xerente.

Figura 13. Escola da aldeia Porteira em 2017



Foto: Elvio Marques

O Centro de Ensino Médio Indígena Xerente Warã – CEMIX e as três unidades de ensino do centro de Tocantínia são as principais escolhas dos pais e alunos, sendo que todas elas contam com um número expressivo de alunos Akwẽ matriculados. Vale ressaltar que nas escolas do centro de Tocantínia é ensinado aos alunos apenas o Português. Para irem até essas escolas, os alunos contam com ajuda de ônibus¹⁸ escolares, que fazem o trajeto de ida e volta diariamente.

No CEMIX há um maior número de estudantes Akwẽ, já que a unidade escolar está posicionada em uma área estratégica, no centro das terras indígenas Funil e Xerente, e na proximidade das aldeias.

A maior parte das aldeias xerente (cerca de 80%) conta com escolas, onde há uma proposta de alfabetização bilíngue Xerente - Português. Os professores nestas escolas são indígenas, em sua maioria, que participaram dos Cursos de Formação dos Professores Indígenas do Estado do Tocantins, a partir de 1991. Nestas escolas, **os alunos são orientados até a 4ª série (...). Se pretenderem continuar estudando**, têm a opção do CEMIX ou precisam ir estudar na cidade. O CEMIX – Centro de Ensino Médio Indígena Xerente – foi inaugurado no dia 6 de maio de

¹⁸ Os ônibus escolares funcionam por meio de uma parceria Governo do Estado e Prefeitura Municipal de Tocantínia. Eles funcionam no período da manhã, tarde e noite. Buscam os alunos nas aldeias e os deixam nas escolas de segunda à sexta, além de fazerem o caminho reverso. Esses mesmos ônibus transitam com outros passageiros, pais, professores e membros das aldeias, possibilitando que os Xerente possam ir à cidade com mais frequência.

2006 e é mantido com recursos da SEDUC – Secretaria de Educação do Estado do Tocantins – e do Governo Federal (MESQUITA, 2009, p.30, grifo nosso).

Antonio Samuru Xerente (2016, p.18)¹⁹ ressalta que, por mais que prevaleça nas unidades escolares indígenas as mesmas formas de ensinar das escolas não indígenas, os professores e a própria comunidade Akwẽ têm a preocupação de incluir na metodologia de ensino os ensinamentos dos anciãos e anciãs, que vão desde os cânticos, discursos, mitos e outras práticas culturais. Isso ficou notável nas escolas indígenas que conheci e as narradas nas bibliografias pesquisadas e apresentadas anteriormente, onde intercalam a educação tradicional da sociedade do “homem branco” e a educação tradicional indígena Akwẽ.

*A gente quer que eles aprendam língua nossa, cultura nossa...rituais, pinturas, cânticos nossos...E os professores até que são espertos menino (risos)...esses dias me chamaram pra falar nome de comida, de planta, de roupa...foi bom. Mas, tem que ser assim, ancião ajudando a ensinar coisas nossas. **Valdeciano Xerente.***

*Os anciãos sempre tiveram razão ao falar que a cultura Akwẽ também precisa ser ensinada nas escolas aqui da aldeia... se não pode acabar. Mas, precisamos também buscar outros conhecimentos, até mesmo fora da aldeia, porque precisamos ter os mesmos conhecimentos dos brancos... caso contrário, vamos continuar sendo vistos como inferiores a eles e como vamos rebater, responder e fazer acontecer para melhorar nossa comunidade? E esse conhecimento apreendido lá fora precisa vir pra aldeia, pra beneficiar o nosso povo. **Tiago Xerente.***

Há ainda nas aldeias diversos discursos contrários à permanência do ensino escolar. Esta opinião contrária parte, em sua grande maioria, especialmente dos mais velhos, como me conta o ancião Sonzé Xerente: “Tem que estudar é na aldeia... Tem que ter união. Eu acho que tem estudar aqui e aprender língua akwẽ e cultura nossa. Vai lá pra fora e esquece nossos costumes”. Assim, Melo e Giralдин (2012, p 183) ressaltam que a educação e a presença das escolas têm uma dualidade de opiniões nas aldeias, por um lado é vista como meio para conquistar melhores condições de vida, e por outro lado é mal vista “(...) por tirar as crianças e os jovens do convívio familiar e ensinar mais coisas dos brancos que dos Akwẽ, afastando, assim, os mais jovens da cultura que lhe é própria” (MELO e GIRALDIN, 2012, p.183).

¹⁹ Esse trecho é de um artigo publicado pelo autor no livro “Cultura e História dos Povos Indígenas – Formação, Direitos e Conhecimento Antropológico”.

Mediante aos desafios de atender a língua originária dos Xerente, assim como o retrato de suas tradições culturais, além de garantir que houvesse aulas de ensino não indígena, as escolas passaram a oferecer o ensino da língua portuguesa e a língua akwê. Assim, o bilinguismo se tornou uma proposta também de alfabetização.

Apesar da afirmação de Cunha (2012, p.13) de que os grupos indígenas de língua Jê pareçam ter ficado imunes aos conglomerados multilinguísticos, Mesquita (2009) traz outro cenário, a do bilinguismo, que está presente nos modos de falar e de ensinar das aldeias Akwê. Entre os principais motivos para que um indivíduo ou grupo se torne bilíngue, segundo Mesquita (2009, p.39) são: “i) os movimentos migratórios; ii) o nacionalismo local exacerbado; iii) o casamento entre etnias diferentes e iv) a pluralidade de grupos linguísticos em uma mesma região”.

Além disto, há entre os nativos uma demanda pelo ensino superior, especialmente em cursos superiores oferecidos pela UFT, devido à oferta de graduações em Miracema, Palmas e Porto Nacional, onde 5% das vagas são reservadas para os indígenas por meio do Sistema de Cotas:

Os Akwê são “danados”! É assim que, frequentemente, interlocutores desse povo explicam, em tom de comemoração, o grande número de Xerente nos mais variados níveis de ensino escolar. As reflexões que costumam suceder a essa primeira explicação explicitam que esse processo se deve ao fato dos Akwê-Xerente depositarem na escola a esperança de uma relação mais simétrica com a sociedade não indígena. A UFT reserva 5% das vagas oferecidas para o ingresso de indígenas. É importante ressaltar, entretanto, que existem também alunos Xerente em cursos superiores oferecidos por instituições privadas inclusive na modalidade EaD (MELO e GIRALDIN, 2012, p.183).

A língua, as escolas e a forma de ensinar comprovam também uma constante mudança nas comunidades Xerente, assim como uma necessidade de aprender aquilo que é do “homem branco”.

Frente aos novos contextos que surgem a partir do contato, a escola passa a ser vista como mais um dos atributos necessários para a construção do sujeito akwê. Dentro da cosmologia do grupo, a relação com os não índios está numa esfera que oferece tanto risco quanto benefícios para sociedade Xerente. Portanto é extremamente necessário saber se relacionar com o “mundo dos brancos” (MELO e GIRALDIN, 2012, p.179).

Há, pois, nas formas de ensinar uma relação possível entre “aprender o mundo dos brancos” e a busca pela manutenção das tradições culturais Xerente. Ou seja, o uso da língua akwê nas aulas e os ensinamentos sobre costumes estão aliados aos processos de ensinar não indígena.

Recentemente, o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) passou a ser notável nas salas de aula das escolas indígenas Xerente e tornou-se mais uma ferramenta de ensino, até mesmo para aprendizado da língua portuguesa. Visitei algumas e descreverei na parte II, ao narrar sobre a história das tecnologias, visto que é na escola que ocorre um dos primeiros contatos destes indígenas com as ferramentas tecnológicas.

2.6. Na cidade de Tocantínia: “esses índios”, “esses Xerente”

*Somos pessoas normais, somos também moradores de Tocantínia.
Eliene Hirêki Xerente*

Nas estradas de chão batido, sob um sol escaldante de 40° e uma ventania empoeirada, provocada pelo longo período de estiagem no Tocantins, é possível ver um constante trânsito de Akwê, com suas motocicletas, carros e aqueles que se aventuram de bicicleta ou a pé, além do número imenso de transportes escolares indo e vindo das aldeias. O principal destino é o centro de Tocantínia, onde diariamente percorrem de 10km a 15km das aldeias Porteira e Salto para os mais variados objetivos na cidade.

O antigo aldeamento Tereza Christina, hoje Tocantínia, continua sendo a principal referência para o ensino, o trabalho, “para fazer a feira, ir ao médico, sacar o dinheiro do bolsa família, da aposentadoria, visitar os amigos e familiares²⁰, namorar (risos), vender artesanato, passear e dançar um forró (risos)”, explica o ancião Valdeciano Xerente, sendo a praça²¹ central um dos ambientes mais escolhidos por eles. Essas ações foram intensificadas nos dois últimos séculos e especialmente nas últimas décadas, devido à baixa oferta de comida, trabalho, saúde e educação (especialmente de ensino médio e superior) nas aldeias, como me conta o ancião Valdeciano Xerente:

É toda hora índio indo pra cidade...nunca vi como gostam dessa Tocantínia, Miracema, Palmas... e assim vai. Depois que veio essa barragem [Usina

²⁰ O número de Akwê-Xerente residindo nas cidades, especialmente em Tocantínia, vem aumentando gradativamente. Como já mencionado, só em 2009, o número de famílias Xerente que residiam em Tocantínia somavam em torno de 50 famílias distribuídas em aproximadamente 30 casas, tendo, pois, de “250 a 300 indígenas que habitam o centro urbano” (MESQUITA, 2009, p.28).

²¹ “A Praça Central da cidade de Tocantínia, onde negociam seu artesanato e onde permanecem quando precisam esperar para resolver problemas na cidade. Na praça eles se reúnem para conversar, interagir e conseqüentemente aprender” (SILVA e SOUZA, 2015, p.112 – 112).

Hidrelétrica de Lajeado]... que destruiu os peixes e as plantações, a terra ficou ruim... aí não teve outro jeito, tivemos que ir pra cidade... é pra buscar comida, dinheiro e outras coisas. Se adoece... tem que ir pra cidade, se vai estudar... vão pra cidade, pra comprar comida... porque não tem de onde tirar mais... aí vai pra cidade... tudo que vai fazer tem que ir pra Tocantínia...

Boa parte da renda familiar dos Akwẽ, atualmente, é proveniente do programa “bolsa família”²², outros vivem de aposentadoria, alguns vendem artesanato, outros plantam roça pra comer e vender, e muitos trabalham nas escolas e postos de saúde”, como me explica o ancião Sonzé Xerente. Tal informação é reafirmada também pelo cacique da Porteira, Tiago Xerente.

Tocantínia não existiria sem os Xerente. A gente ajudou a construir aquela cidade. E hoje é a gente que ajuda a manter viva ali. Se não fosse o nosso dinheiro, o comércio seria muito fraco... não teriam geração de renda. E os comerciantes são espertos, tudo ali é muito caro... Eles se aproveitam muito do dinheiro dos índios, pegam até o cartão de crédito de muitos que não tem conhecimento. Mas, eles acham que o índio é bobo, eles vão lá também e pegam o que querem e na hora que querem. Deixa anotado lá e vai pagando com o tempo.

Assim, é importante ressaltar a partir dessa fala que a prática de “ficar com o dinheiro” ou “ficar com o cartão de crédito” desses indígenas poderia parecer aos olhos dos não Akwẽ apenas exploração, mas para eles é uma relação possível, visto que, enquanto deixam o dinheiro com os comerciantes, esperam obter retorno para conseguirem alimentação, caso precisem ou quando quiserem.

Além dos comerciantes terem essa prática inapropriada, notei nas idas ao centro de Tocantínia, nas conversas com os moradores, entre um comércio e outro, que os tocantinienses²³ (não indígenas) se referem aos Akwẽ usando os seguintes termos, “esses índios” ou “esses Xerente”, sempre com um tom um tanto preconceituoso. É justamente sobre os equívocos construídos pelos moradores de Tocantínia, que os Akwẽ mais me reforçaram ao contarem sobre a relação deles com os não indígenas do centro da cidade.

*As pessoas ali de Tocantínia **tratam o índio muito mal**, porque somos índios... mas **todo mundo é igual**. Eles têm muito **preconceito**...falam assim: “nós somos*

²² O Bolsa Família é um programa de transferência de renda do Governo Federal para auxiliar famílias em situação de pobreza, criada entre os anos de 2001 e 2003, pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A quantia recebida varia de acordo com a renda de cada família.

²³ Gentílico de quem nasce no município de Tocantínia.

*brancos e vocês são índios” e começam a rir. É muito difícil pro índio estudar e arrumar emprego... isso porque é índio ou índia. Eu fui trabalhar num restaurante e a dona falou: “vou te dá emprego, mas sei que você não vai saber fazer nada”. Fiquei foi dois anos lá (risos)...era a melhor funcionária...saí porque tive que vir cuidar dos meus pais...mas até hoje eles me chamam pra voltar...se surpreenderam comigo (risos). E eu digo: “e agora? Quem é a **preguiçosa** aqui? Quem não sabe fazer comida? (risos). **Eliene Hirêki Xerente, 26 anos, aldeia Porteira.***

Ao buscarem o acesso ao mercado de trabalho estão sujeitos, quase sempre, a terem condições inferiores, inclusive as várias formas de trabalho escravo (FRANÇA, 2008). Assim, ao procurar o mercado de trabalho, “os índios são vistos como preguiçosos e propensos ao furto, sujos e ignorantes” (MELLATI, 1967, apud SILVA, 2010, p. 152). A sociedade, por sua vez, cria essas barreiras preconceituosas pelos equívocos construídos desde o período colonial, especialmente àquela de que as culturas indígenas são atrasadas (FREIRE, 2000), sem dar-lhes a liberdade de transitarem em outras formas culturais, congelando assim suas culturas. “Os povos indígenas produziram saberes, ciências, arte refinada, literatura, poesia, música, religião. Suas culturas não são atrasadas como durante muito tempo pensaram os colonizadores e como ainda pensa muita gente ignorante” (FREIRE, 2000, p. 6).

Os Akwẽ ao mesmo tempo em que são “negados” pela sociedade são também “desejados” pelos moradores de Tocantínia e até mesmo do Estado do Tocantins como povos que tiveram uma “história heroica e de resistência”, descritos como aqueles que têm a “alma do estado” e carregam os “traços pluriculturais do estado” (SILVA, 2010, p. 159) ou são lembrados apenas para justificar a identidade²⁴ do Estado.

Por outro lado, estes nativos indígenas estão aos poucos conquistando seu espaço na sociedade, seja como residentes de Tocantínia, ou ainda como professores, jogadores de futebol, comerciantes ou até mesmo como líderes políticos²⁵, já que três Xerente são vereadores²⁶ e assim compõem a Câmara Municipal de Tocantínia. Essas conquistas comprovam que os Akwẽ encontraram maneiras para enfrentar os desafios, se apropriando de espaços, objetos e ideias dos

²⁴ Prova disto é que o Hino oficial do Estado do Tocantins faz menção aos Xerente: “(...) Vejo tua gente, Tua alma Xerente, Teu povo valente (...)” .

²⁵ Ver o documentário **Índios no Poder**, de 2015, dirigido por Rodrigo Arajeju. O documentário trata justamente da presença indígena na política.

²⁶ Entre os vereadores Xerente de Tocantínia estão Valci Xerente (SD), Ivan Xerente (PV) e Raimundo Xerente (PSDB).

não indígenas e com isso fortalecendo ainda mais a sua cultura.

Não foi fácil ser vereador. Os Xerente ainda são muito desunidos...se todo mundo se unisse podíamos quem sabe eleger um prefeito Akwẽ. Mas, aprendemos e estamos aprendendo com o branco a ser cada dia mais individual...éramos mais unidos...hoje infelizmente não...quem sabe um dia isso volte a ser como antes.
Valci Xerente.

Figura 14 . Valci Xerente - cacique e atual vereador de Tocantínia



Fonte: Site Gazeta do Povo

Portanto, mesmo com o passar dos anos, os Akwẽ-Xerente continuam a enfrentar os desafios diante das imposições, desvalorizações ou preconceitos da sociedade envolvente, especialmente de Tocantínia. Na busca por superar estes desafios e desmistificar estereótipos, os Akwẽ passaram a contar com outras ferramentas de comunicação e informação, usadas na busca pela manutenção, fortalecimento de suas tradições, como meio de empoderamento e até mesmo de interação social. Esta é discussão que será aprofundada na Parte II desta presente etnografia, levando em conta as Tecnologias da Informação e Comunicação.

3 @NAÇÃOXERENTE: DA TECNOLOGIA NA ALDEIA AO AKWĒ DIGITAL

O brilho da lua se perdeu com o brilho da energia. As tecnologias mexeram muito com o nosso dia a dia. Agora temos que conciliar o uso das tecnologias com a nossa cultura. Não há problema em usá-las, o índio também pode. Temos capacidade. Mas tem que saber lidar com ela para o nosso bem, para ajudar a preservar nossa história, nossas tradições.

Valci Xerente, 35 anos, Cacique da aldeia Salto.

Figura 15. Xerente conectado na aldeia Salto, em 2017



Foto: Elvio Marques

A parte inicial dessa etnografia trouxe a história, cosmologia e tradições culturais dos Akwẽ. Eu poderia apenas ter retratado ou mencionado em algumas linhas dos capítulos dessa primeira parte etnográfica a presença das tecnologias, como fizeram alguns pesquisadores, que muitos contribuíram para o fortalecimento da memória desse povo indígena.

Entretanto, há algum tempo me intrigava na narrativa histórica vários fatores desse processo tecnológico para os Akwẽ que não eram mencionados ou aprofundados em livros, artigos, dissertações ou teses. As tecnologias em meio a essa história têm um espaço temporal significativo que tentarei reconstruir ao ouvi-los, e que sirva como fonte para novas pesquisas em meio a estes e

outros povos e como uma forma de propagação de suas narrativas históricas.

Há uma notável escassez de dados sobre a história das tecnologias nas aldeias Xerente, o que certamente também me motivou a realizar a presente pesquisa. Relatarei no início da Parte II a memória do primeiro contato desses nativos indígenas com os aparatos tecnológicos introduzidos por missionários religiosos nas décadas de 1960, além da história narrada pelos Akwẽ sobre o surgimento da energia elétrica nas aldeias, em que a escuridão de um cerrado se tornou um passado distante. Posterior a isso, descreverei a presença do rádio, televisão, telefone, computadores, celulares e, conseqüentemente, a internet para esses nativos indígenas.

Apresentarei ainda a história mundial e brasileira da presença indígena na mídia digital, assim como dos Akwẽ, intercalando tudo isto com a revisão de literatura sobre as novas tecnologias de informação e comunicação, especialmente da internet²⁷.

3.1. Os guardiões da memória Akwẽ diante das tecnologias

Figura 16. Casa do ancião Valdeciano Xerente e as tecnologias: aldeia Salto



²⁷ “A internet, é fato, nos ajuda a acessar as informações que desejarmos virtualmente sobre todos os assuntos pensáveis, a conectarmos-nos com outros (...). Leva-nos a interagir com um número de pessoas e situações que não nos seria impossível na vida imediata” (RÜDIGER, 2011, p.59).

Foto: Elvio Marques

Início este capítulo com as memórias dos anciãos, fundamentais para traçar um percurso histórico sobre as tecnologias na Área Indígena Xerente. Das inúmeras visitas que fiz e histórias que ouvi, fatos iam sendo contados e as “peças” de um verdadeiro “quebra-cabeça” iam surgindo. Instigava. As respostas iam aparecendo. Os anciãos Sonzé e Valdeciano Xerente das aldeias Porteira e Salto, respectivamente, ambos embaixo de uma mangueira me levaram a diversos fatos e a dois denominadores comuns: a máquina fotográfica e ao Pastor Guenther Carlos Krieger, e é por onde iniciaremos esta história.

*Eu era jovem...já fui jovem igual tu (risos)...e aí o pastor que veio pra cá...é o tal do Guenther...que tem uma casa aqui na Porteira...que veio nos ensinar português...chegou com uma máquina...aquelas de tirar foto...fiz umas fotos nossas...aí depois que veio a energia, televisão, geladeira...essas coisas movidas a tecnologias. Foi a primeira vez que vi um negócio de tecnologia... **Sonzé Xerente.***

*Aqui num tinha era nada dessas coisas de energia...de tecnologia...era tudo escuro e aí começaram a trazer uma coisas diferente pra gente conhecer...tinha até umas máquinas que fizeram umas fotos nossas...principalmente os pastores, padres também...todo mundo ficou surpreso, mas foi bom...guardou nossa história. **Valdeciano Xerente.***

Na necessidade de compreender essa narrativa histórica, dei uma pausa no trabalho de campo nas aldeias Salto e Porteira, peguei a primeira balsa e atravessei o Rio Tocantins, de Tocantínia com destino a Miracema do Tocantins²⁸. Numa rua da pacata cidade fica a residência principal do Pastor Guenther Carlos Krieger²⁹, 79 anos, foi o primeiro missionário da Igreja Batista a morar com os Xerente. Nesse encontro, ele me contou como foi este momento e as impressões que teve. Esse fato se passou, segundo ele, na década de 1960.

*Peguei emprestada uma **máquina fotográfica**...isso foi em 1960, por aí... de um amigo missionário...das muitas coisas que pegávamos emprestadas uns dos outros. Isso porque por aqui era tudo muito difícil de conseguir e ter, principalmente*

²⁸Miracema do Tocantins também foi habitada pelos Akwẽ-Xerente. Foi emancipada como município em 1948. Já em 1989, após a criação do estado do Tocantins, foi escolhida como capital provisória até o surgimento de Palmas. O que divide Tocantínia de Miracema é apenas o Rio Tocantins, o percurso precisa ser feito por meio de “voadeiras” ou pela “balsa”, que funcionam diariamente. Muitos Xerente utilizam a cidade para estudos, trabalhos e compras de mantimentos. Atualmente, há ainda um percentual de Akwẽ residindo no centro da cidade.

²⁹ O pastor Guenther Carlos tem também uma residência na aldeia Porteira.

*naquela época...estávamos bem isolados. E nesse dia que consegui a máquina, sai fotografando os Xerente que ali estavam...era uns 450... que viviam junto com a gente. Diferente do que muitos costumam achar, eles não tiveram aquele espanto, viram como mais um objeto que estávamos apresentando a eles... **todo dia era uma novidade** que trazíamos...então já está sendo normal...desde que chegaram os não índios por aqui, eles começaram a ter acesso a muitas coisas...como as **tecnologias** que foram surgindo. Nesse dia da máquina, eles gostaram...até pousaram para as fotos e tudo (risos). **Registramos, guardamos... porque precisávamos mostrar eles pra outras pessoas, pros missionários...pro mundo.***

Além dos relatos anteriores, as pesquisas do Projeto Harvard Brasil Central – PHBC, reforçado pela autora Melo (2016), nas décadas de 60 e 70, mencionam os Akwẽ³⁰ diante das tecnologias. Após esse primeiro contato, no período mencionado, outros aparatos tecnológicos foram sendo introduzidos aos poucos para com os Akwẽ, claro que com a interferência rotineira da sociedade envolvente. Milhomem (2011) revela que é a partir da década de 1989, quando há um processo rápido de cisão entre as aldeias na narrativa histórica Akwẽ, principalmente após a demarcação da Área Indígena Xerente, que novas mudanças surgem para esses indígenas, o que ocasionou, proporcionalmente, a inclusão das tecnologias nas aldeias.

Concomitante a análise etnográfica da Estrutura Social dos Xerente, põe-se em questionamento **as transformações ocorridas**, nas últimas décadas, na organização social e política dessa comunidade em virtude da história do contato com o não índio. (...) Dentre outras **mudanças na organização social e cultural dos Xerente**, destaca-se o rápido e intenso processo de **transformação** das unidades habitacionais, tanto no âmbito da forma quanto da **tecnologia**, valorizando assim, os elementos da sociedade nacional (MILHOMEM, 2011, p.110).

Dessa forma, após os anos 90, novos aparatos tecnológicos são introduzidos de forma efetiva no cotidiano do povo Akwẽ, tais como o rádio e a televisão, ambos movidos a baterias ou pilhas, visto que na época ainda não existia a eletricidade nas aldeias. As lembranças do final dos anos 90, com a primeira TV e rádio na aldeia Porteira, foram contadas pelo jovem cacique Tiago Xerente, na porta de sua casa, com uma nítida nostalgia de suas lembranças.

Nunca vou me esquecer (risos e uma pausa prolongada). Era copa do mundo de 1998, e todo mundo se reuniu na casa de um vizinho que tinha ganhado uma TV

³⁰ É importante aqui retomar a afirmativa de Melo (2016, p.67): “(...) O movimento akwẽ em direção à escrita e às tecnologias não indígenas nos remete a um esforço no sentido de domesticar essas forças de modo a inverter a assimetria que se estabeleceu com os Brancos”.

preto e branco... pequena...era movida a bateria e tinha uma anteninha...ele ganhou do pessoal da Funai na época. Aí todo mundo da aldeia se reunia lá pra assistir novela e tudo...eu era menino (risos)...E tinha já também os rádios a pilha, bateria...

Reconstruindo essa narrativa histórica, Claudio Paixão e Adriana Nilo (2013), ao realizarem uma pesquisa³¹ sobre a televisão na aldeia Porteira (Xerente), confirmam o fato e a presença do aparato e da mídia televisiva na aldeia Porteira.

A chegada da televisão na Aldeia Porteira, de acordo com os relatos dos moradores, remete ao início da segunda metade da **década de 90**, quando um aparelho de TV movido à bateria, com transmissões em preto e branco foi implantado na sede da FUNAI. Anos mais tarde outro aparelho foi implantado na casa de uma moradora. É importante destacar que nessa fase a televisão era **assistida de forma coletiva em ambientes compartilhados por várias famílias** (PAIXÃO e NILO, 2013, p.4, grifo nosso).

A aldeia Salto também vivenciou esses trajetos históricos da tecnologia, como me contou o cacique Valci Xerente, o que, segundo ele, transformou a realidade da aldeia.

*Tivemos dois momentos aqui na aldeia. Primeiro aquele momento que vivíamos apenas com a luz de lamparina ou com a luz da lua... tínhamos **mais interação uns com os outros**. Mas as coisas foram se transformando e vieram a TV e rádio de pilha...que é o começo do segundo momento. Assim, anos depois chega a energia...Daí quando isso aconteceu, dependíamos mais da energia do que da lua...demos mais atenção pra energia, pra tecnologia, luz elétrica...foi um impacto pra gente.*

As transformações eram, por hora, a passos lentos, mas com vestígios de aparatos tecnológicos. Outrora, especialmente após os anos 2000, as tecnologias são intensificadas no cotidiano das aldeias.

3.2. Surge a luz e depois as tecnologias

Na escuridão de um cerrado tocantinense, iluminados apenas com a luz da lua e de velhas lamparinas, as aldeias recebiam os primeiros sinais da eletricidade. Eram os últimos anos do século

³¹ O artigo nomeado “A audiência televisiva entre os índios Xerente da aldeia Porteira” foi apresentado no 9º Seminário de Iniciação Científica da Universidade Federal do Tocantins – UFT, realizado de 26 a 29 de novembro de 2013, no campus de Palmas – TO.

XX. Os relatos de vários Akwê e ainda do Pastor Guenther Carlos confirmam o início de uma nova era para essas comunidades indígenas.

*Lembro que a primeira vez que chegou a energia nas aldeias foi com a construção de uma pequena hidrelétrica...bem pequena [Pequena Central Hidrelétrica – PCH Lajeadinho] aqui por perto... que levava energia também para Miracema, mas pra isso teria que passar na área indígena...ai alguns indígenas do Funil fizeram um acordo para que a energia pudesse chegar também na comunidade...e aí veio um pouco de energia pra eles...isso na década de 90...mas era pouco...tudo só veio forte nos anos 2000. **Pastor Guenther Carlos.***

*Um dia os brancos ‘veio’ aqui na nossa terra Xerente e falaram que iam começar a instalar esses postes aí... pra começar a colocar energia. No começo era só na lamparina, fazíamos fogueira...e assim ia... depois esses postes ficaram aí...ai depois tudo mudou, veio a energia. **Sonzé Xerente**, ancião da aldeia Porteira.*

Então, nos anos 2000, sendo mais específico em 2003, por meio do programa do Governo Federal “Luz Para Todos”³², um cenário com energia elétrica passou a fazer parte da realidade daqueles que viviam nas zonas rurais, incluindo diversas outras populações indígenas brasileiras. Foi o que alavancou o cenário de eletricidade em todas as aldeias das Terras Indígenas Funil e Salto. Momento esse que está registrado na memória dos diversos indígenas que conversei nas aldeias Salto e Porteira. Introduziram, com isso, de uma simples lâmpada elétrica aos diversos aparatos tecnológicos em suas casas.

*Foi assim...um dia vieram com toda a rede elétrica, foram implantando esses cabos de energia que hoje estão aí e assim chegou a energia...principalmente depois desse programa Luz Para Todos. Primeiro foi na aldeia Recanto, aqui perto...depois na Porteira e em seguida aqui na Salto e assim foi para todas as outras. E todo mundo ficou animado e saiu comprando todo tipo de tecnologia, era televisão, geladeira, som...e assim vai. Depois vieram as melhorias e tecnologias nas escolas, como o computador...tudo depois da chegada da energia. **Valci Xerente.***

Foi depois de 2000, do nada... já tinha a rede elétrica montada...depois, em 2003, que disponibilizaram a energia e então começou a funcionar nas casas. Veio até um orelhão que tá aí até hoje. E ninguém mais quis ficar sem energia, todo mundo colocou nas casas. Aqui na Porteira foi uma das primeiras aldeias. Teve até a instalação desse orelhão aí...ta aí até hoje. Daí, vieram a geladeira, televisão,

³² O programa Luz para Todos foi criado em 2003, pelo então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Entre as populações beneficiadas estão os indígenas, os assentados rurais e os quilombolas. Aproximadamente 35 mil famílias indígenas receberam energia elétrica por meio do programa, segundo o Ministério de Minas e Energia. Fonte: <<http://www.brasildamudanca.com.br/luz-para-todos/populacoes-vulneraveis>>.

*ventilador, ferro de passar, máquina de lavar...aqui toda casa tem essas máquinas de lavar (risos)...porque não precisa ir mais pro rio lavar roupa. **Tiago Xerente.***

*Lembro muito de que a gente tinha que ir dormir cedo, não tínhamos lâmpada...aqui era tudo muito escuro...daí chegou a energia...ali depois de 2000...acho que modificou tudo aqui na Salto...Pra gente mesmo que estuda facilitou demais o nosso dia a dia. **Manoel Xerente**, 32 anos, aldeia Salto.*

*Depois da energia ficou tudo mais fácil, tem água “dura” [gelo], não tem mais água quente...tem televisão...dá pra gente ver as novelas (risos)...a gente não fica no escuro a noite...se tiver quente bota um ventilador...é muito bom. Tem gente aí com máquina de costurar elétrica...rádio agora é na energia...e assim vai. **Delsa Xerente**, 62 anos, aldeia Porteira.*

O mesmo que foi dito nas falas anteriores, é reforçado e constatado ainda no artigo³³ de ANJOS et al (2010):

As casas têm aparelhos de rádio e televisão. No seu espaço coletivo, a aldeia dispõe também de um rádio amador anteriormente usado para a comunicação com as demais aldeias, o que indica a adesão a novas formas de comunicação, advindas da sociedade não índia, com a qual partilham, cada vez mais, hábitos e valores. (...) Os nativos ainda preservam a tradição oral através da narrativa com seus mitos e lendas, entretanto, dividem o tempo designado a esta e outras atividades com o usufruto dos meios de comunicação de massa (...). Na atual conjuntura o ato de assistir televisão é comum, de maneira que todos já tiveram ou têm contato com esse veículo. **A forma de assistir televisão na aldeia é semelhante a que acontece com a sociedade não índia, ou seja, individual ou em família. Cada família dispõe, assim, de aparelhos próprios ou do empréstimo (...)** (ANJOS et al, 2010, p.4 e 5, grifo nosso).

Outra pesquisa, já citada, no mesmo contexto da aldeia Porteira, dos autores Paixão e Nilo (2013), enfatiza a intensificação do uso da televisão³⁴ entre os anos de 2012 e 2013. Segundo os autores, isso provocou mudanças socioculturais no cotidiano dos Akwê. Entre os atos identificados, estão aqueles relacionados ao dia a dia, como assistir TV ao invés de produzir artesanatos ou cuidar da casa, crianças Akwê estariam deixando brincadeiras no quintal para ver a programação infantil da TV, conversas pautadas a partir da programação da TV, isto é, atos culturais que passaram a dar

³³ O artigo foi publicado em 2010 no Intercom (Goiânia-GO) pelas autoras Ana Carolina Costa dos Anjos, Camila Komatsuzaki Fraga e Adriana Tigre Lacerda Nilo, ambas daUFT.

³⁴ Na pesquisa realizada pelos autores Paixão e Nilo (2013) foi identificado ainda que as televisões estavam conectadas por meio de antenas parabólicas. “O problema é que devido a uma indisponibilidade de sinal no circuito aberto, as famílias indígenas estão estabelecendo contratos com operadoras de televisão privadas, notadamente a empresa Claro” (NILO et al, 2014, p.9). Assim, os Xerente não têm acesso à programação das emissoras locais e regionais.

lugar também às tecnologias de comunicação e informação:

O contato com os nativos na aldeia (...) nos levou a perceber que o processo de relação com a sociedade não índia tem ocasionado modificações estruturais e socioculturais no cotidiano da população local. (...) Entre os meios de comunicação mais utilizados na aldeia aparecem a televisão e a internet (...). Nos anos 2000 a partir da instalação da eletrificação da comunidade se intensificou a presença da TV na aldeia. Das 36 famílias entrevistadas apenas 02 (6%) não possuía um aparelho (PAIXÃO E NILO, 2013, p.3 - 4).

É perceptível que as poucas pesquisas existentes sobre a presença da televisão nas aldeias dos Akwẽ apresentem um fator importante, de que as mudanças socioculturais – como dar espaço à TV no lugar de produzir artesanatos ou cuidar da casa – foram intensificadas com ajuda dos aparatos tecnológicos. Inicialmente, a televisão era assistida de forma coletiva, nos primeiros contatos com esse aparelho e mídia, provocando um verdadeiro laço social (WOLTON, 2004). Por outro lado, com o passar dos anos e ao fazer parte de um grande número de casas, a TV já era utilizada de forma individualizada ou apenas entre os membros de uma mesma casa. É o que constata ANJOS et al (2010, p. 5): “Os nativos [Akwẽ] ainda preservam a tradição oral através da narrativa com seus mitos e lendas, entretanto, dividem o tempo designado a esta e outras atividades com o usufruto dos meios de comunicação de massa”.

Não apenas a televisão e o rádio, mas também as tecnologias digitais, como o computador, celular e conseqüentemente a internet, fizeram com que as aldeias tivessem um novo cenário.

3.3. Waikamase e Srêmtowe: o surgimento da internet e escolas conectadas

Figura 17. Sala de informática da Escola Estadual Indígena Srêmtowe, aldeia Porteira



Foto: Elvio Marques

Embora a criação e o desenvolvimento das tecnologias digitais já existissem desde as últimas décadas do século XX, com a criação da ARPANET³⁵ (CASTELLS, 1999), que passou a se chamar Internet na década de 1990, o primeiro registro da presença dos indígenas no ambiente digital só aconteceu em 1994 com o movimento³⁶ zapatista, no século XX, sendo específico, em janeiro de 1994, no estado de Chiapas (México), que teve como manifestantes as populações indígenas e ainda os camponeses. O grito de “*Ya basta!*” (*Já basta!*) era justamente em oposição às situações precárias em que viviam essas populações.

O Já Basta! do Exército Zapatista de Libertação Nacional (E.Z.L.N) (...) escancarou o racismo existente nas relações com o Estado e com a sociedade como um todo, as precárias condições de vida das comunidades indígenas no país, assim como a farsa de um projeto hegemônico neoliberal que, “desde arriba”, pretendia modernizar a nação (SÁNCHEZ, 2015, p.217).

Vale enfatizar ainda que o movimento zapatista, como ressaltado por Pereira (2008), não

³⁵ Foi a primeira rede de computadores que entrou em funcionamento em 1 de setembro de 1969. “A internet teve origem o trabalho de uma das mais inovadoras instituições de pesquisa do mundo: a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de Defesa dos EUA” (CASTELLS, 1999, p.82).

³⁶ “(...) Se transformou num movimento com repercussões transnacionais inaugurado por ações comunicativas viabilizadas pelos circuitos digitais” (PEREIRA, 2007, p.50).

teve como objetivo a tomada de poder, nem mesmo a constituição de um partido político, mas a busca de um diálogo permanente em prol da democracia.

A utilização da internet permitiu aos zapatistas disseminar seus comunicados e denúncias ao mundo, criando uma rede de grupos de apoio mobilizadores de uma opinião pública internacional capaz de impedir o governo mexicano de usar a repressão em larga escala e forçando-o a negociar com os zapatistas (PEREIRA, 2008, p.4).

Não se sabe exatamente quando foi o primeiro uso da internet por indígenas, isso devido às poucas pesquisas existentes e pela imensidão de populações indígenas pelo mundo. No Brasil, a pesquisa³⁷ de Eliete Pereira (2007) mostra os primeiros registros da participação indígena na Internet em 2001, como produtores de conteúdos e sendo, assim, protagonistas de suas próprias narrativas em sites³⁸, blogs e portais, além das comunidades virtuais (PEREIRA, 2007), como explica a autora:

(...) de lá para cá estas formas de comunicação na rede se transformaram em blogs, comunidades virtuais e portal. Um movimento curvilíneo em que organizações e sujeitos indígenas apropriam-se das tecnologias digitais e das suas modalidades interativas lançando-se no universo ubíquo e polifônico do ciberespaço. Compondo assim, a imagem dos ciborgues³⁹ indígenas, constituinte da simbiose entre softwares e hardwares, conectados em rede, desterritorializados e atravessados por fluxos comunicativos (PEREIRA, 2007, p.55).

Até 2000, de acordo com o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas⁴⁰ foi identificado uma taxa de 3,72% de acesso digital das populações indígenas de um total de 12,46% da população brasileira que dispõe de acesso ao computador e 8,31% de Internet (PEREIRA, 2008). Em 2012, uma pesquisa do Datafolha encomendada pela Confederação da Agricultura e Pecuária do

³⁷ Apesar de existir uma escassez sobre a história das tecnologias nas aldeias do Brasil, a pesquisa de Pereira (2008) mostra que a presença indígena brasileira no ciberespaço se configura em 70,27% de sites; 27,02% de blogs e 2,70% de portal, além da presença destas nas comunidades virtuais, como o Orkut.

³⁸ Ver a dissertação de mestrado de Leilane Leal Marinho, nomeada “O Krahô na Rede e a Associação Centro Cultural Kàjre”, do mestrado de Ciências do Ambiente da UFT, uma pesquisa sobre o site *kajre.yolasite.com*.

³⁹ Ciborgue é aquela pessoa que possui uma relação íntima com as tecnologias, sendo assim seres híbridos (máquinas e homens). Ver **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**, Donna Haraway et al., 2. Ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009 (PEREIRA, 2007).

⁴⁰ O Centro utiliza os dados da amostra do Censo Demográfico 2000, levantados pelo IBGE. Ver MAPA DA EXCLUSÃO DIGITAL, 2003.

Brasil – CNA e publicada pela revista *Veja*⁴¹, trouxe, entre outros dados, que 11% dos indígenas entrevistados possuíam acesso à internet. Por outro lado, 37% de toda a população brasileira não indígena já possuía esse acesso à mídia digital no período mencionado. Estes foram os únicos dados que identifiquei até o presente momento para esta pesquisa. Isto leva a compreender que são poucos os estudos sobre os indígenas na Internet⁴², ainda mais daqueles situados no Brasil.

Desde o surgimento a pouco mais de 10 anos de provedores de acesso a Internet no Brasil, a presença indígena na rede tornou-se significativa, não por sua expressão numérica, já que a inclusão digital desses povos não constitui uma política institucional estruturada, mas porque ela corresponde a uma nova forma de atuação nativa (DI FELICE e PEREIRA, [200-?], p.10).

Nas aldeias Akwẽ, a presença da internet foi perceptível nos anos 2000. Logo notei, nas primeiras imersões nas aldeias Salto e Porteira, que as unidades escolares indígenas são as primeiras a garantirem o acesso digital que prevalece até os dias atuais, inicialmente por meio do uso de computadores. Assim, percorri 2 (duas) escolas indígenas Akwẽ, apresentadas na Parte I, a Escola Estadual Indígena Waikamase, da aldeia Salto, e a Escola Estadual Indígena Srêmtowe, da aldeia Porteira, para chegar ao entendimento de que: *“tudo [tecnologias] começou na escola, ali que chegou primeiro o computador”*, como me explicou o cacique Tiago Xerente.

Os primeiros computadores foram entregues pelo Governo do Estado do Tocantins, na primeira década dos anos 2000, como me relata o diretor Davi Xerente, da Escola Estadual Indígena Waikamase.

Os primeiros computadores que chegaram nas aldeias foram depois de 2006...por aí, principalmente nas aldeias que tinham escolas...como aqui na Salto, na Porteira, Recanto e outras. É porque na escola tem estrutura para que a comunidade pudesse fazer o uso. Mas, do que adiantava computador sem internet? Pedimos e logo veio essa internet aí de satélite e que está até hoje aí, para uso da escola e de quem precisar da comunidade.

⁴¹ A edição da revista é de 14 de novembro de 2012. As informações foram publicadas por meio da reportagem “O que querem os índios”. A Pesquisa DataFolha entrevistou 1222 moradores de 32 aldeias indígenas em todas as regiões do Brasil. Além do acesso à internet, os dados mostraram que 5% dos entrevistados sofriam com a falta de eletricidades nas aldeias.

⁴² Por outro lado, com o passar dos anos e com o fortalecimento do movimento indígena latinoamericano nas últimas duas décadas do século XX, “começaria a luta pelo reconhecimento dos seus direitos como povos, tomando uma dimensão também continental e tendo como um de seus eixos centrais a luta pela autonomia” (SÁNCHEZ, 2015, p.217) utilizando também a internet.

ANJOS et al (2010) relatam que na primeira década dos anos 2000 os computadores com acesso à internet eram limitados para alguns membros e o uso de celulares ainda era ausente.

Os índios não utilizam a internet, nem mesmo o computador. Este contato é limitado aos alunos que frequentam a escola (que no momento da pesquisa de campo estava sem acesso à internet) ou a pessoas que tem outros vínculos institucionais (...). Quanto ao uso do aparelho celular, este não é comum dentro da aldeia. Através da observação, documentação e análise (...) percebemos que na aldeia Porteira, da etnia Xerente, os contextos interativos vivenciados pelos índios vêm se **transformando** (ANJOS et al, 2010, p.6, grifo nosso).

Na segunda semestre de 2012⁴³ outro momento histórico intensificou a presença de computadores e conseqüentemente de internet em diversas aldeias. O Programa Tocantins Conectado – um computador por aluno⁴⁴, do Governo do Tocantins – entregou diversos computadores portáteis ou notebooks para diversas escolas públicas do Estado, assim como para as unidades escolares indígenas. A escola indígena da aldeia Porteira foi beneficiada. No entanto, a escola da aldeia Salto continua com os mesmos computadores da primeira década dos anos 2000.

*Aqui na aldeia Porteira primeiro vieram os computadores, esses maiores, foi muito bom...era pros alunos e pra quem precisasse...os professores e qualquer pessoa da comunidade, era só pedir pro guarda que ele abria a sala...que por sinal estão até parado aí...estragado, ninguém vem arrumar...depois de alguns anos trouxeram os notebooks e eles estão aí sendo usados até hoje...tem aula de informática e tudo. Tivemos essa sorte. Outras aí não receberam. **Tiago Xerente.***

O uso da internet na Escola Estadual Indígena Srêmtowe (aldeia Porteira) foi mencionado também na pesquisa de Paixão e Nilo (2013, p. 3- 4), sendo que a internet era acessada na escola “por 15 (42%) ou por 04 (11%) na UFT, em Miracema [das 36 famílias entrevistadas na aldeia Porteira]”. Aos poucos a internet foi sendo liberada para toda a comunidade através de uma rede conhecida como *wi-fi*, como me afirma Tiago: “A internet...a *wi-fi* é liberada para todos...é só ir lá

⁴³ Neste mesmo período foi lançado o CD “Watô za inôkre (Eu vou cantar)”, no mês de dezembro, no Centro de Memória, mais conhecida como casa da Cultura Xerente, localizada na cidade de Tocantina. O CD registra o canto de nominação das crianças, cantos de pajé e cantos de festa. Outro marco da presença tecnológica das aldeias (PAIXÃO e NILO, 2013, p.4).

⁴⁴ A informação pode ser confirmada no site oficial da Secretária de Educação do Estado - Seduc, por meio do link: <<http://secom.to.gov.br/noticia/61192/>> ou ainda em reportagens da imprensa da mídia digital <<http://www.ocoletivo.com.br/noticia-5372-no-tocantins-governo-entrega-4-500-netbooks-para-auxiliar-alunos-no-processo-de-aprendizagem>>.

pra escola que o povo usa...é um local bastante utilizado aqui na aldeia por todos". Na aldeia Salto é possível também utilizar a rede *wi-fi* nas proximidades da escola.

Portanto, é perceptível que a escola tem um papel fundamental no processo de inclusão digital nas aldeias. Além de ser um espaço de ensino-aprendizagem, o ambiente educacional se configura ainda como um espaço de convívio social utilizado pelos Akwẽ, que proporciona atividades culturais e sociais propostas pela escola ou pela própria comunidade. Essa percepção foi frisada também nas pesquisas de Pereira (2008):

Podemos assim inferir que a atuação indígena na internet está amplamente associada ao acesso à educação, à aquisição da competência da escrita e da leitura, além do conhecimento técnico para o uso do computador e das suas ferramentas interativas. Com isso, a educação indígena nas aldeias e o acesso à educação superior, embora com muitas dificuldades de permanência, propiciam o incremento da experiência indígena na internet (PEREIRA, 2008, p.8).

Na Área Indígena Xerente, mesmo com todas as aldeias possuindo eletricidade, o uso da internet pelos Akwẽ ainda é restrito. As que possuem têm uma enorme colaboração das escolas. No interesse de saber sobre esse acesso à internet pelos Xerente, elaborei com ajuda dos caciques Tiago Xerente e Valci Xerente o Quadro 1, que menciona o acesso à internet nas aldeias das Terras Indígenas Xerente e Funil.

Quadro 1. Aldeias⁴⁵ Akwẽ com acesso à internet

| Aldeia | Velocidade do Sinal da Internet | Forma de acesso |
|------------------|--|--|
| Porteira-Nrozawi | Velocidade moderada | Na escola (wi-fi) e por meio de pacote de dados da operadora Vivo |
| Salto-Kripré | Velocidade boa | Na escola (wi-fi) e por meio de pacote de dados das operadoras Claro, Vivo e Oi. |

⁴⁵ Outras aldeias não foram mencionadas no Quadro 1, visto que não há acesso à internet segundo os caciques que colaboraram na produção deste Quadro.

| | | |
|----------------|---------------------|--|
| Brupré | Velocidade ruim | Na escola (wi-fi) |
| Recanto | Velocidade moderada | Na escola (wi-fi) |
| Funil | Velocidade moderada | Na escola (wi-fi) |
| Rio Sono | Velocidade moderada | Na escola (wi-fi) |
| Riozinho | Velocidade moderada | Na escola (wi-fi) |
| Brejo Comprido | Velocidade moderada | Na escola (wi-fi) |
| Ktepo Xerente | Velocidade ruim | Por meio de pacote de dados das operadoras Claro, Vivo e Oi, em alguns pontos da aldeia. |

Fonte: Produzido pelo autor com informações de Tiago Xerente, Valci Xerente e Srewe Xerente.

Como visto, das 69 aldeias existentes apenas 9 (nove) têm conexão com a internet nas escolas ou por meio de pacotes de dados de internet disponibilizadas (com um custo) pelas operadoras de telefonia. Assim, há um baixo índice de aldeias Akwẽ-Xerente com acesso à internet e além disso, a velocidade da internet oscila entre bom, ruim e moderado. Isso está relacionado a fatores como a ausência de redes de internet ou de escolas (com acesso digital), além de muitas aldeias estarem localizadas em um território distante dos centros urbanos de Tocantínia, Miracema, Lajeado e Pedro Afonso, por exemplo, onde a internet é mais acessível. Contudo, nessa constante utilização e apropriação de tecnologias de informação e comunicação, especialmente por meio das tecnologias digitais como o computador e celular, os Akwẽ se viram imersos no universo do ciberespaço (LÉVY, 1999) ou da cibercultura⁴⁶ (LEMOS, 1997).

3.4. Akwẽ conectados no ciberespaço: os dias atuais

Além do uso de computadores nas escolas, os Akwẽ, nos últimos seis anos (segunda década dos anos 2000), passaram por novas apropriações tecnológicas, entre elas os celulares. É notável nas aldeias, nas quais adentrei para pesquisa ou daquelas que visitei em outras ocasiões, que a maioria dos aparelhos celulares possuem acesso à internet, por meio de pacote de dados das

⁴⁶ Essas novas práticas, atitudes, valores no meio digital, foram chamados de cibercultura, e se desenvolveram juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999), rodeado, portanto, por tecnologias, aliado a sociedade e a cultura (LEMOS, 1997). “A cibercultura representa a cultura contemporâneas sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna” (LEMOS, 2005, p. 2).

operadoras, já citado no Quadro 1, e que são utilizados bem mais para uso da internet, e, conseqüentemente, das redes sociais digitais, do que para realizar ligações. É o que me conta Rairan Warde Xerente, 28 anos, da aldeia Salto:

O computador aqui na aldeia ficou algo só para uso na escola ou pra quem tem mais condição, o que é mais difícil. Quando surgiram os celulares aí com internet...aí ficou bem mais fácil, é mais barato...compra até parcelado (risos). Eu mesmo só no celular. Facilitou muito mais pra gente pra acessar informação, email, facebook e o zap...

Os Akwẽ estariam passando de simples usuários da internet a protagonistas de suas narrativas, especialmente das redes sociais digitais⁴⁷; que esta pesquisa vem confirmar.

As redes sociais digitais são o resultado das interações entre indivíduos, tecnologias e fluxos informativos, e nelas ocorre a manifestação de uma sociedade planetária que se expressa em um espaço público desterritorializado, estabelecendo uma interconexão, interpessoal universal, sem mediação governamental, com liberdade de expressão de associação com base em parâmetros partilhados por todos (TORRES, 2008, p.257).

Em 2007, na pesquisa de Pereira (2007), já mencionada, foram identificadas 07 comunidades no *Orkut*⁴⁸, moderadas por sujeitos que se autoidentificavam⁴⁹ como indígenas.

Os povos indígenas estão presentes no ciberespaço, seja por meio de organizações indigenistas e/ou indígenas, ou por sujeitos que por algum motivo se destacam (em boa parte, escritores indígenas). Tratando-se do panorama daqueles que se auto-identificam como indígenas e estão na rede com um site, blog, portal, ou comunidade virtual no Orkut, tais experiências tornam-se mais expressivas. Principalmente, porque se comunicam – interagem e produzem conteúdos – sem a mediação de nenhuma instituição e empreendem nas tramas hipertextuais da rede formas significativas de auto-representação e de protagonismo (PEREIRA, 2007, p.49).

⁴⁷ Os sites de redes sociais passaram a existir junto com o advento da internet, no final da década de 1990, tendo como pioneiro o site SixDegrees (LEMOS e LÉVY, 2010). Anos mais tarde se popularizou com o *Orkut* e em seguida o *Facebook*, criado em 2004, no interior da Harvard University, idealizado por Mark Elliot Zuckerberg.

⁴⁸ “Criada em janeiro de 2004 pelo engenheiro turco, Orkut Büyükkökte. O mesmo nome dado à ferramenta de relacionamentos, o Orkut é vinculado ao Google” (PEREIRA, 2007, p.61), mas deixou de funcionar em 2014.

⁴⁹ Ao se identificarem como indígenas se apropriam da “autoidentificação”, que é umas das categorias definidas por Barth (1976), e com isso apresentam novas fronteiras étnicas que os difere de outros grupos.

Em uma outra pesquisa da mesma autora, Pereira (2013) reforça a notável presença dos nativos indígenas nesse novo cenário dos meios de comunicação e informação do Brasil, especialmente na Web 2.0.

A disseminação da Internet e a comunicação em rede provocaram, evidentemente, o aparecimento de um novo cenário, em que flexibilidade e conectividade reticular interativa instigam novas reflexões, principalmente nessa fase da rede identificada de Web 2.0, associada, principalmente, às arquiteturas informativo-colaborativas: Wikipedia e YouTube, e às redes sociais digitais (entre elas Orkut, Facebook, Twitter, etc.) (PEREIRA, 2013, p.40).

Há, atualmente, diversas outras redes sociais digitais também utilizadas por indígenas, como o *Twitter, Instagram, Youtube, WhatsApp, Messenger, Skype, Snapchat e LinkedIn*. Os Akwẽ, das aldeias Salto e Porteira, utilizam com frequência o *Facebook e o WhatsApp*, e ainda notei a presença tímida de alguns desses indígenas no *Instagram*, além de utilizarem o *Youtube* para visualização de vídeos. Eliene Hirêki Xerente, 26 anos, da aldeia Porteira, me reforça esta constatação, complementando que a internet disponibiliza pela escola por meio do *wi-fi* continua sendo a principal forma de acesso ao universo digital.

Se você for na escola, qualquer hora, vai notar que tem muita gente usando. Eu...e muito aí da aldeia...usam facebook, zap e insta...é todo dia. A gente gosta especialmente pra postar foto e conversar...têm os grupos de zap aqui da aldeia (risos). E uso ainda pra saber as novidades (risos). Tudo ficou mais fácil...é muito bom.

Eliene Xerente, ao mencionar que “*Tudo ficou mais fácil*” – discurso que ouvi de vários Xerente – está referindo-se à comunicação interpessoal entre eles, outros povos indígenas e a sociedade não indígena, além do acesso à informação.

As redes sociais digitais são utilizadas nas aldeias Salto e Porteira, na maioria das vezes, como forma de comunicação entre os Akwẽ (como os grupos e perfis no *WhatsApp*⁵⁰ ou *Messenger* do *Facebook*), com outros indígenas de etnias diferentes ou até mesmo com os não indígenas, além de utilizarem como meio de informação e conhecimento e para interação⁵¹ com a sociedade

⁵⁰ Os Akwẽ das aldeias analisadas possuem diversos grupos de WhatsApp. Mas, em cada aldeia há um grupo específico utilizado para avisos internos e externos.

⁵¹ Os contextos interativos segundo Thompson (2008) são face a face; o mediado, que se estabelece através do uso de recursos técnicos; e o quase mediado, cuja interação ocorre de forma estendida no tempo e no espaço, com mediação dos meios de comunicação de massa. Aqui discute-se os contextos mediado e quase mediado.

envolvente. De antemão, foi possível notar ao acessar redes sociais dos entrevistados e de outros Akwẽ que eles preferem publicar, em sua maioria, fotos ou vídeos pessoais, assim como eventos culturais e até mesmo para divulgarem seus anseios frente à sociedade não indígena.

Dessa forma, os acessos às redes sociais pelos indígenas criam não só situações de acesso, mas ainda de protagonismo, em que eles mesmos, ao se fazerem presentes, produzem suas narrativas e são ativas das suas próprias histórias e lutas. A cada acesso, clique e imersão no universo digital, os Akwẽ se reconstróem e se reelaboram etnicamente (PEREIRA, 2008; BARTH, 1995) ao se apropriarem das tecnologias⁵² digitais e ao estarem diante do processo de modernização social⁵³ e da globalização⁵⁴, criando uma realocação dos modos interativos. Então, apenas com uma análise aprofundada junto aos Akwẽ, no próximo capítulo, no contexto das aldeias ou no universo digital em que estão inseridos, poderei confirmar ainda as mudanças e ressignificações provocadas em suas tradições diante dessa nova forma de “habitar” (DI FELICE, 2005) graças a sua inserção no ciberespaço e a apropriação dos meios digitais de comunicação.

⁵² Para Nestor García Canclini (2015) os sentidos das tecnologias se constroem conforme os modos pelos quais as culturas se institucionalizam e se socializam.

⁵³ Desse modo, Novaes (1994, p.181) confirma que: “Ao fim de muitos anos de convivência e observação, resta à convicção muito forte de que nas culturas indígenas se encontram muitos traços, muitas direções, de uma verdadeira modernidade”.

⁵⁴ “O conceito de globalização, portanto, não deve ser entendido em relação ao globo terrestre, mas sim no sentido de uma ação ou processo, ou seja, a sua realização ou a sua vivência simultânea em múltiplos pontos do espaço” (ELHAJJI, 2004, p.42).

PARTE II - @KWĒ-XERENTE

Figura 18. Cliques Xerente: tecnologias nas aldeias



Foto: Imagem retirada da *fan page* “Nação Xerente-Tocantinia/TO”. Acesso em: 20 jun. 2018.

Novamente eu voltava às estradas com destino às aldeias Salto-Kripré e Porteira-Nrozawi. Avistava os buritizeiros, palmeiras típicas do cerrado que já estavam carregadas com seus frutos de tonalidades marrom e alaranjada, que nascem em torno dos córregos locais ou ainda à beira do rio Tocantins. Anunciava, assim, mais um janeiro. Um ano novo que se iniciava – 2018 - e surgiam novos desafios, novas histórias e percepções sobre a nação chamada Xerente. O tempo passava, deixava para trás cerca de quatro meses de idas e vindas às Áreas Indígenas Xerente e Funil. Recordo desses meses de 2017, de junho a setembro, em que vivenciei práticas e ouvi histórias para a realização da Parte I desta dissertação, para descrever a historicidade do povo Akwê e ainda o surgimento da eletricidade e das tecnologias nas aldeias.

Eis que aqui apresento a Parte II. Outros seis meses foram fundamentais para me aprofundar sobre a relação dos Akwê com as tecnologias, sendo o *corpus* da presente dissertação, em que analiso a forma como estes se apropriam, usam e se fazem presentes diante das redes sociais

digitais. Em termos metodológicos, utilizo além das técnicas da etnografia, àquelas referentes à etnografia digital⁵⁵, para analisar perfis e páginas no *Facebook*, especialmente sobre o conteúdo produzido pelos próprios Akwẽ-Xerente. Essa análise será intercalada por narrativas colhidas através de entrevistas coletadas durante o trabalho de campo, característico do método etnográfico. Algumas discussões teóricas também foram incluídas para subsidiar essa complexa análise da relação dos Akwẽ com as redes sociais digitais e as tecnologias de comunicação e informação.

⁵⁵ Para Ferraz e Alves (2017, p.10): “(...) as investigações de abordagens etnográficas na internet eram e ainda são comumente chamadas de netnografia, etnografia virtual, webnografia, etnografia digital ou etnografia online”. Os mesmos autores definem: “(...) o objetivo da etnografia virtual seria a compreensão das possibilidades da internet e a implicação de seus usos” (p.14).

4 – O CIBERESPAÇO E AS RESSIGNIFICAÇÕES DAS TRADIÇÕES

Chegava à aldeia Porteira sob chuva intensa. Sim, chuva, visto que o verão por aqui é chuvoso. Da porta das casas, olhos curiosos. Parei, como de costume, à casa do ancião Sonzé Xerente e de sua esposa Dona Neuza Xerente, como é carinhosamente conhecida. Sempre havia uma recepção calorosa quando eu chegava àquela casa de barro, palha e madeira. Já me sentia parte da família, acolhiam-me com um paparuto, um suco ou um café. Enquanto isso Dona Neuza cuidava do artesanato; a filha mais velha, Eliete, cuidava do almoço; seu Sonzé me olhava e sorria de longe, lidando com os animais, plantas e com a limpeza do quintal; Eliene Xerente, 26 anos, uma das filhas mais novas do casal, além de seus irmãos e sobrinhos, estava de olho no aparelho celular. Um deles entoou: “*A internet caiu, culpa da chuva*”. Aproximei-me de Eliene, questionei sobre o uso do celular e das redes sociais digitais, ela me disse:

*Quando tenho internet uso aqui mesmo em casa, quando não tenho sento lá perto da escola e uso. Uso sempre a noite, eu não sou muito de publicar, mas **estou lá olhando tudo** (sorri). A gente tem que ter horário pra tudo... **pra ajudar a fazer o artesanato, pra fazer comida, pra arrumar a casa e pra usar o telefone**...mas de vez em quando dou uma olhadinha no telefone, no zap, no face e faço as coisas que tenho pra fazer (sorri).*

Ainda no contexto da família do ancião Sonzé, uma das crianças me pediu: “tio, quero tirar uma foto”. Foram tantos *selfies*⁵⁶ que não os saberia contabilizar aqui. Pediam ainda para usar os jogos eletrônicos que meu celular disponibiliza, deixei por alguns minutos. Aos poucos, aqueles sorrisos encantados com as fotografias, com os jogos e com a tecnologia do celular faziam com que as antigas brincadeiras de roda, no quintal, com os instrumentos de madeira que eles mesmos produziam ficavam, por hora, de lado.

Justamente diante desses novos contextos interativos⁵⁷ nas comunidades indígenas, como a Akwẽ, Thompson (2008, apud Nilo 2010) chega à tese da *nova ancoragem da tradição*⁵⁸, isto é, ao fato desta tradição não se limitar mais aos contextos práticos da vida cotidiana, mas se expandindo,

⁵⁶ Fotografia de si mesmo.

⁵⁷ Os contextos interativos segundo Thompson (2008) são face a face; o mediado, que se estabelece através do uso de recursos técnicos; e o quase mediado, cuja interação ocorre de forma estendida no tempo e no espaço, com mediação dos meios de comunicação de massa.

⁵⁸ Na concepção de Thompson (2008) pode ser entendido como o fenômeno no qual estas tradições “perdem uma raiz” fixada em um determinado lugar para surgirem e se “ancorarem” em diversos outros lugares, até certo ponto, indeterminados.

sendo renovadas, ressignificadas e “ancoradas” em novos contextos interativos que vão além dos limites das situações de origem. É o que Demarchi (2014, p.30), em sua tese, reforça: “(...) Pensar esses rituais contemporâneos implica em pensar as transformações contemporâneas dos coletivos indígenas em virtude da crescente interação com as sociedades nacionais”.

No mesmo dia, ainda na Porteira, ao visitar o cacique Tiago Xerente, 26 anos, já apresentado em capítulos anteriores, conheci ainda um de seus irmãos Ismael Xerente, 27 anos.

Antes passamos o dia conversando com os amigos e família debaixo da árvore, agora é trabalho de dia, na cidade ou aqui mesmo na escola...e agora a gente conversa muito mais pelo celular. Todo mundo aqui já tem alguma coisa que é movida a energia... é uma televisão, um som, máquina... E o forte agora é a internet, que a gente usa ou nos computadores na escola ou com o celular. Ismael Xerente.

Eu tô sempre conectado, quando a internet acaba vou ali pra escola e uso por lá. Uso muito para divulgar meus artesanatos e nossa cultura. Vendo muito mais artesanato quando posto no Facebook. Mas, também posto fotos pessoais, da minha filha, minha esposa...e assim vai...não dá mais pra viver sem essa tecnologias, aqui muita gente tem é televisão, é celular...todo mundo gosta de usar a internet. Tiago Xerente.

Figura 19. Venda de artesanato no Facebook



Foto: Imagem retirada Facebook do “Tiago Xerente”. Acesso em: 09 jan. 2018.

Figura 20. Divulgação de CD Xerente



Foto: Imagem retirada do *Facebook* pessoal de Tiago Xerente. Acesso em: 09 jan 2018.

É notório que os Akwẽ-Xerente passaram a conviver com um novo contexto social e cultural, o acesso às tecnologias, especialmente aquelas de comunicação, entre elas a internet, graças ao processo de indigenização da modernidade (SAHLINS, 1997), que é justamente a maneira como os povos indígenas vêm se elaborando culturalmente e incorporando o sistema mundial ao seu próprio sistema de mundo, isto é, indigenizam a modernidade, adaptam os processos do sistema moderno às suas realidades, e não o contrário.

A modernização, com efeito, não tem sido a única alternativa, sequer na cidade. O efeito inverso, a indigenização da modernidade, é no mínimo tão acentuado quanto o primeiro — na cidade como no campo. Na complexa dialética da circulação cultural entre a terra natal e os lares alhures, **as práticas e relações tradicionais ganham novas funções e talvez novas formas situacionais** (SAHLINS, 1997, p.114, grifo nosso).

Prova de que os Akwẽ vêm incorporando o sistema mundial ao seu próprio sistema de mundo estão aquelas publicações, em que reforçam seus elementos culturais próprias via canais digitais, como no *Facebook*. A imagem abaixo retrata um texto em língua Akwẽ e é finalizado com algumas palavras em Português. O que reforça os “processos de diferenciação” (GONÇALVES, 2010, p.98) de seus elementos próprios para outros elementos socioculturais, apropriação das tecnologias e adaptação do universo digital ao seu universo Xerente, isto é, a “indigenização da modernidade”.

Figura 21. Post na língua nativa Akwẽ

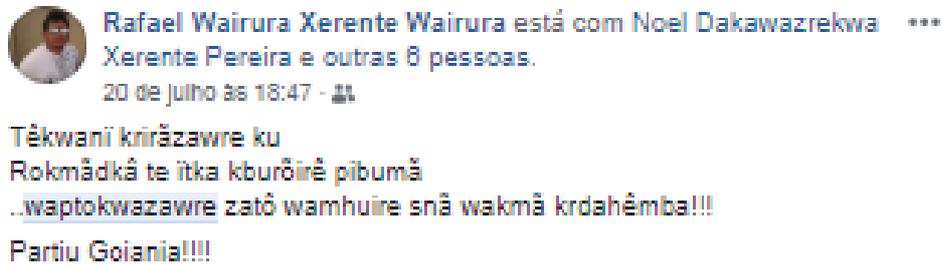


Foto: Retirado do perfil pessoal de Rafael Wairura no Facebook

Além disto, estas práticas ou novas formas situacionais reformulam, ressignificam e redimensionam o sistema interétnico, em que outras práticas são inseridas e acontecem paralelas a outras tradicionais ou já existentes antes das tecnologias nas comunidades. Alguns exemplos são apresentados no Quadro 2.

Quadro 2. Elementos culturais Akwẽ antes e após a apropriação das tecnologias

| Elementos ou práticas culturais Akwẽ | Práticas tecnológicas inseridas na realidade Akwẽ (após as tecnologias) |
|--|--|
| Conhecimentos repassados de Akwẽ para Akwẽ | <p>Conhecimentos de suas tradições continuam sendo repassados de geração em geração, de um Akwẽ para outro. Mas agora são também compartilhados e, por isso, podem ser apreendidos nos canais digitais, como na internet.</p> <p>Os canais digitais ou os aparatos tecnológicos são usados ainda para registrar ou como forma de guardar esses conhecimentos.</p> <p>Nas escolas, são utilizados computadores para acesso à informação, pesquisas e busca de conhecimento. Além disto, professores usam vídeos ou imagens digitais para exemplificar ou aprofundar suas aulas.</p> |
| Produção de artesanato | <p>Produção de artesanato continua a existir. Paralelo a produção assistem TV ou acessam à internet, via celular.</p> <p>Tiram fotos ou fazem vídeos e divulgam nas redes sociais digitais. Neste ponto, utilizam ainda as redes sociais como canal de venda dos seus produtos.</p> |
| | |

| | |
|-------------------------|---|
| Brincadeiras no quintal | As brincadeiras no quintal permanecem. Outras brincadeiras foram inseridas como assistir desenho animado ou brincar em frente à TV. Além das brincadeiras tecnológicas, como jogos digitais. |
| Comunicação face a face | A comunicação face a face permanece. E foi inserida na comunicação interna os meios tecnológicos, como os celulares e as redes sociais digitais. As conversas começam ou finalizam também no ambiente digital. O que facilitou ainda a comunicação externa. Os avisos internos das aldeias pesquisadas são informados também via celular ou redes sociais digitais. Há ainda caixas de som com microfones durante eventos festivos ou escolares. |

Fonte: Produzido pelo autor

A narrativa anterior e o quadro acima esclarecem que entre os Akwê há novas circunstâncias, com a presença das tecnologias e do universo digital. Ao mesmo tempo, reforço que as brincadeiras no quintal, a produção de artesanatos, a lida da casa, o plantio de hortaliças, o caçar, a pintura corporal, a conversa através da língua akwê, a comida típica e outros permanecem de forma evidente, sendo agora potencializados pelas mídias sociais. Assim, as apropriações tecnológicas não substituíram hábitos destes povos, mas foram incluídas e são utilizadas de forma paralela. A apropriação das tecnologias, a globalização⁵⁹ e o capitalismo não destroem e homogeneízam as culturas, mas sim geram uma grande diversidade de novas formas culturais (SAHLINS, 1997). Pereira (2008, p.304) ao se referir à internet pontua essa reformulação étnica: “(...) além de uma importante interface entre humanos e máquinas, tornou-se [a internet] um importante ambiente interétnico de (re)formulação étnica”.

Voltei à estrada esburacada e com atoleiros devido à chuva, com destino à aldeia Salto. O sol aparecia meio que tímido. Quando me avistaram, os moradores, crianças, jovens e adultos se fixavam em mim, ou para o “pesquisador da UFT”, como me conheciam. Por outro lado eu tinha que disputar atenção com os celulares e suas conexões. “O que você está fazendo no celular?” - eu perguntava para tentar mais atenção com a minha presença ali. Respondiam, em sua maioria: “tô aqui no *Whatsapp*”, “vendo o *Facebook*, mesmo”, “nada, só vendo foto” (sorrisos). Com os olhos tímidos me pediam frequentemente o número de telefone, ou melhor, “esse número é zap?”,

⁵⁹ “O conceito de globalização, portanto, não deve ser entendido em relação ao globo terrestre, mas sim no sentido de uma ação ou processo, ou seja, a sua realização ou a sua vivência simultânea em múltiplos pontos do espaço” (ELHAJJI, 2004, p.42).

acredite, como eu ouvi isso, aliado ao questionamento de qual o meu *Facebook* e alguns iam além e solicitavam meu *Instagram*⁶⁰. Nisso vi ainda mais a necessidade de aprofundar essa pesquisa na relação dos Xerente com as redes sociais digitais, as quais estão diante do ciberespaço. E será feito nos capítulos a seguir.

Em uma das visitas conheci Mariana Brudi Xerente, 19 anos. Sentada na porta de sua casa, me contou sobre a sua prática diária de uso das redes sociais digitais.

Eu não consigo mais me ver sem o celular... sem usar o zap e o Facebook. Todo dia eu tô conectada e muita gente aqui vive assim, principalmente os mais novos... Até que os mais velhos não, porque não aprenderam a mexer no celular ou não sabem ler. A gente só não usa se não tiver internet...falha muito a internet aqui...

Eu comecei a usar na escola, depois fiz um Facebook... uso de vez em quando, depois ganhei esse celular e agora tenho um Zap... e uso todo dia, quando tô sem crédito no celular eu uso a Wi-fi da escola. Eu vejo mais notícias, o que tá acontecendo, mais fofocas (risos), gosto de ver resumo de novela, também sobre sapatos e roupas. E uso muito pra bater papo com os amigos da aldeia e aqueles que tão fora daqui.

Quando posto uma foto minha no Facebook pintada ou em alguma tradição nossa aqui é como se eu estivesse postando algo sobre minha cultura. Então, isso não ajuda? O povo mais velho acha que isso só atrapalha. Se é bom, ajuda...faz parte já da nossa cultura. Mariana Xerente.

Figura 22. Bate papo



Foto: Imagem retirada do *Facebook* pessoal de Mariana Xerente. Acesso em: 12 fev. 2018.

⁶⁰ Essa rede ainda vem sendo utilizada de forma modesta e com baixa frequência.

A fala de Mariana Xerente: “Quando posto uma foto minha no *Facebook*, pintada ou em alguma tradição nossa aqui [nas redes sociais digitais] é como se eu estivesse postando algo sobre minha cultura”; reflete um terceiro ponto, que ao divulgar as expressões culturais dos Akwê, desconstruem também o estereótipo de “índio genérico” (FREIRE, 2000), aprofundando “os processos de diferenciação” (GONÇALVES, 2010, p.98). E ainda mostra que os contatos com a sociedade envolvente são essenciais para a construção e conservação dessas fronteiras e distinções culturais. O contato, pois, não elimina as diferenças, ao contrário, criam e reforçam (COELHO, 2008) os elementos culturais próprios dos Xerente.

Esses relacionamentos e contatos com outros grupos sociais, mencionados por Mariana Xerente, é uma característica das redes sociais digitais, que criam interatividade e laços sociais de acordo com os interesses, valores e objetivos de cada internauta.

Essa relação com as tecnologias vai além do uso de tais ferramentas, mas a partir dessa apropriação os Akwê-Xerente estão “reconstruindo suas identidades tecnologicamente”, visto que “as especificidades das tecnologias comunicativas produzem intensas transformações para os sujeitos” (PEREIRA, 2008, p.298) e criam novos ambientes ou territórios.

4.1 – Do warã ao ciberespaço, a reterritorialização

Figura 23. Akwê utilizam tecnologias no pátio da escola



Foto: Imagem retirada do *facebook* de Waikairo M. Xerente. Acesso em: 23 fev. 2018.

Andava mais alguns passos na aldeia Salto, chegava à Escola Indígena Waikamase, onde a internet é distribuída gratuitamente - como narrado no capítulo 3.3. Via nos arredores da escola inúmeros Akwê conectados. Nas salas de aulas não era diferente: alunos e professores entre um clique e outro no celular. Conheci o professor de Geografia Rairan Warde Xerente, 28 anos, que durante os períodos matutino e noturno está em sala de aula e constantemente utiliza a internet e o *Facebook* para ministrar as aulas e para uso pessoal.

*Depois que a internet chegou aqui na aldeia facilitou demais. Ajudou até eu terminar minha faculdade de Geografia... e ajudou também no acesso à informação, por exemplo, pra conversar, pra bater papo, ver outras coisas lá de fora e até daqui da aldeia... **E hoje, na sala de aula usamos não apenas os livros didáticos, mas mostramos vídeos, pedimos pesquisas pela internet, usamos como fonte de estudo, usamos muito o e-mail...** claro que tudo na escola indígena é mais precário...os computadores são poucos e nem sempre tem internet...*

Conversei com outras pessoas na escola, inclusive com o Diretor e Professor Davi Xerente, 39 anos, que me contou que algumas práticas culturais de ensino formal estão sendo substituídas graças às tecnologias⁶¹.

*Os nossos saberes eram passados de pais para filhos, dos anciões ou dos mais velhos para comunidade... Mas, os tempos são outros... Ainda aprendemos muito sobre nossa cultura... Mas, temos também que preparar os alunos para o mundo lá fora e atual, não apenas para nosso mundo na aldeia... **Se não fosse a tecnologia, os computadores a internet, íamos continuar aprendendo como?** Dificilmente os professores não indígenas veem aqui nos ensinar coisas novas, daí as tecnologias nos ajudam a pesquisar, a buscar outras coisas... O professor senta aqui no computador e prepara a aula... imprime... isso ajuda muito. São poucos os computadores, ainda precisamos de muito para melhorar nossas aulas.*

Assim, esses nativos indígenas estão interconectados e interligados por “redes interativas de computadores” que “estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldados por ela” (CASTELLS, 2001,

⁶¹ Vale ressaltar aqui que os computadores e conseqüentemente a educação online nas aldeias Akwê são precários. Além do baixo número de equipamentos, muitos estão sucateados e falta ainda treinamento técnico aos professores Akwê sobre o uso dessas ferramentas. Com isso, há uma oportunidade educacional limitada nos ambientes indígenas, o que cria uma barreira na educação online nas aldeias (FRAWLEY et al, 2017).

p.40). Na mesma linha de pensamento, Santaella (2003) ressalta:

Já está se tornando lugar-comum afirmar que **as novas tecnologias da informação e comunicação estão mudando não apenas as formas do entretenimento e do lazer, mas potencialmente todas as esferas da sociedade**: o trabalho (robótica e tecnologias para escritórios), gerenciamento político, atividades militares e policiais (a guerra eletrônica), consumo (transferência de fundos eletrônicos), comunicação e educação (aprendizagem a distância), enfim, estão **mudando toda a cultura em geral** (SANTAELLA, 2003, p.23, grifo nosso).

Há, notavelmente, no cotidiano dos Akwê um novo território⁶² simbólico, mediado e transformado pelo digital, percepções não podem ser mais ignoradas, de pequenos aos grandes hábitos desses indígenas, que se reconstróem em um novo território ou em um modo de “habitar” (DI FELICE, 2005) através das tecnologias. Apesar dos encontros socializados no warã (centro), em frente às casas, debaixo de uma mangueira, os Akwê incluíram ainda o ambiente digital, mediado e reconstruído pelas tecnologias, o chamado de ciberespaço⁶³: Para Di Felice (2005), o território deixa de ser apenas a paisagem e nele se desenvolve uma nova forma de habitar, na qual a localidade e as situações sociais são redefinidas tecnologicamente.

Na mesma linha de pensamento, a tese de Eliete Pereira (2013, p.67) traz como definição o “local digital”, sendo esse novo território das populações indígenas que, segundo a autora, significa “uma forma de “fazer espaço” no digital, tessitura de espacialidades comunicantes no habitar, no entre-lugar digital (...)”. A mesma autora, em outro texto, complementa:

(...) com as mídias, sejam aquelas associadas ao audiovisual, à literatura ou à Internet, significam não só formas de se comunicar, mas formas de **representação de si, de estar no mundo (de habitar) e de representá-lo**, em que a disseminação de discursos e dispositivos simbólicos veicula tecnologicamente dimensões cognitivas e novas práticas culturais (PEREIRA, 2010, p.66).

⁶² O território mencionado aqui são aqueles mergulhados em diversos sistemas de significação, numa dimensão “simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais” (HAESBAERT, 1999, p.42).

⁶³ “O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999, p.17). Pereira (2008, p.303), por sua vez, destaca que os povos indígenas “estão presentes no ciberespaço, comunicam-se – interagem e produzem conteúdos – sem a mediação de nenhuma instituição e empreendem nas tramas hipertextuais da rede formas significativas de (re)significação étnica e protagonismo indígena”.

Além do modo de viver ou habitar, existe ainda o “modo de Ser”⁶⁴ (PEREIRA, 2008), proporcionado pela perspectiva do digital. Para o caso do presente estudo é possível notar que os Akwê-Xerente não só se apropriaram dos equipamentos tecnológicos, mas são agora sujeitos digitais que atribuem sentidos e ressignificam seus cotidianos (BITENCOURT, 2014) . É o que diz Ricardo Barbosa Bitencourt (2014), em sua dissertação⁶⁵, nessa percepção do “Ser digital”:

Mais que uma condição de uso de equipamentos, percebe-se uma dimensão ecológica em que **os sujeitos se inserem como extensão de um ser digital**, atribuindo sentidos e ressignificações no cotidiano indígena. Há algo extensivo em seus corpos e em suas relações (BITENCOURT, 2014, p.20 e 21, grifo nosso).

Vale ressaltar que a perspectiva traçada “não incita de forma alguma a deixar o território para perder-se no ‘virtual’, nem a que um deles ‘imite’ o outro, mas antes a utilizar o virtual para habitar ainda melhor o território, para tornar-se seu cidadão por inteiro” (LÉVY, 1999, p.196). Portanto, o que o ambiente virtual ensina é que é possível estar conectado há inúmeros lugares, sem fronteiras geográficas, com a possibilidade de interação social e cultural, através do digital.

Diante das novas condições de sociabilidade propiciadas pela conexão e interação via Internet, povos indígenas podem divulgar os seus valores e pontos de vistas para o mundo, não só, podem formar redes de apoio, conhecer pessoas, construir relacionamentos e se fazerem presentes além das aldeias, ou dos espaços territorialmente demarcados (PEREIRA, 2007, p.41).

Eliene e seus irmãos, além de Tiago, Ismael, Mariana, Rairan e Davi Xerente nos relatos anteriores trouxeram elementos dessa reestruturação ou ressignificação das tradições culturais demonstrando que o ambiente Akwê vive um processo reterritorialização⁶⁶. Com isso, não apenas há um novo “habitar”, mas há uma reconstrução das identidades culturais Akwê-Xerente mediante o uso das tecnologias.

⁶⁴ “Com as transformações proporcionadas pelas tecnologias comunicativas, novas implicações surgem para se pensar o Ser, considerado aqui mais por uma situação social do que pelos aspectos metafísicos e antológicos” (PEREIRA, 2008, p.299).

⁶⁵ A pesquisa foi nomeada “Etnografia virtual dos índios Pankararu do sertão pernambucano”.

⁶⁶ Canclini (1995) pontua que a reterritorialização envolve a passagem de um mundo de “identidades modernas” para um mundo de “identidades pós-modernas”.

Seja no terreiro, com o povo indígena, num blog ou mesmo em redes sociais digitais, a vivência construída consolida e/ou favorece um sentido próprio do Sujeito no território virtual, com seu processo de digitalização. No campo da comunicação, em especial a que envolve a Internet, o termo espaço ou território pode ser configurado a partir das aspirações e do envolvimento de cada indivíduo (BITENCOURT, 2014, p.37).

Resumindo o que vivenciei, arrisco-me a afirmar que práticas cotidianas como cuidar dos animais, da casa, dos filhos ou fazer artesanato dão espaço também para um clique no celular. Assim, vender artesanato ficou ainda mais fácil graças às redes sociais digitais; brincar com auxílio do celular é também uma diversão; estar literalmente conectado faz parte do cotidiano; as sombras das árvores já não servem apenas para conversar com os vizinhos, mas para navegar na internet; ensinar com ajuda das tecnologias está garantindo novos aprendizados; ora se balança na rede, ora conecta-se na rede; rede social é também digital; as tradições culturais vão além do espaço do warã (centro da aldeia), alcançando o ciberespaço; a língua Akwẽ permanece viva, agora também compartilhada no ambiente digital.

4.2 - Cultura e “Cultura” e os Akwẽ-Xerente

“Isso não é cultura do Akwẽ”. A afirmativa é do ancião da aldeia Porteira Sonzé Xerente, que me aguçou a trazer para esta pesquisa uma breve discussão sobre as tecnologias e as redes sociais digitais para os Akwẽ-Xerente.

Para melhor compreensão, ouvi inicialmente as opiniões de Sonzé e ainda do ancião da aldeia Salto Valdeciano Xerente, as quais foram entoadas na mesma linha de pensamento:

*Eu não achei bom esse negócio que entrou aqui na nossa cultura... esse tal de TV, lâmpada, rádio...essas tecnologias aí. Os novos até que gostaram...mas, **isso não é cultura do Akwẽ**. Tá distanciando a gente...até as vezes ajuda... não os índios tão aí, tudo deixando de praticar nossa cultura pra ficar nesse tal de celular e internet aí... Eu falo assim: **tão acabando com nossa cultura**, isso é coisa do homem branco...só serve pra eles...aí Akwẽ tá usando. **Sonzé Xerente**.*

*Eu tenho som, tenho televisão aqui, mas isso daqui é **coisa do homem branco**...é coisa deles...o índio foi indo...foi indo...aprendeu a ler, aprendeu coisa de branco...é escrever, é internet...telefone...agora tá aí...tá esquecendo a língua akwẽ, não sabe direito tradição...tá aí perdendo tudo...só nós anciãos e os mais velhos que sabem história, **Dasĩpe...cultura nossa. Valdeciano Xerente**.*

Como visto, os anciões têm um entendimento de que a tecnologia não é cultura Akwẽ, apesar de muitos a utilizarem em suas casas ou no dia a dia da aldeia. Estes acreditam que as

tecnologias são parte da cultura do “homem branco”, ou seja, não é algo “autêntico” (GONÇALVES, 2010) da cultura Akwê-Xerente. O que, segundo eles, pode atrapalhar e colocar em risco a “verdadeira cultura” Xerente, levando a “perda cultural”. E apesar do termo “perda cultural” ter sido citado aqui como algo dito pelos Akwê, é preciso entender que as comunidades indígenas passaram por diversas mudanças provocadas pela sociedade informacional, mas não podemos cair no “discurso vitimizante da contaminação, da perda cultural, da homogeneidade causada pelo sistema mundial” (FAUSTO, 2006, p.30).

Por outro lado, além desta preocupação das tecnologias e das redes sociais serem um risco para cultura Akwê, há uma outra linha de pensamento clara nos discursos desses nativos indígenas, principalmente dos mais jovens, de que estes meios de comunicação e informação potencializam a cultura Xerente. Percebe-se assim, uma diferença geracional nas percepções e visões sobre os usos das tecnologias pelos Akwê.

Para ir além nesta discussão, trago a análise os conceitos de cultura e “cultura” (entre aspas) apresentada por Manuela Carneiro da Cunha (2014). Visto que, como pontua Klein (2013, p.37), essa discussão no âmbito dos povos indígenas, é de extrema relevância “à medida que permite enfatizar com acuidade um processo de reflexividade cultural presente nas práticas e discursos midiáticos indígenas”.

Para Cunha (2014), cultura (sem aspas) é a rede de hábitos e significações próprias de um povo, uma “cultura em si”; já a "cultura" (entre aspas) é a forma como, no caso, os indígenas mostram para os outros a sua cultura, para afinar ou reforçar identidade, dignidade e poder.

Na linguagem marxista, é como se eles [os indígenas] já tivessem "cultura em si" ainda que talvez não tivessem "cultura para si". De todo modo, não resta dúvida de que a maioria deles adquiriu essa última espécie de "cultura", a "cultura para si", e pode agora exibi-la diante do mundo (CUNHA, 2014, p.313).

Assim sendo, no caso Akwê, como aqui debatido e analisado no dia a dia das aldeias, a “cultura” (entre aspas) ou como esses indígenas mostram para os outros a sua cultura, está relacionado às redes sociais digitais, as quais são utilizadas para divulgar, dar voz e potencializar a cultura destes indígenas. Portanto, neste elo da “cultura” com a cultura Xerente, é preciso entender o que reforçou Cunha (2014, p.359): “as pessoas, portanto, tendem a viver ao mesmo tempo na “cultura” e na cultura”, é o efeito de *looping* (união) (KLEIN, 2013) dos termos aqui debatidos.

A importância da “cultura” ou das redes sociais digitais para os Akwê, foram me contados entre uma conversa e outra:

*Tem aqueles mais velhos que acham errado, mas a gente precisa acompanhar essas tecnologias. **E mostrar para o homem branco que somos capazes também.** Continuamos preservando nossa cultura, mas a tecnologia está aqui presente. **Eu sempre posto algo sobre a cultura Akwẽ.** Eu gosto de mostrar pras pessoas um pouco da nossa tradição, da nossa pintura, do artesanato, da língua... Por isso, pode até não ser nossa cultura, cultura... akwẽ, mas ajuda muito. **Tiago Xerente.***

*As tecnologias só vêm para favorecer a nós próprios, para nos dar visibilidade... temos que aproveitar as redes sociais para fomentar as tradições culturais, os valores da nossa cultura. Mas, temos também que ter cuidado para não fazer perder nossa língua, rituais e só querer copiar as coisas do homem branco. Não é algo nosso, mas se ajuda, temos que saber usar sim. **Edvaldo Xerente.***

*Quando posto uma foto minha no Facebook pintada ou em alguma tradição nossa aqui é como se eu estivesse postando algo sobre minha cultura. Então, isso não ajuda? O povo mais velho acha que isso só atrapalha. Se é bom, ajuda... faz parte já da nossa cultura. **Mariana Xerente.***

Portanto, nestas falas fica claro que as redes sociais e as tecnologias de comunicação e informação reforçam uma extrema relevância pela busca da igualdade, em que os Akwẽ podem ser protagonistas de suas próprias histórias, permitindo que eles expressem sua posição social na sociedade (GALLOIS e CARELLI, 1998) e minimizem, assim, estereótipos⁶⁷.

(...) o brasileiro pode usar coisas produzidas por outros povos - computador, telefone, televisão, relógio, rádio, aparelho de som, luz elétrica, água encanada - e nem por isso deixa de ser brasileiro. Mas o índio, se desejar fazer o mesmo, deixa de ser índio? É isso? Quer dizer, **nós não concedemos às culturas indígenas aquilo que queremos para a nossa:** o direito de entrar em contato com outras culturas e de, como consequência desse contato, **mudar** (FREIRE, 2000, p.12-13, grifo nosso).

Ao utilizarem, pois, as redes sociais digitais, como os Kaiowa e Guarani abordados na pesquisa de Klein (2013), estão ainda dando visibilidade aos seus conhecimentos⁶⁸ e suas expressões culturais ou seus sinais diacríticos⁶⁹ (BARTH, 1976), em que esses traços culturais,

⁶⁷ O pensamento de que os indígenas não têm capacidade para utilizarem as tecnologias não devem prevalecer. Já que “Não podemos subestimar o poder que os povos indígenas têm de integrar culturalmente as forças irresistíveis do sistema mundial”.

⁶⁸ “(...) as práticas midiáticas indígenas parecem revelar novas formas de pensar a propriedade da cultura, fazendo emergir questões sobre a gestão do conhecimento” (KLEIN, 2013, p.36),

⁶⁹ Em outras palavras, o termo significa “elementos simbólicos” próprios. Barth (1976) ressalva que são as fronteiras (ou “fronteiras étnicas”, como ele cita) que definem um determinado grupo. As fronteiras étnicas são mantidas, em cada

muitas vezes negados (SILVA, 2010) pela sociedade, são ofertados e compartilhados. Ou seja, é a “cultura” como metadiscorso sobre a cultura” (CUNHA, 2014, p.363). O que também coloca em prática os direitos intelectuais dos Akwê e, conseqüentemente, propagam suas tradições culturais, num elo da cultura e da “cultura”, como categorias complementares.

Assim, ao mesmo tempo em que acreditam que as tecnologias e as redes sociais digitais não são os sinais diacríticos da cultura Xerente, como afirmam os mais velhos, ora reforçam que é uma forma privilegiada de expressão e comunicação da “cultura”, especialmente os mais novos, já que ao utilizarem tais meios de comunicação e informação mostram para os outros a sua “cultura”, reforçando, como dito, a identidade, dignidade e poder deles frente à sociedade, numa constante preocupação pela “preservação” da cultura Akwê. Essas questões refletem uma discussão atual entre os Akwê, em meio à proporção em que se tornou o uso das tecnologias e dos meios de comunicação. E que continuarei discorrendo a seguir.

caso, por um conjunto limitado de características culturais, que persistem apesar do contato interétnico e da interdependência.

5 – O CIBERATIVISMO AKWE

A cultura é contada agora [também] por meio da tecnologia.
Edvaldo Xerente, aldeia Porteira.

Era março, as chuvas continuavam. Sim, as “Águas de março” [Tom Jobim], no “Tocantins 40 graus”, como brincam os moradores da região pelas altas temperaturas em quase todos os períodos do ano, sendo um dos estados brasileiros mais quentes do Brasil. Enquanto dos céus vinham gotas intensas de uma chuva que não cessava, as estradas de acesso às aldeias Akwê-Xerente se tornavam ainda mais precárias, com buracos e atoleiros imensos.

Enquanto isso no *Facebook*, os Akwê pediam melhorias em suas postagens, como representado na figura abaixo. Desta forma, os Xerente utilizam as redes sociais digitais não apenas como meios de interação social, mas também de mobilização ou manifestação, como uma forma de ativismo⁷⁰ no ambiente digital.

Figura 24. Denúncia de buracos nas estradas Xerente



Foto: Imagem retirada do *facebook* pessoal de Gabriel, Xerente. Acesso em: 10 mar. 2018.

Assim como foi no Movimento Zapatista, no México, como descrito em capítulo anterior (Ver subcapítulo 3.3), os Akwe vêm demonstrando na prática o que seria o *ciberativismo*.

⁷⁰ “O ativismo se caracteriza por constituir-se em modalidade de expressão e de divulgação de ideais políticos, religiosos, culturais e éticos por meio do Facebook, bem como em um meio para promover debates e mobilizações sociais” (ROSA e SANTOS, 2013, p.74).

O ciberativismo é a uma forma de ativismo através da internet, ainda que seja necessária a existência do ativismo real. Utilizado, principalmente, por grupos politicamente ativos, essa forma de ativismo é realizada com a intenção de divulgar e abrir espaços para determinadas causas e possíveis discussões sobre os assuntos. Além disso, aqueles que utilizam dessa prática acreditam que essa seja uma alternativa aos meios de comunicação em massa tradicional (RESENDE et al, 2015, p.3).

Desta forma, o ativismo digital busca, entre outras coisas, o “apoio e a mobilização para uma causa; criar espaços de discussão e troca de informação; organizar e mobilizar indivíduos para ações e protestos on-line e off-line” (RIGITANO, 2003, p.3).

Figura 25. Xerente se manifesta *online* e *off-line*



Foto: Imagem retirada do *facebook* pessoal de Gilberto Xerente. Acesso em: 21 mar. 2018.

Sandor Vegh (2003, p. 71), no livro “*Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank*”⁷¹, afirma que “entende-se por ciberativismo a utilização da internet por movimentos politicamente motivados”. Vegh propõe ainda três categorias de classificação do ativismo on-line, sendo a primeira a *Conscientização e apoio*, na qual a internet pode funcionar como uma fonte alternativa de informação. A partir dessa obtenção de informações, através de visitas a sites, os ativistas podem se inscrever em listas de discussões ou participar de fóruns. A segunda classificação diz respeito à *Organização e mobilização*, que nasce a partir da

⁷¹ O livro não tem tradução para o português ou não foi identificado pelo presente autor.

Internet e parte para uma determinada ação, que pode ser online ou *offline*. Por último, esse ativismo é formado pelas iniciativas de *ação/reação*; mais conhecidas por “*hacktivismo*”, ou ativismo *hacker*⁷². Tentarei, a partir dessas definições, enquadrar as publicações dos Akwê no *Facebook*.

Ao navegar no *Facebook*, eu buscava inúmeras páginas de fãs ou *fan pages* e perfis que narravam às tradições culturais e anseios dos Akwê. Em meio a isso encontrei perfis e páginas de várias comunidades indígenas do Tocantins, visto que nos últimos anos, acompanhando as mudanças do processo tecnológico, a presença dos indígenas também do Tocantins se tornou notável em sites, blogs e redes sociais no Estado. O quadro abaixo apresenta justamente as sete *fan pages* e perfis verificados, todos no *Facebook*.

Quadro 3. *Fan pages*/Comunidades/Perfis sobre os indígenas do Tocantins

| Fan Page / Perfil | Links ou Endereços eletrônicos |
|----------------------------------|---|
| Nação Xerente Tocantínia/TO | https://web.facebook.com/nacaoxerente/ |
| Povo Karajas | https://web.facebook.com/Povo-Karajas-299892923423447/?_rdc=1&_rdr |
| Povo Pankararu do Tocantins | https://web.facebook.com/POVO-Pankararu-Do-Tocantins-449451558513197/?ref=br_rs |
| Web Xerente | https://web.facebook.com/edvaldo.akwe/ |
| Cultura & Karaja | https://web.facebook.com/cultura.karaja/ |
| Aldeia Canoanã Javaé – Perfil | https://www.facebook.com/search/top/?q=aldeia%20canoan%C3%A3%20java%C3%A9 |
| Aldeia Salto Kripre - Perfil | https://web.facebook.com/aldeiasalto.kripre?pnref=stor y |

Fonte: Produzido pelo autor

⁷² Entre outras coisas, o ativismo hacker é uma resposta à sociedade de controle. Como explica Machado (2015, p. 1536), “Dia após dia, hacktivistas se unem para, entre inúmeras outras ações: furar bloqueios indesejáveis; libertar informações de interesse público; promover a proteção da privacidade dos internautas; criptografar comunicações; desenvolver softwares inclusivos, cujo uso independa de empresas; (...) empreender ações digitais diretas em protesto a atos de governos e/ou corporações”.

Ao navegar notei ainda um dado importante: dos povos do Tocantins, os Karajá e Javaé⁷³, ambos da família *Iny* (como se autodenominam), foram os primeiros a divulgarem suas culturas e a expressarem seus anseios nessa rede social no Estado por meio de um número expressivo de publicações e seguidores no *Facebook*. De lá pra cá, não apenas os perfis pessoais ganharam força, mas as páginas também se fizeram presentes reforçando o caráter de grupo, apresentando informações sobre sua comunidade e sobre outras etnias indígenas. Assim, entre as comunidades indígenas tocaninenses presentes no *Facebook* ou identificadas na pesquisa realizada entre janeiro de 2017 a junho de 2018 estão presentes os Akwẽ-Xerente, Karajá, Pankararu e Javaé. Vale ressaltar que antes disso podem ter existido outros perfis ou páginas no *Facebook* não identificados aqui, até mesmo porque muitas dessas redes sociais digitais podem ter sido nomeadas na língua da própria comunidade.

Para esta pesquisa, analisarei apenas aquelas produzidas pelos próprios Akwẽ-Xerente, ou seja, as páginas “Nação Xerente – Tocantínia-TO” e “Web aldeias Xerente”. A partir da presença dos Akwẽ no ambiente das redes sociais digitais, começarei a utilizar técnicas da etnografia digital, que “significa observar a produção de (sempre) novas metáforas sobre um sistema organizado de diferenças” (KLEIN, p.41). Notavelmente, os Xerente utilizam as redes sociais ora como processo de interação e canal de acesso às informações, ora como ambiente para dar visibilidade e também manifestarem suas tradições culturais.

5.1 – A “Nação Xerente” construindo um Ciberativismo: por Srewe Xerente

Quando iniciava meu ciclo de pesquisas, em 2016, sobre os Akwẽ-Xerente e as redes sociais digitais, especificamente o *Facebook*, conheci a *fan page* “Nação-Xerente – Tocantínia-TO”⁷⁴. Instigado em aprofundar minha análise, com técnicas da etnografia virtual, busquei ouvir o próprio “administrador” ou produtor de conteúdo daquele canal de comunicação. Conheci, assim, Srewe Xerente, 55 anos, que nasceu na aldeia Ktepo e no início da década de 1990 passou a residir no

⁷³ Os povos Karajá e Javaé têm áreas indígenas demarcadas na Ilha do Bananal, também, no Tocantins e produzem a página e perfil “Povo Karajas” e “Aldeia Canoanã Javaé – Perfil”, respectivamente, iniciadas nos anos de 2012 e 2013, nesta ordem.

⁷⁴ A página do *Facebook* pode ser encontrada no link: <https://www.facebook.com/nacaoxerente/?fref=ts>.

centro urbano de Miracema, onde teve o primeiro contato com as tecnologias. Anos depois passou a morar em Tocantínia, local em que reside. Atualmente é funcionário público e comerciante.

Figura 26. Srewe Xerente, produtor de conteúdo da *fan page* Nação Xerente



Foto: Mário Vilela

Nosso primeiro contato foi através do *in box* da *fan page* citada, trocamos outros contatos, inclusive no próprio *Facebook* e do *Whatsapp*. Pessoalmente, o conheci em abril de 2017, quando realizei a primeira oficina sobre história das redes sociais digitais. Nessas conversas tanto pessoalmente, como via tecnologias de comunicação, Srewe afirmou:

Meu primeiro contato com a tecnologia foi em Miracema, antes do computador eu aprendi a usar a datilografia, que era uma tecnologia e tanto na década de 1990 (risos). E foi quando eu entrei em uma empresa de informática, eu fazia o controle da entrada e saída de frota de veículos, isso em 1997 e 1998. Assim, usando o computador passei a usar a internet e as redes sociais como Msn (risos), Orkut e depois com o surgimento do Facebook...criei o meu. Eu lembro ainda que foi em 2010 que as redes sociais entre os Akwẽ se intensificaram e há pouco tempo surgiu ainda o zap.

As redes foram muito importantes para integrar os indígenas com outros parentes, fazendo conexão e contato, conhecendo melhor e apresentando nosso povo, além de debater a questão de direitos e defesa dos povos indígenas.

De apenas internauta, Srewe Xerente passou a ser produtor de conteúdo, outra característica das tecnologias digitais, em que “permitem transformar o consumidor em produtor, criam novas

formas de produção, novas relações entre as pessoas e a comunicação (...)” (DELGADO e FUSER, 2011, p.74). Assim, Srewe Xerente criou a *fan page* “Nação Xerente – Tocantínia-TO”, em 2014, com o objetivo de dar visibilidade para as questões do seu povo.

A Nação Xerente foi criada com o objetivo de propagar e disseminar as informações sobre os povos indígenas, especialmente sobre os Xerente. Esse nome por entender que é uma nação com língua própria, cultura própria... e isso nos fortalece ainda mais. Por sinal, isso até motivou outras comunidades a usarem esse termo de nação em suas redes sociais.

Essa página trata sobre informações, ações e cobranças das terras indígenas Funil e Xerente. É muito importante divulgar isso em rede social, dando mais visibilidade as nossas tradições e o nosso povo, que muitas vezes é esquecido.

E busca ainda disseminar informações sobre outros assuntos que tem relação com as questões indígenas... manter nossos parentes informados para apresentar o que somos e mostrar o que está acontecendo no Brasil e no mundo relacionado aos povos indígenas.

Os Jogos Mundiais Indígenas, que foi realizado em Palmas, era muito esperado por nós, e antes de acontecer os jogos eu precisava criar esse canal para a comunidade externa saber mais sobre nós. Eu queira mostrar nossa Cultura, já que muita gente não conhecia sobre nós. A nação Xerente foi a que mais recebeu a imprensa e autoridades durante o evento.

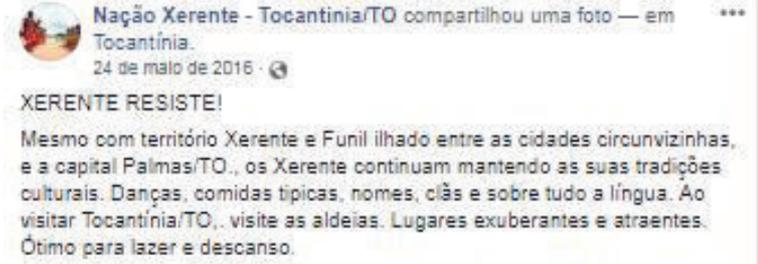
Figura 27. Página Nação Xerente - Tocantínia-TO



Fonte: Imagem retirada da *fan page* Nação Xerente – Tocantínia/TO. Acesso em: 02 jan. 2018.

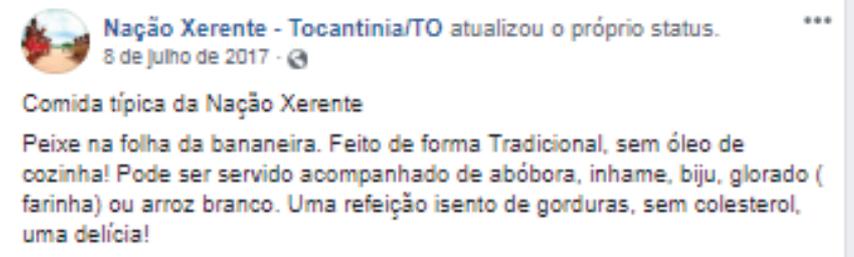
A página tem cerca de 2 mil seguidores; entre os principais assuntos das publicações estão principalmente aqueles relacionados as tradições culturais Xerente, exemplificadas na tabela a seguir:

Quadro 4: Tradições Xerente sendo retratadas na *fan page* Nação Xerente - Tocantínia-TO

| Tradições Akwê | Como são retratadas/descritas? |
|-------------------------|--|
| <p>Povo Akwê</p> | <p>É notório nas postagens da fan page descrições sobre o povo Xerente, a quantidade de suas populações, como vivem e a reafirmação de seus traços culturais.</p> <div data-bbox="448 432 1206 696">  </div>  |
| <p>Pintura Corporal</p> | <p>São normalmente descritas na fan page explicando como e em quais momentos são realizadas as pinturas e a relação com os clãs. Tem caráter informativo, exemplificado por meio de imagens.</p> <div data-bbox="485 1400 1407 1906">  </div> |

| | |
|----------------------------------|--|
| <p>Dasípe</p> | <p>Este item é o que mais aparece entre as publicações sobre “tradições”. Normalmente são divulgadas informações sobre o evento em aldeias que realizarão o Dasípe. Em outros momentos, há presença de elementos explicativos sobre o ritual, com fotografias e vídeos.</p> <div data-bbox="451 450 1129 1480"> <p>Nação Xerente - Tocantinia/TO 24 de agosto de 2017 · 🌐</p> <p>#CulturadaNaçãoXerente</p> <p>Está acontecendo na aldeia Brejo Comprido (kã wrakure) TI Xerente, município de Tocantinia/TO, dasípê, que iniciou-se dia dezanove de agosto e se encerrará, no sábado, dia vinte e seis, com batismos e nomeações dos membros de cada clãs. No encerramento haverá a corrida de toras em duplas. Participe!! A Nação Xerente, agradece!</p> </div> |
| <p>Corrida de tora de buriti</p> | <p>São apresentadas fotos e descrições sobre o ritual.</p> |

| | |
|-----------|---|
| | <p>Nação Xerente - Tocantnia/TO 14 de julho de 2017 · 🌐</p> <p>Encerramento amanhã, com corridas de toras de buriti</p> <p>Corrida de toras de buriti, aproximadamente 220 kilos, carregado em dupla sob revezamento. A distância mínima a ser percorrida é de aproximadamente 7 km. Dois grupos disputa a competição, os Htãmhã e Stêromkwa. No final há uma celebração onde os ganhadores e os perdedores se juntam fazendo Círculo, dançando e cantando de mais dadas, encerrando as atividades do evento, deixando muitas saudades entre os participantes.</p>  |
| Casamento | <p>Neste item foram publicadas fotos e pequenas descrições sobre o casamento Akwẽ.</p> <p>Nação Xerente - Tocantnia/TO está em Tocantnia Do Tocantins. 11 de março de 2017 · 🌐</p> <p>AMOR de Índio, Xerente e Branca, paz e amor!</p> <p>Hoje, dia 11 foi um dia especial aos casais. Um Índigena Xerente casou com uma mulher (branca). A cerimônia de casamento uniu os indígenas e brancos que se alegraram na aldeia Nrôzawi (Porteira), município de TOCANTÍNIA/TO.. A noiva é servidora, técnica em enfermagem (DSEI/TO/SESAI/MS) e conheceu o indígena que se encantou e resolveu trocar a cidade pela aldeia, convencida pela paixão e amor.</p>  |
| | |

| | |
|------------------|---|
| Rituais fúnebres | <p>Neste item é divulgado o falecimento de membros mais velhos e entre outros Akwẽ, além da data dos rituais fúnebres e a foto do Xerente falecido.</p>  |
| Comida típica | <p>Neste, há explicação sobre a comida típica.</p>  |

Fonte: Produzido pelo autor

Essas postagens estão associadas, muitas vezes, ao fortalecimento de suas tradições e a busca por desmistificar o equívoco do “índio genérico”, questionando a ideia de que todas as etnias são iguais (FREIRE, 2000). Mesmo não precisando provar isto, esses nativos querem “deixar justamente de sê-los [índios genéricos] ao afirmar sua especificidade, ao aprofundar os processos de diferenciação” (GONÇALVES, 2010, p. 98). Todavia, registram rituais e costumes específicos, selecionando, reconstruindo e fortalecendo manifestações culturais que, por vezes, “desejam preservar para as futuras gerações e, sobretudo, que elas julgam adequadas para se contrapor aos não índios. Neste segundo momento, a exigência de acesso à informação se completa com a exigência de comunicação” (GALLOIS e CARELLI, 1998, p.3).

Além da temática “tradições culturais Xerente”, há publicações sobre tecnologia, educação, política, demarcação de terra, meio ambiente, conflitos agrários, esporte, infraestrutura nas aldeias, saúde e direitos indígenas, reintegração de posse, desmatamento do cerrado e outros que estão relacionados a uma forma de ativismo indígena Xerente, claramente com características do ciberativismo ou net ativismo, na busca de ideais e projetos em comum, com o intuito de provocar algum tipo de mudança social. “No ativismo, opinamos, há maior exposição de elementos que compõem a faceta da identidade social e que estão relacionados (...) à faceta da identidade pessoal” (ROSA e SANTOS, 2013, p.75). Na mesma linha de pensamento, é possível citar Resende et al (2015, p.3): “Essa forma de ativismo é realizada com a intenção de divulgar e abrir espaços para determinadas causas e possíveis discussões sobre os assuntos”.

Figura 28 - Jogos de futebol Xerente como publicação



Foto: Imagem retirada da *fan page* Nação Xerente. Acesso em: 13 abr. 2018.

Figura 29 e 30. Notícia e reivindicação



Fotos: Imagens retiradas da *fan page* Nação Xerente - Tocantinia/TO. Acesso em: 14 abr. 2018.

Figura 31. Publicação sobre o MATOPIBA



Foto: Imagem retirada da *fan page* Nação Xerente. Acesso em: 02 mai. 2018.

Houve também participação dos Akwẽ na divulgação do Acampamento Terra Livre (ATL)⁷⁵, em 2017, que posteriormente realizaram manifestações contra o Governo brasileiro, sendo que muitos dos protestos foram mobilizados na internet, especificadamente nas redes sociais digitais, realizando um encontro às cegas entre si, reivindicando seus direitos (CASTELLS, 2013). Ao analisar as postagens, percebe-se que os assuntos de mobilização social e ativismo proporcionaram um alcance (audiência) maior, levando em conta as curtidas, comentários e compartilhamentos, provocando, pois, a interatividade com os internautas.

(...) os grupos e seus interlocutores estão presentes por meio dessas produções digitais construídas pelos mesmos, articulando novas estratégias de diferenciação, subjetivação e signos de identificações, **partindo de suas produções e interações midiáticas nativas articuladas em redes sociais digitais** (PEREIRA, 2013, p.67, grifo nosso).

Ao notar tais publicações, é necessário voltar à teoria de Vegh (2003) sobre as classificações que definem o ciberativismo, *Conscientização e apoio*, *Organização e mobilização* e ainda *ação/reação*; mais conhecidas por “*hacktivismo*”. Dentro destas é possível dizer que a *fan page* analisada apresenta elementos de conscientização, apoio e uma sutil presença da mobilização social por meio do digital, no caso o *Facebook*. Claramente, entre os Xerente existe um entendimento de que através da internet é possível criar mecanismos de divulgação e cobrança dos anseios do seu povo.

Srewe Xerente me disse em poucas palavras essa preocupação em dar visibilidade às problemáticas do povo Akwẽ utilizando o *Facebook*: “No início eu precisava mostrar meu povo, pouca gente conhecia. Hoje, eu vi que era necessário apresentar problemas do meu povo e buscar soluções. Tenho muito que fazer, mas já é um começo”.

⁷⁵ É um evento nacional que reúne povos indígenas de todo o país para manifestar e discutir sobre temas relacionados aos nativos. Em 2017, 14ª edição em Brasília (DF), mais de 4 mil indígenas realizaram protestos contra o Governo e a favor das políticas para os indígenas. Muitas das manifestações foram mobilizadas pela internet, seja na divulgação de sites de notícias ou em grupos do *Whatsapp*. Outras informações em: <https://mobilizaconacionalindigena.wordpress.com/>

Figura 32. Publicação sobre o ATL



Fonte: Imagem retirada da fan page Nação Xerente. Acesso em: 19 mar. 2018.

Além do ativismo indígena no ambiente digital em plena construção, os Akwẽ criam ainda um espaço de representações sobre suas tradições culturais, buscam a permanência dessas identidades e conexões com outros atores sociais, desta ou de outras expressões culturais, pois é justamente uma das dinâmicas do espaço digital (LEMOS E LÉVY, 2010).

As práticas midiáticas indígenas estão, quase sempre, conectadas a outros empreendimentos dos povos que as levam a cabo – tais como práticas escolares ou de organização política – mas especialmente a apostas feitas em uma forma específica de **produzir relações com seus outros. Não é de hoje, nem por causa das novas tecnologias de comunicação, que os povos indígenas elaboram tais relações** (LEMOS E LÉVY, 2010, p.37, grifo nosso).

Tais transformações acarretaram em novos contextos digitais, entre um clique e um curtir, entre um compartilhamento e um comentário, entre a necessidade de interagir e o anseio de valorizar suas tradições, e, sobretudo, em um ativismo constante pela democracia.

Após a analisar a página no *Facebook* de Srewe, entrei em contato, desta vez, através do *Whatsapp*. Ele me contou sobre outro projeto do que está participando, nomeado de “pássaro”, o qual busca desenvolver e divulgar as terras indígenas Funil e Xerente por meio de drones, que com

fotografias e vídeos buscará identificar queimadas e desmatamentos no cerrado, especificadamente onde ficam as aldeias Akwẽ.

*Uma ONG de São Paulo (SP) chamada IBIRAÛ está fazendo imagens e vídeos por meio de drone ou “pássaro”, como a gente batizou essa tecnologia. O projeto deles com o apoio dos Xerente têm como objeto a recuperação das nascentes, garantir o reflorestamento das nossas matas e evitar qualquer destruição do cerrado. Isso só mostra que **cada vez mais as tecnologias podem nos favorecer se a gente souber usa-las.***

Figura 33. Imagem aérea da aldeia Salto

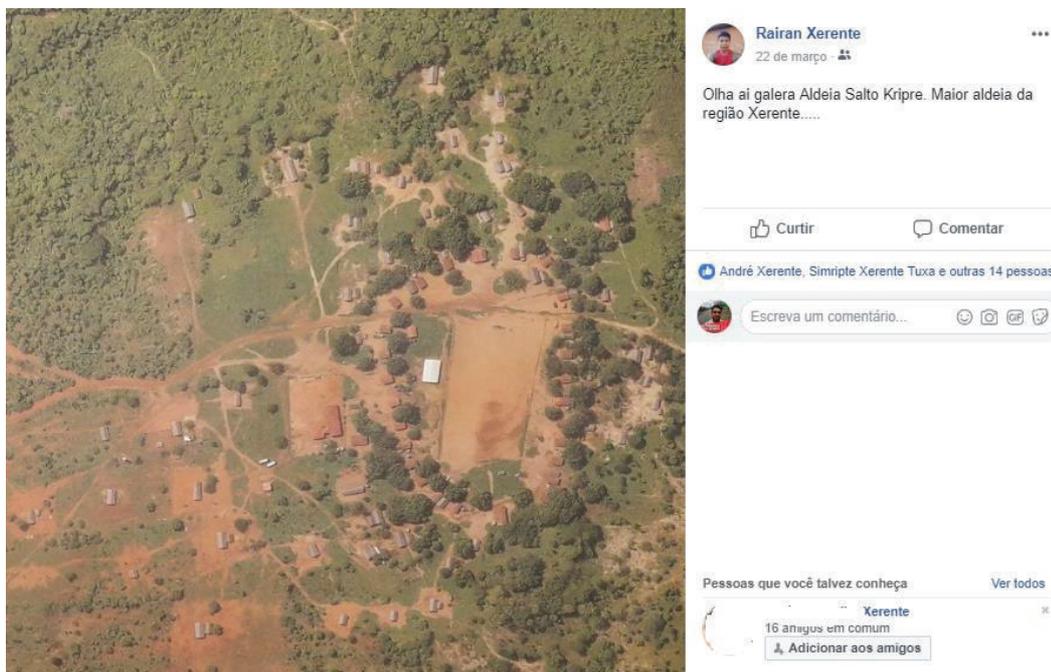


Foto: Imagem retirada do *Facebook* pessoal de Rairan Xerente. Acesso em: 28 abr. 2018.

5.2. Web Xerente, a produção de conteúdo de um ativista digital

Figura 34. Edvaldo Xerente, o produtor de conteúdo



Foto: Imagem retirada do *facebook* de Edvaldo Xerente. Acesso em: 10 mar. 2018.

Navegava. Justamente para encontrar outras páginas, perfis que proporcionavam a divulgação das questões que envolvem os Akwẽ-Xerente e as populações indígenas. Entre um clique e outro, passei a analisar a página “Web Aldeias Xerente”⁷⁶.

Figura 35. Web aldeias Xerente



Foto: Imagem retirada da *fan page* Web aldeias Xerente. Acesso 16 jun 2018.

⁷⁶ A página do *Facebook* pode ser encontrada no link: <https://www.facebook.com/edvaldo.akwe/>

Figura 36. Divulgação de artesanato



Foto: Imagem retirada da *fan page* Web aldeias Xerente. Acesso 16 jun 2018.

Fiz o primeiro contato com ele, também via plataforma digital do *Facebook*, o conhecido *Messenger*. Para minha surpresa a página no *Facebook*, existente desde o primeiro semestre de 2017, foi criada por um jornalista, assim como eu, por nome de Edvaldo Xerente, 49 anos. Apesar de poucas publicações na página, passei a analisar o seu perfil pessoal, que em meio às inúmeras publicações há uma enorme preocupação em dar voz aos anseios dos indígenas, seja Xerente ou de outras etnias, assunto que aprofundarei a seguir.

Edvaldo nasceu na aldeia Porteira e ainda na juventude foi morar em Tocantínia. Em 2006 começou o curso de Comunicação Social – Jornalismo, na Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Palmas. “Eu tive que parar o curso por dificuldades financeiras, mas voltei em 2011. Não desisti”, me contou, complementando em um dos vários encontros que tivemos nas minhas passagens por Tocantínia. Em 2003, começou a usar as tecnologias através do Procambix⁷⁷.

⁷⁷ Para ver mais detalhes sobre o Procambix, ver subcaptítulo 2.4.1.

Esta história ele me contou, em sua casa, com sorriso estampado no rosto e um olhar centrado em mim:

*Eu nunca tinha pegado em uma máquina fotográfica ou em uma filmadora. Me deram a função de registrar todas as atividades do Procambix. Eu tive que me virar pra mexer nela. Eu fui fazer na prática... sem nenhum curso... aprendi sozinho. Mas, consegui juntar muitos materiais. Depois que fiz jornalismo tive muitas ideias e me ajudou muito a divulgar sobre minha comunidade Xerente. Eu sempre tive isso em mim, mas foi o jornalismo que me deu técnicas. E com a chegada da internet facilitou ainda mais. **Eu tive que aderir às redes sociais, até para facilitar o contato e até para ajudar na faculdade... Todo mundo tinha, eu tinha que ter... Edvaldo Xerente.***

Há uma compreensão, por meio desta fala, de que muitos Akwẽ, como Edvaldo Xerente querem ter acesso e aprender práticas do “mundo do branco” (MELO e GIRALDIN, 2012) muitas vezes pela busca de igualdade em meio às desigualdades sociais existentes para com os indígenas. Ao mesmo tempo reforçam em suas publicações o processo de diferenciação ou especificidade (GONÇALVES, 2010) ao mencionarem suas tradições culturais, seus elementos diacríticos, reforçarem suas fronteiras étnicas (BARTH, 1976), que definem seu povo. Como afirma Barth:

(...) las fronteras étnicas son conservadas en cada caso por un conjunto de rasgos culturales. Por tanto, la persistencia de la unidad dependerá de la persistencia de estas diferencias culturales y su continuidad puede ser especificada por los cambios en la unidad producidos por cambios en las diferencias culturales que definen sus límites (BARTH, 1976, p.48).

Ainda para Barth (1976), as fronteiras étnicas são mantidas, em cada caso, por um conjunto limitado de características culturais, que persistem apesar do contato interétnico e da interdependência.

Compartilhando e divulgando nossa cultura as pessoas podem não só ver, mas guardar fotos, vídeos... É também um registro. Sempre fiz pensando nisso. É um resgate. Como não tinha ninguém pra escrever, filmar ou tirar fotos do Xerente... muita coisa da nossa história se perdeu... porque as pessoas morrem. E essas tecnologias ajudam a guardar nossa memória. Hoje estou tentando fazer isso. Com o avanço das tecnologias muita gente, especialmente os mais novos não querem mais ouvir os mais velhos. E as tecnologias ajudam exatamente a fazer com que esse jovem, criança ou adulto escute, saiba e veja sobre a cultura Xerente. Edvaldo Xerente.

Os guardiões da memória ou anciões, mencionados nos capítulos anteriores desta pesquisa, continuam a existir com suas histórias, mitos e tradições. Paralelo a estes guardiões, surgem outros

guardiões, tecnologias de comunicação e informação, que trazem elementos para registrar as histórias, as culturas e as tradições Akwê, guardando-as. Não como uma substituição, mas no sentido de coexistência e adição.

Assim, são as redes sociais digitais, como o *Facebook*, aqui exemplificado, o qual é ainda uma forma inovadora de falar sobre si, assumindo o papel político de fazer proliferar sentidos ou rechaçar registros de suas tradições orais (KLEIN, 2013, p.36). Visto que é comum ouvir nas falas desses indígenas a preocupação com o registro para que todo esse emaranhado de cultura não venha a ser, com o passar do tempo, esquecido, apagado ou silenciado. Como reforça Barth (1995):

A cultura está sempre em fluxo e em mudança, mas também sempre sujeita a formas de controle. Os principais processos criativos e expansivos de conhecimento e diversificação sobre os quais falei não são ilimitados na sua capacidade de produzir variação contínua. Vejo três processos contrários à variação que gostaria de ressaltar: **os processos de controle, silenciamento e apagamento das experiências. A cultura que cada pessoa está acumulando e vivendo está em constante reformulação, não apenas devido à sua expansão, mas também por ser limitada e canalizada por esses três processos** (BARTH, 2005, p. 22, grifo nosso).

O uso das redes sociais digitais e das tecnologias de comunicação não apenas fizeram com que os Akwê-Xerente tivessem acesso às técnicas, mas permitiram interatividade⁷⁸ (característica das redes sociais digitais), propagação de suas tradições e ativismo no universo digital, o net ativismo.

A expansão da Internet trouxe consigo uma gama de possibilidades de interação que rompem diversas barreiras, como a da geografia, língua e política. O que antes remetia à cultura urbana e suas interconexões, hoje ganha visibilidade em diversos grupos que, até então, não eram incluídos em várias políticas públicas, como comunidades e povos tradicionais, moradores da periferia e outros grupos etnicamente distintos. É a problematização gerada por esses grupos, que não responde a um padrão de comunicação formatado por grandes mídias, que precisa ser assistida. Essas tecnologias estão na dinâmica do dia a dia, em seus processos políticos, na luta pela afirmação identitária e territorial (...) (BITENCOURT, 2014, p.19).

⁷⁸ “Essas novas formas de sociabilização, mediadas pelas TIC, expõem traços e comportamentos de cada cultura. Até então, elas não eram mediadas por recursos tecnológicos não produzidos pelas próprias comunidades e, agora, formam um conjunto de sentidos só possíveis pela presença no ciberespaço na mediação pela Internet” (BITENCOURT, 2014, p.35).

No perfil pessoal do *Facebook* de Edvaldo Xerente há diversos assuntos em suas publicações. Como apresento no quadro a seguir:

Quadro 5: Assuntos identificados no perfil de Edvaldo Xerente

| Assuntos/conteúdo | O que foi dito a cerca do assunto? |
|---|---|
| Tradições culturais dos Akwẽ | Neste item, é possível verificar fotos e vídeos, muitas vezes, produzido por ele mesmo, sobre tradições culturais como o Dasipe, comidas típicas como paparutu, pinturas corporais, artesanatos de capim dourado ou fibras de buriti. Além disso, são utilizados textos explicativos sobre esses elementos culturais. |
| Política | Neste item, Edvaldo se posiciona politicamente em relação a ações políticas voltadas às questões indígenas. Na grande maioria das postagens aparecem atos políticos que são contrários aos indígenas e aqueles temas que giram em torno dessas populações, tanto regional como nacional. Para isso, são usados compartilhamentos de notícias, vídeos ou imagens para exemplificar os fatos. |
| Educação e pesquisas acadêmicas | Neste item, como no anterior, Edvaldo compartilha fotos, vídeos e notícias sobre educação Akwẽ e pesquisadores e suas pesquisas acadêmicas realizadas no ambiente das aldeias das terras Funil e Xerente. |
| Projetos sociais e eventos nas aldeias | Neste item, identifiquei que Edvaldo divulga projetos realizados por igrejas ou outros grupos da sociedade envolvente, além dos eventos culturais e festivos nas aldeias Xerente. Isto por meio de fotos, vídeos e textos. |
| Esporte, Saúde, Meio Ambiente e Turismo | Neste item, resolvi unir estas temáticas visto que Edvaldo utiliza dos mesmos elementos para divulgação destes assuntos, como textos, vídeos e fotos. Vale ressaltar que a maioria destes são referentes à causa indígena, outros à cidade de Tocantínia. |
| Reivindicações | Neste ponto, fica evidente que Edvaldo propaga cobrança ao poder público sobre as principais demandas dos Akwẽ ou da comunidade de Tocantínia, além de uma forma de ativismo digital indígena. |

Fonte: Produzido pelo autor

Figura 37 e 38. Cultura e tradição Xerente no *Facebook*



Fotos: imagens retiradas do *facebook* pessoal de Edvaldo Xerente. Acesso em: 11 mai. 2018.

Além desta forte característica de Edvaldo de divulgar assuntos que envolvem as questões indígenas, especialmente sobre os Akwẽ-Xerente, um outro fator me chamou bastante atenção ao navegar por meio de sua *time line* (linha do tempo) do *Facebook*, mencionado também na tabela anterior: as publicações de ativismo, que discutem e cobram do poder público a valorização da religião e da cultura Akwẽ, as problemáticas que giram em torno das questões de demarcação das terras indígenas em todo território brasileiro, a busca pela visibilidade e pelo fim do preconceito contra indígenas, além de educação, cultura e outras temáticas.

*Eu não gosto muito de falar de mim nas redes sociais, mas noticiar sobre minha cultura... o jornalismo cobra também né.. Os outros postam selfies, eu posto fotos, vídeos e notícias sobre meu povo, eu **cobro do poder público**... Além disso, as redes sociais foi muito importante na troca de informação entre os indígenas, melhorou muito...até mesmo entre outras etnias...agora sei o que tá acontecendo entre as aldeias... E vejo que os parentes já estão preocupados em se informar, cobrar dos políticos e se manifestar. Edvaldo Xerente.*

Figuras 39, 40, 41 e 42. Ativismo digital Xerente

Fotos: Imagens retiradas do *facebook* pessoal de Edvaldo Xerente. Acesso em: 16 abr. 2018.

As palavras de Edvaldo confirmam ainda as afirmativas de Pereira (2008, p.317) de que “o poder de comunicação da internet potencializa a independência deles [indígenas] para buscar ações a partir de ‘seus próprios ideais’”. A autora ainda reflete que a presença indígena na internet “parece representar a capacidade de integração de múltiplos pontos de vista nesse novo espaço social, promotor de uma nova sociabilidade, interativa e flexível, movida por fluxos comunicativos” (PEREIRA, 2008, p.296).

Retomo a teoria de Vegh (2003) sobre as classificações que definem o ciberativismo, *Conscientização e apoio*, *Organização e mobilização* e ainda *ação/reação*; mais conhecidas por “*hacktivismo*”. Portanto, existem os mesmos elementos do ciberativismo com o que foi analisado na página “Nação Xerente – Tocantnia-TO”, sendo estes: conscientização, apoio, organização e uma preocupação quanto a mobilização por meio digital. Claro que ainda é muito sutil se comparado a grandes mobilizações como o Movimento Zapatista. Todavia, existe um passo dado em direção a essas mobilizações. Participar, debater *in loco* e propor discussões em redes sociais digitais é fundamental nesse universo do ativismo digital, ciberativismo ou net ativismo.

6. DASÍPE: TE NOMEIO E TE NAVEGO @KWẽ

Figura 43. Dasípe com presença das tecnologias na aldeia Salto, em julho de 2017



Foto: Elvio Marques

Já iniciei essa história (ver subcapítulo 2.3.2). Retomo aqui para aprofundar dentro do enquadramento do uso das redes sociais digitais em meio às tradições culturais dos indígenas em análise. Escolhi, portanto, o Dasípe justamente por ter uma grande importância para o povo Xerente, sendo um ritual de nomeação de crianças. É uma das festas mais populares entre os Xerente e há uma grande participação da sociedade envolvente.

Ano a ano, o Dasípe vem se transformando, incluindo novos elementos, provando que as identidades não são estáticas, pelo contrário, estão sendo ressignificadas, transformadas.

Dasípe é um conjunto de atividades e ritos culturais indígenas, simplesmente conhecido pela sociedade não indígena como festa indígena Akwẽ-Xerente, como **destaque para a nomeação feminina e masculina**. Não existe um calendário fixo para a realização desta manifestação cultural, a data é definida a partir de critérios como a presença de meninos e meninas ainda sem o nome da tribo e as condições financeiras para a realização do evento. O tempo propício para a realização da festa são as estações não chuvosas na região (...), procura-se adequar ao calendário de férias escolares (MENESES e XERENTE, 2017, p.5).

O meu primeiro contato com o ritual foi na aldeia Salto em julho de 2017. Cheguei logo no primeiro dia, dos outros seis que viriam pela frente. O sol começava a aparecer, eram 7h, aos poucos avistava os Xerente chegando um a um no warã (centro da aldeia) com madeiras e palhas.

O ancião Valdeciano Xerente, já apresentado, foi o primeiro a me recepcionar, entreguei a ele alguns alimentos para a partilha na comunidade, como é de costume durante eventos festivos. Minutos depois no warã, dezenas de homens, mulheres e crianças realizando a pintura corporal, os traços sendo feitos com o jenipapo marcavam pessoas pertencentes aos seis clãs.

No meio do warã, que hoje serve também como um campo de futebol, homens chegavam com madeiras e aos poucos ia surgindo uma espécie de cabana de palha que serviria para abrigar apenas os homens, em especial os anciões durante o ponto alto do Dasipe, além de uma grande fogueira que é feita para as noites.

Sempre foi feito assim, no warã, mas muita coisa mudou... a pintura era com carvão, agora é o jenipapo, não tinha carro pra buscar madeira, não tinha microfone pra chamar o povo. É...as coisas mudaram...tá diferente.
Valdeciano Xerente.

Figura 44. O warã tecnológico na aldeia Salto, em julho de 2017



Foto: Elvio Marques

Algumas horas depois o cacique Valci Sinã veio ao meu encontro, me deu as boas vindas, em seguida ligou a caixa de som, pegou o microfone, falou inicialmente na língua akwẽ e depois agradeceu aos visitantes que ali estavam. Sentei próximo a ele, que me começou a explicar e a resgatar na memória as mudanças do ritual nos últimos anos.

São sete dias de evento. No inicio vamos pintar...quem quer pintar, vamos construir a casa de palha e madeira no warã e depois vamos visitar as famílias das

*crianças que serão nomeadas. Daí vai ter corrida de tora, torinha... E no meio da semana vai ter a nomeação das mulheres e ao final, o ponto mais forte, a nomeação dos homens... Esse dia é bonito... vamos pro mato, apenas os homens, para se preparar o ponto alto do ritual. No início era tudo mais simples, aqui tudo mudou, e uma das coisas foi à tecnologia, o carro, o telefone, o microfone... sempre existiu o Dasipe, mas a cada ano uma novidade... Eu vejo que ajudou muito, olha só... eu como cacique tinha que ir casa a casa passar os horários, como ia acontecer... quem queria ser nomeado... hoje a gente manda no grupo do zap e pronto... um ou outro que não tem... daí a gente vai pessoalmente... Eu pego o microfone aqui em minutos tá todo mundo aqui. O carro veio pra ajudar a pegar a madeira e os jenipapos... porque é longe. **Outra coisa é divulgação do nosso ritual, da nossa tradição... temos muitos parentes fora e muita gente que não conhece... e agora ficam informados, conhecem nossa tradição. Isso é bom, só não pode atrapalhar... hora de ritual é hora de ritual... hora de tirar foto é hora de foto....***

Figura 45. No centro o warã e o meio de comunicação interna da aldeia Salto, em julho de 2017



Foto: Elvio Marques

O sol ia se pondo, os mais velhos preparavam brincadeiras com as crianças, iam elas correndo de um lado pro outro com uma madeira. À noite com a fogueira acesa, houve uma corrida de tora entre mulheres e outra entre as crianças. No dia seguinte cantos e danças de casa em casa, informando que o Dasipe estava chegando. Os dias foram passando, vi corridas de tora, mais pinturas corporais, visitas, cantos e danças. Era tão notável que, como já dito, as novas circunstâncias das tecnologias não anularam antigos hábitos.

No sábado, último dia do ritual, estavam os homens, todos no meio do mato, debaixo de uma mangueira, entre cantos e orações. “*As mulheres ficam em casa, a gente só prepara a comida... não pode ir lá não... só ficamos de longe e vamos lá levar a comida deles... mas às visitas podem ir ver*”, me explicou Dona Creuza Xerente.

Figura 46. Homens no mato se preparam para o Dasípe e registram



Foto: Elvio Marques

Aos poucos eu reparava o constante uso dos celulares e máquinas fotográficas digitais, o que certamente me chamou atenção, já que meus olhos estavam vidrados ali. Notavelmente, iam surgindo outras formas de registrar e guardar a memória do ritual.

*É importante a gente guardar cada momento...para gente **divulgar nossa cultura e guardar**. Tem coisas que eu não filmo porque eu tenho que participar... mas tem sempre um que não participa...ou participa e grava ao mesmo tempo. Tem ancião que não gosta que fica filmando tudo...**mas hoje em dia não tem mais como**...Agora se ficar aqui no mato filmando... tem que participar, se pintar, ficar sem camisa, dançar, cantar... **Augusto Dakburoikwa Xerente**.*

A gente tira foto, filma, grava tudo**. Eu deixo tudo aqui no meu celular, aí quando tem internet boa, eu posto. Nem sempre tem internet aqui. Eu uso mais quando estou na cidade. Mas, os jovens, adolescentes, adultos...muita gente aqui na aldeia usa. Tem os grupos no zap. Muita gente tem facebook. É uma forma de mostrar nossa cultura. **O Dasípe precisa ser visto. O povo não vem aqui assistir? Igual você... porque não pode divulgar? Tem gente que critica que atrapalha o ritual...

mas eu acho que ajuda. Temos que saber usar, tudo que é usado com cuidado e respeito não tem problema. Gilson Bruwe.

Figura 47. Dasípe registrado e guardado



Foto: Elvio Marques

Figura 48. Registrando e guardando o Dasípe



Foto: Elvio Marques

Ora, a disseminação das tecnologias “afeta a toda a sociedade, independente da posse que se tenha dos novos produtos informatizados – o que acontece, é claro, em graus e níveis diferenciados” (DELGADO E FUSER, 2012, p.74). Isso é um dos fatores da globalização, que atravessam fronteiras, integrando e comunicando novos mundos espaciais e globais (HALL, 2006).

E assim como mencionado pelos Akwê-Xerente entrevistados acima, os autores Gallois e Carelli (1998) reforçam o fortalecimento e a reconstrução das manifestações culturais por meio das tecnologias:

Ao registrarem e visualizarem, no pátio das aldeias, suas performances – sejam rituais ou negociações políticas – essas comunidades selecionam, reconstróem e fortalecem manifestações culturais que elas desejam preservar para as futuras gerações e, sobretudo, que elas julgam adequadas para se contrapor aos não índios. Neste segundo momento, a exigência de acesso à informação se completa com a exigência de comunicação (GALLOIS e CARELLI, 1998, p.3).

Enquanto se preparavam, já ao final do dia, no centro do warã estavam os visitantes, mulheres e crianças, todos com suas máquinas fotográficas, filmadoras e celulares esperando os homens que saíam da mata. Segundos depois, a caixa de som, conectada a um notebook, começou a tocar um canto na língua akwê. Era o aviso de que o ritual se iniciava. Todos de mãos dadas, em fila, batiam os pés, com as cabeças baixas, cantavam ao som Xerente. Em seguida formaram duas filas com uma abertura no meio e começa, assim, a nomeação. O pai ou mãe da criança levava o filho até o ancião, que apresentava o nome a dois membros da comunidade, pintados e com algodões no corpo uma espécie de “batizadores” ou quem anunciavam os nomes, todos cantados e também com a ajuda da tecnologia do computador e da caixa de som.

Assim, é notável que o ritual continua com os mesmos elementos culturais de anos anteriores, quando ainda não existiam as tecnologias. Todavia, atualmente, paralelo a esses traços culturais existem os flashees, a presença de tecnologias que facilitam a comunicação do ritual, as gravações e a divulgação via redes sociais digitais, como no *Facebook*. Prova disso, é que minutos depois já circulavam nas redes sociais digitais fotos, vídeos e textos sobre o Dasipe. Entre essas, estavam aquelas produzidas por Simripte Xerente Tuxa, 29 anos, da aldeia Salto.

*Eu uso e muita gente usa os celulares e posta no Facebook... no Dasipe também. Ajuda a guardar e até divulgar nossa cultura. Não acho que atrapalhe, já é uma coisa que faz parte do Dasipe. **Já é parte da nossa cultura. Muita gente está longe daqui e conhece nossa cultura. Tem muita gente que não tem celular porque não tem condição... dinheiro pra ter, mas quem tem usa...tranquilo.***

Figura 49 e 50. No *Facebook*, o Dasĩpe



Fotos: Imagens retiradas do *facebook* pessoal de Simripte Xerente Tuxa. Acesso 11 jun 2018.

Benjaminim (2004, apud MENESES e XERENTE, 2017) reforça sobre a refuncionalização ou resistência cultural de certas manifestações, frente aos processos de globalização, mesmo que apresentem outras funções sociais. No caso do Dasĩpe, para os Akwẽ pode ter ainda a função de propagar as tradições culturais deste povo, muito além de apenas um ritual de nomeação, já que o mesmo atrai pessoas de várias localidades e com isso pode repercutir na mídia⁷⁹ regional com maior facilidade, colaborando na propagação da cultura dessa população indígena.

Logo, além dos Akwẽ-Xerente estarem no universo digital, ou seja, serem internautas ou nativos digitais, esses mesmos indígenas compartilham seus sinais diacríticos no universo das redes sociais digitais, seja como uma singela fotografia ou até mesmo um vídeo explicativo sobre o Dasĩpe. De um lado, um imenso cuidado para que as tecnologias não atrapalhem a execução do ritual, por outro lado existe uma notória preocupação em registrar, guardar e promover.

Com isso, é importante reforçar que a atual realização do Dasĩpe perpassa, pois, duas

⁷⁹ Ver o trabalho “Folkmídia e cultura indígena Xerente: uma análise do agendamento midiático do Dasĩpe”, dos autores Verônica Dantas Meneses e Edvaldo Sullivan Xerente, disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0324-1.pdf>

esferas: a *online* e *offline*, sendo hibridizada, “como duas dimensões que andam lado a lado, mas não separadas” (WARD, 1999, apud FERRAZ e ALVES, 2017, p.13 e 14).

Assim, a apropriação das tecnologias não altera o ritual, apenas leva suas imagens para outros lugares, amplia seu alcance imagético, afeta outras pessoas e contextos sociais, criando outros laços, numa verdadeira fragmentação de códigos culturais (HALL, 2006).

(...) existe uma força de atualização incrível na experiência em rede. A força poderosa e eles entenderam isso, e fazem sua expressão a confirmação do que é para eles uma possibilidade de transformação a partir de uma (re)laboração étnica, problematizada nos seus termos coloniais, (re)construída por subjetividades étnicas indígenas “digitais” (PEREIRA, 2008, p.328).

A noite chegava. Para iluminar os Akwẽ, além da luz da lua e da fogueira, eles contavam com os aparelhos celulares e as luzes das casas. Alguns olhares estavam voltados para a lua, outros certamente para a tela do celular, na conexão constante com as redes sociais digitais.

Com aquela imagem, eu retomava a estrada, a pesquisa e os pensamentos. Ficavam as memórias e a certeza de que há um novo universo crescente nas comunidades Akwẽ-Xerente, o digital. Paralelo a isso há a resistência de um povo pela manutenção de suas tradições culturais e pela sobrevivência na sociedade, em que essas tecnologias estão na dinâmica do dia a dia, na luta pela afirmação identitária (BITENCOURT, 2014), como já citado anteriormente. Naquela noite, em meio à estrada escura e que suspirava solidão no cerrado que dormia, eu me lembrava das palavras de Edvaldo Xerente: “*Nossas tradições irão resistir às mudanças. E as tecnologias serão peça fundamental para nos ajudar, inclusive para guardar... são nossos novos guardiões e nos ajudam a ter voz*”. Essas palavras entoam o entendimento desses cerca de oito meses de pesquisa etnográfica junto aos Akwẽ-Xerente: a ressignificação das tradições dessa população indígena é evidente, ao mesmo tempo que trazem consigo o ethos⁸⁰ Akwẽ.

A minha partida era apenas presencial, visto que ficavam as conexões, como eles sabem bem fazer. Lá permaneciam entre os rios Tocantins e Sono, no cerrado dos pequis tocantinenses, os digitalnativos (DI FELICE, 2005) ou @kwẽ-Xerente.

⁸⁰ “O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete” (GEERTZ, 2015, p. 93). Vale ressaltar que “É o presente e não o passado que domina o ethos (...)” (MCCALLUM, 1992, p. 4, apud WEBER, 2006, p.166).

Figura 51. Digitalnativo durante o Dasipe, em 2017 na aldeia Salto



Foto: Elvio Marques

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os 10 meses de pesquisa, vivência, diálogos, histórias e conhecimentos me trouxeram entendimentos dos modos de viver, as novas formas de apropriação, de relacionamento e comunicação dos Akwẽ-Xerente, em pleno cerrado tocantinense. É uma história em construção. Eu, Pankararu, estaria mergulhado numa experiência única, diferente da que vivi ou viverei com meu povo, numa clara compreensão de que as comunidades indígenas não são genéricos, pelo contrário.

Graças aos métodos da etnografia, me lancei no dia a dia das aldeias Salto e Porteira, que me trouxe à tona a história oral propriamente dita de cada entrevistado. Assim, nasceu a Parte I desta dissertação, em que os relatos de diversos Akwẽ retrataram a historicidade dessa população marcada por suas tradições seculares próprias, ora esquecida e negada, ora reconhecida pelos seus traços pluriculturais. Além de narrar anseios, conflitos, lutas e os seus elementos culturais, relatei ainda a história da eletricidade e das tecnologias de informação e comunicação nas aldeias Xerente, iniciando a discussão e o objetivo desta presente pesquisa.

Certamente, eu não poderia deixar de descrever as percepções sobre a apropriação tecnológica e comunicacional por estes nativos indígenas, visto que é o *corpus* desta pesquisa. Eis que surge na Parte II, a análise, por meio de métodos da etnografia digital, o uso das tecnologias e das redes sociais digitais, especialmente do *Facebook*, no cotidiano das aldeias pesquisadas, o que trouxe como resposta o processo de “indigenização da modernidade”, numa constante prática de incorporar o sistema tecnológico ao sistema próprio Akwẽ. Além disto, busquei discutir a nova forma de “habitar” com a apropriação do ciberespaço e ainda uma discussão sobre cultura e “cultura”, em que a “cultura em si” desses indígenas reforçam identidade, dignidade e poder ao mostrarem suas práticas culturais e anseios em rede social (a “cultura”). Por fim, analiso a *fan page* “Nação Xerente – Tocantínia-TO” e perfis de Srewe e Edvaldo Xerente, em que são protagonistas de suas próprias histórias, produzem conteúdos sobre seu povo, dando publicidade ainda aos seus anseios das demais populações indígenas. Com isso, trago um debate sobre ativismo digital, ciberativismo ou net ativismo Xerente, mostrando o empoderamento e desejo de mais qualidade de vida. Capítulos que puder narrar ainda duas histórias, de Srewe e Edivaldo, os ativistas digitais, com um papel importantíssimo na propagação dos ideais dessa população indígena, além do protagonismo e representatividade indígena.

Não satisfeito com estas exemplificações, analiso ainda um dos principais rituais, o Dasipe, que está passando por ressignificação ao ponto que as práticas tecnológicas ou comunicacionais,

como a propagação via redes sociais, estão sendo inseridas em paralelo ao ritual secular, num claro desejo pela preservação dessas tradições culturais Akwẽ, tendo a tecnologia como ferramenta imprescindível neste processo.

Deste modo, os Akwẽ-Xerente de Tocantínia-TO, ao se apropriarem das redes sociais digitais, especificadamente do *Facebook*, se reconstroem e se reelaboram etnicamente (PEREIRA, 2008; BARTH, 1995). Essa realidade dos Xerente é o retrato de grande parte dos indígenas do Brasil que, em meio a uma imensidão de diversidade cultural, sobrevivem a conflitos, perseguições, quebram estereótipos e reafirmam lutas por preservações culturais, assim como pela igualdade de direitos. A previsão de desaparecimento dos povos indígenas cedeu lugar à constatação de que “os índios estão no Brasil para ficar” (CUNHA, 2012, p.122-123). Logo, os povos indígenas encontram na internet um “porta voz” prático e acessível aos seus anseios, onde podem mostrar suas diversidades culturais e dizer que são brasileiros. E por mais que prevaleça no discurso social o equívoco de que os indígenas são sinônimos de grupos com culturas congeladas, atrasadas e, assim, vivam em isolamento⁸¹, esses mesmos nativos vêm provando o contrário.

Portanto, a Nação Xerente continua a preservar e a ressignificar os seus traços culturais. Paralelo a isso, estão também digitalizados, conectados, com formas de fazer cultura, propagar, guardar e fortalecer. Prova disso, como relatado, as brincadeiras no quintal, a produção de artesanatos, a lida da casa, o plantio de hortaliças, o caçar, a pintura corporal, a conversa através da língua akwẽ, a comida típica e outros permanecem de forma evidente. O que me resta esclarecer é que as apropriações tecnológicas não substituíram hábitos Xerente, mas foram a eles acrescentados sendo utilizados também no dia a dia.

Chego ao fim apenas de uma pesquisa e percepções, consciente de que essa história está apenas começando. Assim, como as tecnologias. E os Xerente só comprovam que estão prontos para novas transformações em suas realidades.

Em Tocantínia, fica um cenário inesquecível dos buritizais, das mangueiras e dos pequis, com rios, córregos e uma fauna única. E entrelaçado a tudo isso, haverá sempre um povo, que resiste, persiste, preserva, contraria os equívocos sociais, se transforma, busca direitos, luta e luta.

⁸¹ “(...) somos tentados a pensar que as sociedades indígenas de agora são a imagem do que foi o Brasil pré-cabralino, e que, como dizia Varnhagen, por razões diferentes, sua história se reduz estritamente à sua etnografia. (...) moldando unidades e culturas novas, cuja homogeneidade reside em grande parte numa trajetória compartilhada. (...) a ideia de isolamento deve ser usada com cautela em qualquer hipótese, pois há um contato mediatizado” (CUNHA, 2012, p.12).

Assim, são os Akwe-Xerente, em que continuaremos conectados, literalmente, e que a partir daqui possamos entendê-los como nativos digitais indígenas, em sua maioria, ou @kwê-Xerente.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Ana Carolina Costa dos; FRAGA, Camila Komatsuzaki; NILO, Adriana Tigre Lacerda. **A Cultura Xerente e a Influência da Mídia no Redimensionamento dos Contextos Interativos na Aldeia Porteira no Tocantins**. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Goiânia – GO. 2010. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/lista_area_DT07.htm>. Acesso em 20 set 2017.
- BARROSO, Lidia Soraya Liberato. **As pequenas pegadas na história dos senhores do mundo: as crianças Akwe**. In: Cultura e História dos Povos Indígenas – Formação, Direitos e Conhecimento Antropológico. Organização Márcia Machado. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.
- BARTH, Frederick. **Etnicidade e o conceito de cultura**. In: Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política. N. 1. Niterói: EdUFF, 1995.
- _____. **Los Grupos étnicos e sus fronteras: la organización social de las diferencias culturales**. México: Fondo de La Cultura Económica. 1976.
- BITENCOURT, Ricardo Barbosa. **A etnografia virtual dos índios Pankararu do sertão pernambucano**. Paulo Afonso/BA. 2014.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2015.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, Volume I, 1999.
- _____. **A Sociedade em rede**. Paz e Terra, Volume I, 2001.
- _____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros -1ed- Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271p.
- COELHO, Teixeira. **A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001**. São Paulo: Iluminuras. Itaú Cultural, 2008.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios do Brasil: história, direitos e cidadania**. São Paulo: Claro Enigma, 1ª ed. 2012.

_____. **Cultura e “cultura”: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais**. In: Cultura com aspas. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Disponível em <<https://fredericomb.files.wordpress.com/2017/03/cunha-manuela-carneiro-cultura-e-cultura-cultura-com-aspas.pdf>>. Acesso em 11 mai 2018.

FUSER, B. ; DELGADO, J. . **Produção Audiovisual de Velhos e Jovens no Bairro Dom Bosco: Memória, Identidade e Cidadania**. In: XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais - Diversidades e (Des) Igualdades, 2011, Salvador. XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Anais Eletrônicos. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011.

DEMARCHI, André Luis Campanha. **Kukràdjà Nhipejx/Fazendo Cultura- Beleza, Ritual e Políticas da visualidade entre os Mebêngôkre-Kayapó**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. 2014. Disponível em < https://issuu.com/andredemarchi/docs/kukradja_nhipejx-fazendo_cultura>. Acesso em 2 mai 2017.

DI FELICE. **O “digitalnativo”**. In: LOPES, M. I. V. e BUONANNO, M. (org.) Comunicação social e ética. São Paulo: Intercom, 2005.

DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete da Silva. **O digitalnativo: a presença indígena na rede**. [20-??]. Disponível em <<http://docplayer.com.br/15390877-O-digitalnativo-a-presenca-indigena-na-rede.html>>. Acesso 14 set 2017.

DSEI-TO. Distrito Especial Sanitário Indígena do Tocantins. Sistema de Informação Interna. **Dados sobre etnias do Tocantins**. Palmas: DSEI, 2017.

ELHAJJI, Mohammed. **Comunicação, Cultura e Novas Formas de Conflituosidade**. Murcia - Espanha: Sphera Pública, num. 4, p.37-52, 2004.

FAUSTO, C. In: GORDON, César. **Economia Selvagem: mercadoria e ritual entre os índios Kikrin-Mebêngôkre**. São Paulo: Ed. Unesp, ISA; Rio de Janeiro: Nati. 2006. Prefácio.

FERRAZ, Cláudia Pereira; ALVES, André Porto. **Da etnografia virtual à etnografia online - Deslocamentos dos estudos qualitativos em rede digital**. Outubro 2017. Disponível em <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/spg-4/spg10-4/10962-da-etnografia-virtual-a-etnografia-online-deslocamentos-dos-estudos-qualitativos-em-rede-digital/file>>. Acesso em 02 jan 2018.

FLICK, U. **Qualitative Forschung: Theorie, Methoden, Anwendung in Psychologie und Sozialwissenschaften**. [Pesquisa qualitativa: teoria, métodos, aplicação na psicologia e nas ciências sociais] Reinbek: Rowohlt. 1995.

FRAWLY, JACK; LARKIN, Steve; SMITH, James A.. **Indigenous Pathways, Transitions and Participation in Higher Education**. Australia: Springer Open. 2017.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Cinco Idéias equivocadas sobre os índios**. In Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH). N° 01 – Setembro, 2000. P.17-33. Manaus-Amazonas.

GALLOIS, D. T.; CARELLI, V. **“Índios eletrônicos”:** uma rede indígena de comunicação. In Sexta Feira. Antropologia artes humanidades, n. 2, São Paulo: Pletora. 1998. Disponível em <http://www.antropologia.com.br/tribo/sextafeira/pdf/num2/indio_elet.pdf> Acesso em 13 ago 2017.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. 2015.

GONÇALVES, Marco Antonio. **Zonas de Contato: quando “cultura” se torna um conceito nativo (Os índios na contemporaneidade)**. In: Traduzir o outro: Etnografia e Semelhança. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Identidades territoriais**. In: Corrêa, R. e Rosendhal, Z. (orgs.) *Manifestações da Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1999.

KLEIN, Tatiane Maira. **Práticas midiáticas e redes de relações entre os Kaiowa e Guarani em Mato Grosso do Sul**. São Paulo, 2013. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível em < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-14012014-121443/pt-br.php>> . Acesso em 29 mai 2018.

LEMOS, André. **Ciber-socialidade: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Revista Logos – Comunicação e Universidade. Faculdade de Comunicação Social – UERJ. Ano 4, número 6. 1997.

_____. **Ciber-Cultura-Remix**. 2005. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>>. Acesso em 13 mai de 2017.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O Futuro da Internet: em direção a uma Ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus. 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34. 1999.

LIMA, Layanna Giordana Bernardo. **Os akwe-xerente no Tocantins: território indígena e as questões socioambientais**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p.274. 2016. Disponível em < http://www.geografia.flch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Marta/1s2017/Layanna_Tese_par_a_fichamento.pdf>. Acesso em 07 jun 2017.

MACHADO, Murilo Bansi. **Entre o controle e o ativismo hacker: a ação política dos Anonymous Brasil**. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, supl., dez. 2015, p.1531- 1549. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v22s0/0104-5970-hcsm-22-s1-1531.pdf>>. Acesso em 15 jul 2017.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril, 1976.

MELO, Valéria M. C. **Diversidade, Meio Ambiente e Educação: uma reflexão a partir da sociedade Xerente**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) – PPGCiamb/ Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2010. Disponível em <http://www.uft.edu.br/neai/file/diss_valeria.pdf>. Acesso em 09 mar 2017.

_____. **O movimento do mundo : Cosmologia, alteração e xamanismo entre os Akw-Xerente**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016. Disponível em <<http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5519>>. Acesso em 13 mar 2017.

MELO, Valéria M. C. de; GIRALDIN, Odair. **Os Akwe-Xerente e a busca pela domesticação da escola**. Campo Grande – MS: Tellus, ano 12, n. 22, p. 177-199, 2012. Disponível em <<http://www.tellus.ucdb.br/index.php/tellus/article/view/279>>. Acesso em 24 mar 2017.

MENESES, Verônica Dantas; XERENTE, Edvaldo Sullivan. **Folkmídia e cultura indígena Xerente: uma análise do agendamento midiático do Dasípe**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0324-1.pdf>>. Acesso em 18 mai 2018.

MESQUITA, Rodrigo. **Empréstimos linguísticos do português em Xerente Akwe**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2009. Disponível em <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese:mesquita-2009/mesquita_2009.pdf>. Acesso em 14 set 2017.

MILHOMEM, Maria Santana F. dos Santos. **Enfoques de gênero no contexto indígena Xerente: algumas constatações**. Cad. Esp. Fem: Uberlândia/MG, v. 24, n. 1, p. 103-121, 2011. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/14220>>. Acesso em 11 ago 2017.

NOVAES, Washington. **O índio e a modernidade**. In: GRUPIONI, Luís D. B. (org). Índios no Brasil. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994.

NILO, Adriana Tigre Lacerda. **A mídia como fator de redimensionamento das tradições indígenas e construção da memória da cultura Xerente - uma análise da aldeia Porteira**. 2010. Disponível em <www.ufg.br/alcar/noticias-dos-nucleos/artigos/A%20midia%20como%20fator%20de%20redimensionamento%20das%20tradicoes%20indigenas%20e%20construcao%20da%20memoria%20da%20cultura%20Xerente%20%20uma%20analise%20da%20aldeia%20Porteira.pdf>. Acesso em 12 jun 2017.

PAIXÃO, Cláudio Chaves; NILO, Adriana Tigre Lacerda. **A audiência televisiva entre os índios Xerente da aldeia Porteira**. Palmas: 9º Seminário de Iniciação Científica da Universidade Federal do Tocantins. 2013. Disponível em <<http://eventos.uft.edu.br/index.php/sic/IX/paper/viewFile/439/17>>. Acesso em 19 set 2017.

PEREIRA, Eliete da Silva. **Ciborgues Indígen@as.br: a presença nativa no ciberespaço**. Dissertação de Mestrado. Centro de Pesquisa e Pós-graduação das Américas, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2007. 169p. Disponível em <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/2361>>. Acesso em 11 out 2017.

_____. **Ciborgues indigen@s.br: entre a atuação nativa no ciberespaço e as (re) elaborações étnicas indígenas digitais**. In: II SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 2008, São Paulo. Anais eletrônicos. Disponível em: <<http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Eliete%20Pereira.pdf>>. Acesso em 14 out 2017.

_____. **O local digital das culturas: As interações entre culturas, mídias digitais e territórios**. 2013. 295 f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-06052014.../ElietePereira.pdf>. Acesso em 16 out 2017.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RESENDE, Tamires Parreira; FREITAS, Yarim Mayma Ferreira; OLIVEIRA, Pedro Pinto de. **Ciberativismo Nas Redes Sociais: Compartilhando Mudanças**. Intercom – Campo Grande – MS. 2015.

RIGITANO, Maria Eugenia Cavalcanti. **Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente**. I Seminário Interno do Grupo de Pesquisa em Cibercidades, FACOM-UFBA. Outubro de 2003.

RODRIGUES, K. S. **Saúde reprodutiva das mulheres akwe-xerente: uma perspectiva intercultural** [dissertação]. Goiânia (GO): Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais. Programa de pós-graduação em antropologia social; 2014. Disponível em <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3965>>. Acesso em 11 jul 2017.

ROSA, Gabriel Arthur Marra e; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **Facebook e as nossas identidades virtuais**. Brasília: Thesaurus, 2013. 200 p.

RÜDIGER, Francisco. **Cultura e Cibercultura: princípios para uma reflexão crítica Culture and Cyberculture: principles for a critical reflection**. In O Estatuto da Cibercultura no Brasil, Vol. 34, N°01, 2011.

SAHLINS, Marshal. **O “pessimismo sentimental” é a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção**. In: Mana v. III n. 1, 1997.

SÁNCHEZ, Waldo Lao Fuentes. **O movimento zapatista: Na construção da sua autonomia**. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/diversitas/article/download/113948/111797>>. Acesso em 13 mai 2017.

SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. Revista FAMECOS: Porto Alegre, nº 22, dezembro 2003.

SCHROEDER, Ivo. **Política e Parentesco nos Xerente**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Disponível em < www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde.../TESE_IVO_SCHROEDER.pdf>.

Acesso em 21 mai 2017.

_____. **Os Xerente: estrutura, história e política.** Soc. e Cult., Goiânia, v. 13, n. 1, p. 67-78, jan./jun. 2010. Disponível em < <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/11174>>.

Acesso em 23 mai 2017.

SILVA, Reijane Pinheiro. **O índio negado e o índio desejado: a “pacificação” dos indígenas na construção da identidade do Tocantins.** Campo Grande-MS: Tellus, ano 10, n. 19, p.145-162, 2010.

SILVA, Reijane Pinheiro; BARCELOS, Aline Costa; HIRANO, Bruno Queiroz Luz; IZZO, Renata Sottomaior, CALAFATE, Jaqueline Medeiros Silva; SOARES, Tássio de Oliveira. **A experiência de alunos do PET-Saúde com a saúde indígena e o programa Mais Médicos.** Interface: Comunicação, saúde, Educação. P. 1005 a 1014. 2015. Disponível em < <http://www.scielo.org/pdf/icse/v19s1/1807-5762-icse-19-s1-1005.pdf>>. Acesso em 21 fev 2017.

SILVA, Reijane Pinheiro; SOUZA, Apoliana Ribeiro de Sousa. **Alcoolismo e uso do álcool entre os Akwen Xerente do Tocantins: a perspectiva indígena.** RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 14, n. 42, p. 109-120, 2015. Disponível em < <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/ReijanePinheiroSilvaArt.pdf>>. Acesso em 14 fev 2017.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TORRES, Juliana Cutolo. **Cyborgcracia: entre gestão digital dos territórios e redes sociais digitais.** In: Do Público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social. Organizador Massimo Di Felice. São Caetano do Sul – SP: Difusão Editora, 1. Ed.2008.

TOMLINSON. J. **Globaization and Culture.** Chicago: Chicago University Press, 1999.

VEGH, Sandor. **Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank**. In: MCCAUGHEY, M., AYERS, M.D. (ed.). *Cyberactivism: online activism in theory and practice*. London: Routledge, 2003.

XERENTE, Antonio Samuru. **Educação Tradicional e Educação Escolar Indígena Atual dos Akwe-Xerente**. In: *Cultura e História dos Povos Indígenas – Formação, Direitos e Conhecimento Antropológico*. Organização Márcia Machado. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. 200p.

WEBER, Ingrid. **Um copo de cultura: os Huni Kuin (Kaxinawá) do rio Humaitá e a escola**. Rio Branco: EDUFAC, 2006.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora UNB, 2004.

ANEXOS

PARECER DO CEP/CONEP

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O REDIMENSIONAMENTO DAS TRADIÇÕES CULTURAIS INDÍGENAS MEDIANTE O USO DAS REDES SOCIAIS PELOS AKWÉ-XERENTE DE TOCANTÍNIA-TO

Pesquisador: ELVIO JUANITO MARQUES DE OLIVEIRA JUNIOR

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

Versão: 3

CAAE: 78551317.0.0000.5519

Instituição Proponente: TOCANTINS SECRETARIA DE ESTADO DE SAUDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.641.171

Apresentação do Projeto:

Analisa-se o uso das novas tecnologias da comunicação, sendo específico das redes sociais digitais, e ainda o redimensionamento das tradições pelos povos indígenas Akwe-Xerente de Tocantínia-TO, a partir das aldeias Porteira e Salto. Por meio de uma etnografia, será possível verificar como estes indígenas utilizam as redes sociais digitais e ainda a história das tecnologias para com os Xerente. Desta forma, a pesquisa tem como principal importância a compreensão das relações entre comunicação, identidades culturais, considerando as mediações presentes nos processos comunicacionais na vida cotidiana, a partir do olhar da diversidade cultural dos próprios nativos indígenas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar e relatar o acesso aos meios tecnológicos e comunicacionais pelos indígenas e o redimensionamento das suas tradições.

Objetivo Secundário:

Identificar as redes sociais digitais, as formas de utilização e como estas estão colaborando ou não na manutenção de suas tradições e propagação de seus anseios, a partir da visão dos Xerente das aldeias Porteira e Salto.

Continuação do Parecer: 2.641.171

Avaliação dos Riscos e Benefícios:**Riscos:**

A participação dos indígenas Akwe-Xerente nesta pesquisa poderá acarretar possíveis desconfortos relacionados à sua cultura, visto que o resultado da pesquisa pode não corresponder às expectativas e entendimento de algumas pessoas sobre como se relacionam com as novas tecnologias, além do modo de ver e entender o mundo indígena Xerente, e também podem não gostar das narrativas dos participantes não indígenas. Desta forma, podem sofrer exposição, críticas, preconceitos, constrangimentos e ofensas. Para isso, será informado pelo pesquisador os riscos, onde e quem poderá ter acesso a esse material. E só após isso o indígena aceitará ou não participar da pesquisa, assinando, assim, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo a liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo.

Benefícios:

Acreditamos que essa pesquisa será importante, tanto no aspecto social, que ao descrever o uso das tecnologias pelos Xerente buscaremos desmitificar afirmativas preconceituosas de que os indígenas não podem ter acesso às tecnologias ou que eles estão alheios aos conhecimentos e técnicas; como no aspecto científico, na contribuição de estudos sobre as tecnologias da comunicação e informação no Brasil, especialmente sobre os indígenas. Entre outros benefícios está à colaboração na divulgação, por meio desta pesquisa, sobre suas práticas culturais, seus anseios e realidades, que já são, muita vezes, divulgadas pelos nativos, porém continuam desconhecidas por grande parte da sociedade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Todas as recomendações apontadas em parecer anterior foram atendidas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados e estão de acordo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Continuação do Parecer: 2.641.171

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|--|------------------------|--|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_976433.pdf | 28/04/2018 12:12:05 | | Aceito |
| Outros | Projeto_Pesquisa_Elvio_ALTERADO.doc | 28/04/2018 12:11:24 | ELVIO JUANITO MARQUES DE OLIVEIRA JUNIOR | Aceito |
| Outros | Carta_Em_Resposta_Ao_CEP_CONEP.pdf | 28/04/2018 12:10:34 | ELVIO JUANITO MARQUES DE OLIVEIRA JUNIOR | Aceito |
| Outros | FUNAI_Autorizacao.pdf | 29/11/2017 18:12:08 | ELVIO JUANITO MARQUES DE OLIVEIRA JUNIOR | Aceito |
| Cronograma | Cronograma_.pdf | 29/11/2017 18:08:59 | ELVIO JUANITO MARQUES DE OLIVEIRA JUNIOR | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | ProjetoDePesquisa_Elvio.doc | 29/11/2017 16:05:45 | ELVIO JUANITO MARQUES DE OLIVEIRA JUNIOR | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_ELVIO.doc | 29/11/2017 16:05:04 | ELVIO JUANITO MARQUES DE OLIVEIRA JUNIOR | Aceito |
| Outros | CArta_De_Respostas_Elvio.pdf | 29/11/2017 16:02:48 | ELVIO JUANITO MARQUES DE OLIVEIRA JUNIOR | Aceito |
| Outros | Carta_De_Apresentacao.PDF | 05/09/2017 21:36:37 | ELVIO JUANITO MARQUES DE OLIVEIRA JUNIOR | Aceito |
| Outros | Autorizacao_Caciques.PDF | 05/09/2017 21:35:21 | ELVIO JUANITO MARQUES DE OLIVEIRA JUNIOR | Aceito |
| Outros | Declaracao_Orientador_Andre.PDF | 05/09/2017 21:33:08 | ELVIO JUANITO MARQUES DE OLIVEIRA JUNIOR | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores | Declaracao_Fase_Inicial.PDF | 05/09/2017 21:23:43 | ELVIO JUANITO MARQUES DE OLIVEIRA JUNIOR | Aceito |
| Orçamento | orcamento_Elvio.PDF | 05/09/2017 21:22:04 | ELVIO JUANITO MARQUES DE OLIVEIRA JUNIOR | Aceito |
| Folha de Rosto | Folha_De_Rosto.PDF | 05/09/2017 21:20:02 | ELVIO JUANITO MARQUES DE OLIVEIRA JUNIOR | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado
Bairro: Plano Diretor Norte **CEP:** 77.001-090
UF: TO **Município:** PALMAS
Telefone: (63)3232-8023 **E-mail:** cep_uft@uft.edu.br

Página 03 de 04

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 2.641.171

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PALMAS, 08 de Maio de 2018

Assinado por:
PEDRO YSMAEL CORNEJO MUJICA
(Coordenador)

AUTORIZAÇÃO DE INGRESSO EM TERRAS INDÍGENAS FUNAI – FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

 Timbre
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
SBS Quadra 02 Lote 14 Edifício Cleto Meireles, - Bairro Asa Sul
CEP 70070-120 Brasília - DF
- <http://www.funai.gov.br>

Ofício nº 327/2017/AAEP-FUNAI

Brasília - DF, 16 de novembro de 2017.

A Sua Senhoria o Senhor

ELVIO JUANITO MARQUES DE OLIVEIRA JUNIOR

108 Norte, Alameda 6, lote 2, apartamento 201

77006-102 - Palmas - TO

Assunto: **Ingresso em Terra Indígena.**

Referência: **Caso responda este Ofício, indicar expressamente o Processo nº 08620.010674/2017-83.**

Senhor Elvio Oliveira Junior,

Envio a Autorização de Ingresso em Terra Indígena nº 95/AAEP/PRES/2017, para ingresso na Terra Indígena Xerente, povo Akwê-Xerente, com o objetivo de desenvolver a pesquisa científica intitulada "O Redimensionamento das tradições culturais indígenas mediante o uso das redes sociais pelos Akwê-Xerente de Tocantina-TO".

2. Eventuais esclarecimentos poderão ser feitos pelo telefone (61) 3247-6039 e e-mail aaep@funai.gov.br

Atenciosamente,

 Documento assinado eletronicamente por CRISTINE APARECIDA MUNIZ MENEZES, Chefe de Gabinete da Presidência, em 16/11/2017, às 14:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.